

# OS MELHORES CONTOS



O. Henry

# OS MELHORES CONTOS



O. Henry



# OS MELHORES CONTOS



O. Henry





**O. Henry**

**OS MELHORES CONTOS**

Título original:

*“O. Henry Best Short Stories “*

1a edição

The logo for LeBooks, featuring the word "LeBooks" in a blue serif font with a green leaf-like shape above the letter "e".

Isbn: 9786558941125

[LeBooks.com.br](http://LeBooks.com.br)

A LeBooks Editora publica obras clássicas que estejam em domínio público. Não obstante, todos os esforços são feitos para creditar devidamente eventuais detentores de direitos morais sobre tais obras. Eventuais omissões de crédito e copyright não são intencionais e serão devidamente solucionadas, bastando que seus titulares entrem em contato conosco.

## **Prefácio**

Prezado Leitor

O. Henry (1862 - 1910) era o pseudônimo de William Sydney Porter, um dos maiores contistas americanos do século XIX. Seus contos romantizados, geralmente com finais imprevisíveis, se tornaram a sua marca registrada e fizeram dele um dos autores mais populares do seu tempo.

Escritor fecundo e talentoso, O. Henry foi sempre um otimista e, em sua obra, não há lugar para a amargura e o desespero. Nesta preciosa coletânea, o leitor será apresentado a este grande contista americano por meio de treze de seus melhores contos.

Uma excelente leitura

**LeBooks Editora**

## Sumário

APRESENTAÇÃO

Sobre o autor e obra

PRISÃO SEM GRADES

OS MAGOS DO ORIENTE

AUTOBIOGRAFIA DE UM CACHORRO AMARELO

MAN ABOUT TOWN

VINTE ANOS DEPOIS

O QUARTO MOBILIADO

O CAMINHO QUE TOMAMOS

“O TRANSITÓRIO ÁGUIA-PRETA”

A ÚLTIMA FOLHA

REABILITAÇÃO QUASE FRUSTRADA

“DICK-ASSOBIO” E UM PÉ-DE-MEIA

O CARROSSEL DA VIDA

A CIDADE ONDE NADA ACONTECIA

# APRESENTAÇÃO

## Sobre o autor e obra

O. Henry (1862 - 1910) era o pseudônimo de William Sydney Porter, um dos maiores contistas americanos do século XIX e um dos autores mais populares do seu tempo. Foi sempre um otimista e, em sua obra, não há lugar para a amargura e o desespero. O. Henry deixou como legado um verdadeiro documentário de seu tempo, bem como instantâneos do gênero humano, sempre encorajadores e otimistas.



O. Henry nasceu na Carolina do Norte numa família culta e abastada. Aos três anos de idade e após a morte da mãe por tuberculose, o pai, médico, decidiu que a família deveria se mudar para a casa da avó paterna. William começou por frequentar a escola de uma tia e aos 15 anos foi frequentar o Liceu que concluiu tendo a tia por tutora. Em 1879 empregou-se com aprendiz de farmacêutico na drogaria do seu tio tendo, aos 19 anos, obtido a licença de farmacêutico.

Em 1882 foi para o Texas, pois alguma sintomatologia de tuberculose e a ideia que uma mudança de clima seria benéfica contribuíram para essa decisão. Casou-se e empregou-se como caixa num banco, começando também a escrever. Comprou um jornal, The Rolling Stone, que encerrou pouco depois. Porter foi acusado de desfalque no banco e fugiu para as Honduras, de onde regressou passados três anos devido ao estado terminal da sua esposa que continuou a viver no Texas.

Julgado e sentenciado, cumpriu pena durante quatro anos numa prisão do Ohio, tendo começado a escrever sob o pseudônimo de O. Henry. Após cumprir a sentença, mudou-se para Nova Iorque onde viveu em estado de reclusão quase absoluta, embora fosse extremamente popular, com o terror de ser reconhecido como William Sydney Porter, devido aos anos passados na prisão.

Acabou por morrer alcoólico e na miséria. Está enterrado no Cemitério Riverside, Asheville, Carolina do Norte. O. Henry foi um autor original e fecundo, com um ritmo de escrita tal que lhe é atribuído praticamente um novo conto por semana.

### **Principais Obras:**

O presente dos Reis Magos

Contos policiais;

Os caminhos que tomamos

Palmeiras e presidentes;

Contos de O. Henry;

Contos de Natal;

A teoria e o cão;

Polícias e ladrões;

A decisão de Georgia.

# **OS MELHORES CONTOS DE O. HENRY**

## PRISÃO SEM GRADES

Deitado em um banco do Hyde Park, Lucky movia-se nervosamente, como se alguma preocupação atrapalhasse o seu sono. E, quando o nosso herói dormia intranquilo na quietude de um jardim, era porque o inverno já estava se tornando demasiado rigoroso.

Uma folha ressecada soltando-se de uma árvore quase desnuda, foi cair sobre o rosto do vagabundo. Um calafrio percorreu o seu corpo e o homem teve consciência de que devia se prevenir contra o mau tempo.

Os seus desejos não se mostravam, a este respeito, muito exigentes. Queria apenas passar os dois meses de frio mais intenso em uma prisão. Era o melhor meio de assegurar a comida e o leito diários.

As células dos cárceres vinham sendo, aliás, há alguns anos, os quartéis de inverno de Lucky. E já estávamos nos meados de dezembro. Fazia-se, portanto, necessário ir o quanto antes para a cadeia. Há várias noites, o homem vinha se deitando no banco próximo à fonte e, apesar das folhas de jornais velhos que distribuiu debaixo das suas roupas, o frio gelava-lhe o corpo e perturbava o seu sono. Nem sentia prazer, como agora, em fumar uma ponta de charuto, sonhando, entre a sua fumaça, com as grades do cárcere.

Lucky desprezava a ajuda que, em nome da caridade, costuma ser prestada aos necessitados. A lei, na sua opinião, era mais benigna do que a filantropia. Existem, nas grandes metrópoles, algumas dezenas de instituições onde um indivíduo pode passar a noite e comer qualquer coisa, mas, para o espírito de um autêntico vagabundo, essa caridade aparecia como uma ofensa. Os benefícios recebidos de estranhos, se não são pagos em dinheiro, devem ser descontados em humilhações. Quando alguém oferece uma cama, ou dá um pedaço de pão, é à custa de inúmeras

perguntas acerca de questões pessoais e privadas. E daí a vantagem de figurar entre os hóspedes da lei, que impõe unicamente determinadas regras de conduta, não se envolvendo na vida íntima de ninguém.

Decidido a ingressar em um dos institutos correcionais da cidade, para uma temporada de dois ou três meses, Lucky pôs-se a pensar na maneira de realizar os seus desejos. Havia muitas formas simples de consegui-lo. Mas a maneira mais agradável era comer lentamente em um bom restaurante e confessar, depois, que não podia pagar a despesa. O “garçom”, silenciosamente, sem armar escândalo, se encarregaria de entregá-lo a um agente de polícia. E um juiz severo se ocuparia do resto.

Na manhã seguinte, Lucky deixou o Hyde Park e foi caminhando, sem pressa, pela Piccadilly Street. Entrou, depois, na Shaftesbury, parando em frente de um restaurante. O seu aspecto inspirava-lhe, de certo modo, confiança. Estava barbeado, tinha o paletó limpo e a gravata era nova. O mal estava apenas nas calças amarrotadas e nos sapatos rotos. Mas, se conseguisse sentar-se a uma das mesas, o êxito seria completo, pois a parte visível de sua pessoa não poderia provocar suspeitas ao “garçom”. Seria um almoço ótimo, com licor, café, charuto, e culminando na desejada prisão... E, quando o homem se dispôs a entrar no restaurante, os olhos do porteiro cravaram-se nos seus sapatos rotos e nas suas calças desfiadas. Um par de braços fortes fê-lo girar sobre si mesmo e, silenciosamente, o vagabundo foi colocado em meio da calçada.

Tranquilo, como se nada houvesse acontecido, Lucky dirigiu-se para Holborn Street. E, na esquina de Chancery Lane, viu uma loja com as vitrinas, enfeitadas, cheias de brinquedos de Natal. Sem vacilar, êle procurou uma pedra, atirando-a em uma das vitrinas. O cristal partiu-se, produziu grande estrépito e, logo, surgiram várias pessoas, inclusive um policial. O vagabundo continuou parado, com as mãos nos bolsos, sorrindo para todo mundo.

— Para onde terá fugido o autor deste atentado? — indagou, excitado, o agente.

— Não lhe parece que fui eu? — disse Lucky, em tom amável, como se se estivesse dirigindo a um anjo portador de boa sorte.

O policial, surpreso, olhou para o vagabundo. Sorriu e, fazendo um gesto de incredulidade, saiu atrás de um homem que repentinamente surgira na porta de um café e começara a correr para alcançar um ônibus. Um pouco desapontado pelo duplo malogro, o nosso herói continuou a andar, até que viu, na Aldersgate Street, um restaurante de aspecto modesto, destinado às pessoas de muito apetite e poucos recursos. As calças amarrotadas e os sapatos rotos não foram obstáculo para a sua entrada no estabelecimento. Sentou-se a uma mesa e comeu de tudo o que havia no cardápio. E, quando terminou, chamou o “garçom” e disse:

— Não tenho dinheiro para pagar. E pode, por isso, ir chamar um guarda. Mas procure não se demorar.

— Não costumamos chamar a polícia — respondeu o empregado, ao mesmo tempo que fazia sinal a um companheiro.

Os dois homens levantaram Lucky pelas orelhas e o levaram até a porta, atirando-o, de um empurrão, na calçada polvilhada de neve. Um policial, que estava a alguns metros dali, pôs-se a rir, vendo a lição que os “garçons” davam ao freguês relapso. Sacudindo a roupa, o vagabundo levantou-se e começou a pensar que a sua prisão estava se tornando um sonho quase irrealizável, sendo demasiado longo o caminho para o cárcere. Andou, assim, várias quadras, sem se animar a fazer uma nova tentativa. Achava-se, positivamente, em um dia de pouca sorte.

Não tardou, porém, a se apresentar uma oportunidade que Lucky julgou excelente. Em frente à vitrina de um bazar, achava-se uma mulher de aparência modesta e simpática, olhando com atenção a exposição de brinquedos. Alguns passos mais adiante, em outra vitrina, um agente de porte severo examinava, não menos atentamente, alguns chapéus. O aspecto elegante da mulher e a presença do policial animaram o vagabundo, que teve, desta vez, a certeza de que o punho da lei o aprisionaria, assegurando a sua

estada em um dos quartéis de inverno de Londres. Ajeitou a gravata, estirou os punhos da camisa e, colocando o chapéu de lado, aproximou-se resolutamente da mulher, no mesmo tempo que tossia para chamar a atenção. Lucky viu, de soslaio, -que o agente o observava. A mulher afastou-se alguns passos e novamente voltou a olhar para a vitrina. O vagabundo tirou o chapéu e lhe disse, em voz alta e em tom provocador:

— Olá, querida! Não quer passear comigo? Eu aprecio as companhias amigas. . .

O policial acompanhava a cena com o olhar. A mulher fez um sinal dissimulado a Lucky. E respondeu:

— Com muito gosto, meu querido primo.

E, em voz baixa, acrescentou:

— Não seja imprudente. Não vê que o agente nos vigia?

Levando a desconhecida pelo braço, o vagabundo afastou-se, enquanto os seus olhos tristes não se separavam do severo representante da lei. Na outra quadra pediu desculpas à mulher e, com passo lento, dobrou na primeira esquina. Um inexplicável terror se havia apoderado de Lucky. Algum malefício o imunizara contra as prisões! E êste pensamento fêz que o pânico tomasse conta do homem.

Confuso, Lucky continuou vagando, durante mais de uma hora, pelas ruas. Até que, diante de uma charutaria, viu um cavalheiro bem-vestido, que acendia um cigarro.

O homem havia deixado, apoiado na porta de entrada, o seu guarda-chuva de seda. O vagabundo aproximou-se da porta, apanhou o guarda-chuva e saiu andando vagarosamente.

— Psiu! — chamou o homem, acompanhando Lucky, que já ia alguns metros distante. — Olá, cavalheiro, traga o meu guarda-

chuva! É o senhor aí!...

— É seu o guarda-chuva? — indagou, irônico, o vagabundo. — E por que não chama um agente? Eu apanhei o seu guarda-chuva, mas ali na esquina está um policial. Por que não o chama?

O guarda já se havia aproximado dos dois homens e os olhava com curiosidade.

— Perdoe... — disse o homem do guarda-chuva. — Este cavalheiro... Mas o senhor sabe como se dão estas confusões... Se o guarda-chuva é seu, desculpe-me... Ainda hoje, no restaurante, vesti o sobretudo alheio, pensando que era o meu...

O homem do guarda-chuva fez uma saudação com a cabeça e retirou-se. O policial foi novamente para o seu posto e Luky continuou a andar. Entrou por uma rua estreita e deserta e jogou fora o guarda-chuva. O vagabundo caminhava maldizendo os indivíduos que usavam o distintivo e o “cassetete” de policiais. Dir-se-ia que essa gente o confundia com alguma personalidade a quem não podiam incomodar. Era o cúmulo! Por que não o prendiam?

Lucky estava, agora, em Cannon Street e os seus passos o levaram até a Catedral de São Paulo. O velho templo, quase deserto, estava todo preparado para as comemorações do Natal. Dentro daquele silêncio profundo, a doce música de um órgão chegou até os ouvidos do vagabundo, imobilizando-o na porta da igreja. O homem pareceu recordar outros dias em que sabia de uma mãe, de amigos, de ambições, de conforto... E, de repente, compreendeu o horror do abismo em que havia caído, compreendeu a degradação de sua existência. Um impulso comovedor de seu coração e uma vontade forte de luta o arrastavam, nesse instante, a combater contra o seu destino. Ele mesmo sairia da lama! E far-se-ia outra vez homem, reconstruindo a sua vida e, com ela, as suas ambições. Chegaria a ser alguém no mundo...

Lucky sentiu que uma mão pesada se apoiava em seu ombro. Voltou a cabeça e deu de cara com um policial.

— Que estava fazendo aqui? — perguntou o agente.

— Nada — respondeu, em voz baixa, Lucky.

— Acompanhe-me, então, ao distrito! — ordenou o guarda.

E, na manhã seguinte, no tribunal, o juiz sentenciou:

— Três meses de prisão.

## OS MAGOS DO ORIENTE

Um dólar e oitenta e sete centavos. Era tudo quanto possuía. E, mesmo assim, sessenta centavos em miúdos. Esses níqueis haviam sido poupados, um a um, adulando o merceeiro, o verdureiro e o açougueiro até que se ruborizasse, constrangida pela discreta insinuação de sovínice que esse expediente não deixava de refletir. Por três vezes, Delia contou o dinheiro. Um dólar e oitenta e sete centavos... E o Natal seria no dia seguinte!

Deprimida, deixou-se cair sobre o velho e acanhado sofá do apartamento, e pôs-se a chorar. Enquanto se consumia nesse desespero, não deixou de refletir que a vida — para muitas criaturas — é feita apenas de soluços, de desejos frustrados, de sorrisos, mas principalmente de aspirações nunca realizadas.

Enquanto a senhoria fiscalizava a limpeza dos quartos, começando pelo primeiro andar e logo passando para o segundo, será conveniente dar-se uma impressão do que era aquela casa de cômodos. Apartamentos mobiliados a 8 dólares por semana! Só este detalhe dispensava qualquer comentário. Contudo, se a casa não merecia uma descrição, fazia pensar, sem dúvida, na necessidade, em que se encontrava, de uma fiscalização da polícia de repressão à mendicância.

No vestíbulo, embaixo, existiam uma caixa-postal, que nunca recolhia cartas, e uma campainha elétrica, virgem do toque de qualquer dedo humano. Via-se ali, também, um cartão, sobre o qual estava impresso o nome “Sr. James Dillingham Junior”.

Aquele “Dillingham” estivera mais ou menos em evidência, sendo olhado com respeito, durante certo período de prosperidade, quando o seu dono tinha um salário de 30 dólares por semana. No momento, porém, já que aquela renda havia sido reduzida para apenas 20 dólares, as letras da palavra “Dillingham” pareciam

esmaecidas, dando a impressão de que estivessem seriamente dispostas a se reduzirem a um modesto e desprezioso “D”. Apesar de tildo, sempre que o Sr. James Dillingham Junior retornava ao lar e se dirigia para o seu apartamento, nunca deixava de ser chamado de “Jim” e de ser carinhosamente beijado pela senhora James Dillingham Junior, que não era outro senão Delia, já apresentada ao leitor.

Delia estava, de fato, consternada. Ainda afundada no sofá, decidiu que teria de tomar uma atitude heroica. Limpou os olhos, inundados de lágrimas, e recompôs o rosto com a esponja de pó de arroz. Levantou-se em seguida e se aproximou da janela. Olhando para fora, ficou a observar, com interesse, um gato cinzento que caminhava ao longo de uma cerca, existente no fundo do quintal. “Amanhã será Natal” — pensou outra vez — “e só disponho de um dólar e oitenta e sete centavos para comprar um presente para Jim!”

Durante aqueles últimos meses, ela estivera economizando todo níquel que lhe caíra nas mãos, e o resultado ali estava... Na realidade, vinte dólares por semana não davam para nada. Além do mais, as despesas da casa haviam sido maiores do que tinha imaginado. Era sempre assim — os projetos sempre falhavam. E o Natal batia à porta, e ela só dispunha daquela mísera quantia para dar um presente ao seu Jim. Durante o ano, vivera horas felizes, planejando o que lhe iria comprar. Desejava adquirir alguma coisa que fosse do agrado de Jim — qualquer coisa original, fina e de bom gosto, que merecesse a honra de ser por ele possuída.

Existia uma pilastra de vidro entre as janelas do quarto. Não é impossível que isso ocorra em um apartamento de 8 dólares por semana. Qualquer pessoa magra e ágil, observando seu reflexo em uma rápida sucessão de tiras longitudinais, poderá obter uma perfeita concepção de sua aparência. Delia, sendo delgada, tornara-se senhora dessa arte.

Subitamente, ela se afastou da janela e se postou diante da pilastra de vidro. Tinha os olhos brilhantes, mas seu rosto perdeu, em vinte segundos, sua cor característica. É que fora assaltada por uma

ideia. Erguendo as mãos, soltou os cabelos, deixando que caíssem em todo o seu comprimento. E ficou parada, observando-os, como se elaborasse, em silêncio, algum plano secreto.

Existiam dois objetos, no âmbito das atividades de James Dillingham Junior, dos quais tanto ele quanto sua esposa tinham grande orgulho. Um, era o relógio de ouro de Jim, que havia sido do seu pai e do seu avô. O outro, eram os cabelos de Delia. Se a rainha de Sabá morasse no apartamento vizinho, Delia teria procurado um jeito de deixar seus cabelos secando no peitoril da janela, só para depreciar as joias e as prendas de Sua Majestade. E se o Rei Salomão fosse o zelador do edifício e tivesse todos os seus tesouros empilhados no porão, certamente Jim tiraria seu relógio todas as vezes que o encontrasse, apenas para vê-lo puxar a barba, remoendo-se de inveja.

Naquele momento, os lindos cabelos de Delia caíam em ondas ao longo do seu corpo e brilhavam como as águas de uma cascata ao sol, apenas com uma ligeira diferença — as águas, ao invés de cristalinas, eram castanhas. De qualquer modo o espetáculo era digno de ser visto — a cabeleira ultrapassava seus joelhos e a vestia toda, como se fosse um manto. Delia, talvez avaliando a extensão do que pretendia fazer, arrumou os cabelos outra vez, rápida e nervosamente, e, após um momento de vacilação, deixou-se ficar contemplando a própria cabeleira, enquanto uma ou duas lágrimas, saltando dos olhos, molharam o surrado tapete vermelho.

Em seguida, ela apanhou seu velho casaco marrom e seu antigo chapéu da mesma cor e, com um rodopio de saída e um estranho brilho nos olhos, encaminhou-se para a porta do quarto e, atravessando-a, pegou a escada, que desceu, e, pouco depois, já se encontrava na rua.

Andou a esmo, sem saber mesmo aonde iria. Depois de algum tempo, parou em frente de uma casa, sobre cuja porta havia uma tabuleta. Os dizeres, que leu, não deixaram de a interessar:

*“Madame Sofronie Cabelos de qualquer tipo”*

Delia não hesitou. Penetrando na casa, alcançou o primeiro andar, já arquejante, pois subira os degraus quase correndo. Lá encontrou a madame Sofronie, gorda, muito branca, álgida, e quase nada “sofronizada”.

— Por acaso, a senhora compraria os meus cabelos? — perguntou Delia.

— Meu negócio é comprar cabelos — explicou a madame. — Tire o chapéu, pois quero dar uma olhadela nos seus.

Mal a compradora ordenara, e viera abaixo a cascata de águas castanhas.

— Vinte dólares! — exclamou a madame, erguendo, com mão prática, aquela massa farta e sedosa.

— De acordo, madame. Mas quero tudo resolvido depressa.

Delia deixou a casa da madame Sofronie e passou a excursionar pela cidade, levada por asas cor-de-rosa — que me desculpem a mesquinhez da metáfora — vasculhando lojas e casas de antiguidades, em busca do presente para Jim. Encontrou-o, afinal. Tratava-se de um presente para Jim, e para mais ninguém. Não existia outro igual em qualquer magazine, pois havia revistado todos, fazendo descer o que se encontrava nas prateleiras. Era uma simples correntinha de platina, de desenho austero, que acusava seu valor por sua substância apenas e não pela complexidade de sua concepção artística, como acontece com todos os objetos de autêntica e superior qualidade. Era, inclusive, digna do relógio.

Logo que viu aquela correntinha, Delia concluiu que ela deveria pertencer a Jim. Era um presente que se parecia com ele. Tranquilidade e valor — a descrição se aplicava a ambos. O preço? Vinte e um dólares! Mas teria de desembolsá-los, para que fosse satisfeito aquele seu imperioso desejo. Feita a compra, Delia apressou-se em voltar para casa, com os oitenta e sete centavos que lhe restaram. Com aquela correntinha no relógio, Jim já não

teria de se sentir constrangido na presença de qualquer pessoa; o relógio era grande e, às vezes, ele o examinava com evidente mau-humor, por causa do bracelete de couro que usava, em lugar de uma corrente. Um relógio tão bom e tão antigo — que era uma verdadeira preciosidade — preso por uma fita de couro... Que escárnio!

Quando Delia chegou em casa, finalmente, a preocupação, de que vinha sendo vítima, foi substituída por um pouco de prudência e de razão. Apanhou seus grampos de ondear, feitos de aço, e, acendendo o gás, passou a reparar os estragos de que fora vítima voluntariamente, por excesso de generosidade e, também, por amor; o que é sempre uma espinhosa tarefa, queridos leitores — uma tremenda tarefa.

Assim, quarenta minutos mais tarde, sua cabeça estava coberta por pequenos e apertados anéis que lhe davam uma excelente aparência, emprestando um ar de colegial travessa. Ela se olhou ao espelho então, demorada, cuidadosa e criticamente.

“Se Jim não me matar”, disse para si mesma, “antes de me examinar com cuidado, certamente dirá que estou parecendo uma corista de Coney Island. Mas o que poderia fazer, meu Deus, com um dólar e oitenta e sete centavos?”

São 7 horas, o café estava feito e a frigideira já se encontrava sobre o fogão quente e pronta para o bife ser preparado. Jim nunca se atrasava. Delia escondeu a correntinha na mão fechada e sentou-se em uma quina da mesa, ao lado da porta pela qual ele sempre entrava. Então, ela ouviu seus passos na escada e se tornou subitamente pálida. Lembrou-se de que costumava fazer rápidas orações em face das mais simples situações, e resolveu invocar o auxílio divino: “Meu Deus, fazei com que ele ainda me ache bonita!”

A porta se abriu e Jim entrou, fechando-a atrás de si. Parecia mais magro e se mostrava concentrado. Pobre rapaz, só tinha vinte e dois anos e já vivia sobrecarregado com o sustento da família. Tinha necessidade de um novo sobretudo, e não possuía luvas!

Depois de haver fechado a porta, Jim parou, conservando-se em uma atitude de espreita, como um perdigueiro que houvesse pressentido o cheiro de uma codorniz. Seus olhos estavam fixos em Delia, e, nas suas pupilas, transparecia uma expressão difícil de ser definida. Em face da situação, ela se sentiu aterrorizada. Tratava-se de uma expressão estranha — nem ódio, nem surpresa e nem desapontamento. Igualmente, não se tratava de uma expressão de horror ou de qualquer espécie de sentimento para a qual houvesse se preparado para enfrentar. Ele simplesmente a observava fixamente, com aquela peculiar expressão, que até então lhe fora desconhecida.

Delia contornou a mesa e se encaminhou para ele.

— Jim, querido — exclamou —, não desejo que me olhe assim. Cortei meus cabelos, e os vendi. Mas assim o fiz, porque não poderia deixar passar o Natal sem lhe dar um presente. Eles crescerão outra vez. Espero que não fique zangado comigo. Tinha de agir dessa maneira, e não hesitei. Meus cabelos crescem com incrível rapidez. Quero, agora, que me deseje um Feliz Natal. Jim, vamos nos mostrar felizes. Não pode imaginar que maravilhoso, que lindo presente lhe comprei!

— Mas você cortou os seus cabelos... — ponderou ele, depois de algum tempo, como se só houvesse constatado aquele fato tão patente depois de um longo e laborioso trabalho mental.

— Cortei, e os vendi — explicou Delia, mais uma vez. — Será que não gosta de mim desta maneira? Não continuo sendo a mesma Delia, sem os meus cabelos?

Jim olhou em torno, com evidente curiosidade.

—Você disse que vendeu os seus cabelos, não foi? — perguntou, com um ar de quase perplexidade.

Não precisa perder tempo em procurá-los — advertiu Delia. —, Foram vendidos, já lhe disse. Cortados e vendidos. Estamos no

Natal. Não fique zangado, porque o fiz por você. É possível que os cabelos da minha cabeça possam ser contados — prosseguiu, com súbita e grave doçura —, mas ninguém jamais poderá avaliar a extensão do meu amor por você. Posso começar a fazer os bifês?

Liberto do transe em que havia mergulhado, Jim pareceu acordar de repente e abraçou Delia. (Agora, leitor, façamos um parêntese, para nos referirmos, por uns dez segundos e da maneira mais discreta possível, a um outro assunto, sem aparente relação com o que acima foi relatado. Qual a diferença entre um salário de oito dólares por semana e um de um milhão de dólares por ano. Um matemático ou qualquer pessoa, dotada de senso comum, dar-nos-ia uma resposta errada. Os Reis Magos levaram preciosos presentes, mas isso nada representava para eles. Está sombria e talvez incompreensível afirmação será, porém, mais adiante explicada.)

Jim retirou um embrulho do bolso do sobretudo e o colocou sobre a mesa. Não cometa qualquer erro a meu respeito, Delia — declarou. Não creio que haja alguma coisa, seja um corte de cabelo, ou uma barba feita ou seja um shampoo, que possa fazer gostar menos da minha namorada. Mas se abrir este embrulho poderá descobrir por que me tornei, a princípio, de certo modo aéreo.

Em face dessas palavras, os dedos ágeis de Delia romperam o barbante e o papel do invólucro e ouviu-se, quase instantaneamente, um grito de alegria. E — oh, a incongruência das mulheres. o grito inicial foi substituído, também instantaneamente, por um surto de lágrimas histéricas, acompanhadas de soluços, o que requereu um imediato emprego de toda a capacidade de consolação de que era dotado o chefe da casa.

É que ali — isto é, sobre a mesa — estavam os pentes — o conjunto de pentes que Delia estivera namorando, por muito tempo, na vitrina de uma loja da Broadway. Lindos pentes de tartaruga, com bordas de pedrarias, e justamente no formato para serem usados nos seus lindos cabelos vendidos. Tratava-se de um conjunto caro ela o sabia — e por ele seu coração palpitara e ansiara, sem a menor esperança de que, um dia, ela viesse a possuí-lo. E, no

entanto, os pentes ali estavam. Eram seus. Mas os cabelos, que eles deveriam adornar, já não existiam!

Mas, mesmo assim, Delia apertou-os contra o peito e, por fim, passou a observá-los, sodo e chorando ao mesmo tempo, e dizendo quase automaticamente: — Meus cabelos crescem muito rapidamente, Jim... — E, não se contendo, pôs-se a saltar como um pequeno gato escaldado, exclamando, com efusão: Oh, Jim. Oh...!

Jim não havia visto ainda seu maravilhoso presente. Delia o exibiu, com orgulho, na palma da mão. O precioso e opaco metal parecia cintilar com o reflexo da contagiante e incontrolável alegria de Delia.

— Não é lindo, Jim? Vasculhei a cidade inteira para descobri-lo. Agora, você terá de olhar a hora umas cem vezes por dia. Dê-me o seu relógio. Quero ver como a corrente de platina fica nele.

Ao invés de fazer o que Delia lhe pedia, Jim arrojou-se sobre o sofá e, estendendo o corpo, colocou as mãos sob a nuca. E começou a rir.

— Delia, vamos esquecer nossos presentes de Natal por algum tempo. Eles são maravilhosos, para que os usemos no momento. Vendi o meu relógio, a fim de conseguir dinheiro para comprar estes pentes, com os quais você sonhava...

— E, depois de um ligeiro silêncio, prosseguiu: — Não acha que já é tempo de colocar nossos bifés na frigideira?

Os Magos, como é sabido, eram homens sábios — homens maravilhosamente sábios — que levaram presentes para o menino Jesus na manjedoura. Foram eles que lançaram a ideia de se darem presentes por ocasião do Natal. Sendo sábios, suas dádivas eram, sem dúvida, bem escolhidas e gozavam possivelmente o privilégio de serem trocadas, caso se constatasse a ocorrência de duplicatas.

Relatei neste conto, e de maneira desajeitada, a agitada estória de duas crianças tontas no interior de um apartamento. Elas

sacrificaram, do modo menos sábio possível, os maiores tesouros que possuíam, em benefício uma da outra. Mas, em uma palavra final aos sábios dos nossos dias, deve ser dito que, de todos os que dão presentes, aqueles dois foram os mais sábios; e que, de todos os que dão e recebem presentes — repito, foram eles, sem dúvida, os mais sábios, e o serão em qualquer parte, pois agiram como os Magos do Oriente.

## AUTOBIOGRAFIA DE UM CACHORRO AMARELO

Não creio que alguém se desconcerte e perca a calma ao ler um conto escrito por um animal. Kipling e muitas outras pessoas de renome demonstraram, com realismo, que os animais podem se expressar em um inglês que não deixa de ser compensador, e nenhuma revista é impressa, nos dias de hoje, sem que contenha um conto ou uma reportagem relativa a animais, com exceção apenas dos magazines mensais obsoletos, que ainda insistem em publicar fotografias de Bryan e páginas de “horror”.

Contudo, não será necessário que alguém procure peças dessa literatura pretensiosa neste conto. Não encontrará nele nem Bearoo, o urso; nem Snakoo, a cobra; e nem Tammanco, o tigre, conversando ao longo do seu texto. Não se deve esperar que um cachorro amarelo, que passou a maior parte de sua vida em um modesto apartamento de Nova Iorque, cochilando em um canto sobre uma combinação de mulher — justamente uma que ficara manchada de vinho durante o banquete da Senhora Longshoremen — que realize, aqui, qualquer trapaça relativa à arte de escrever.

Nasci, sendo um cachorro amarelo. Ignoro a data; o local; qual era a minha filiação; e qual o meu peso. A primeira coisa, de que me recordo, é de uma velha que, levando-me em uma cesta, tentava me vender a uma senhora gorda, na Broadway. A velha mamãe Hubbard procurava impingir-me como uma mistura de fox-terrier com lulu da Pomerânia, e com apreciável dose de sangue irlandês.

A senhora gorda rebuscou uma moeda no interior da sua sacola de compras até que a encontrou e, então, me adquiriu. A partir desse momento, passei a ser um mimo, o favorito da gorda mamãe.

Por favor, meu caro leitor, diga-me se, por acaso, já viveu em companhia de uma mulher, de duzentas libras de peso, que passasse o dia arrotando queijo Camembert e que o pegasse a

cada momento e esfregasse o seu nariz em toda a extensão do seu corpo, murmurando: “Oh, filhinho da mamãe... queridinho... está feliz neste seu colinho...?”

Assim fui crescendo. Deixei de ser um cachorro de pedigree para me transformar em um mestiço anônimo, parecendo a combinação de um gato Angorá com uma caixa de limão. Minha dona, porém, nunca se desiluiu. Pensava que os dois prístinos cachorros, que Noé colocou na sua Arca, constituíam um ramo colateral dos meus antepassados. Daí a razão por que foram necessários dois policiais para impedi-la de me inscrever no Madison Square Garden, a fim de disputar um prêmio, competindo com os melhores cães de caça da Sibéria.

Falarei, agora, sobre o nosso apartamento. O edifício era dos mais modestos de Nova Iorque, com piso de mármore, na entrada, e pedras roliças a partir do primeiro andar. Nosso apartamento ficava no terceiro andar. Minha dona o alugara sem mobília, colocando nele, mais tarde, as peças essenciais, estofados antigos na sala de visitas, gravuras de gueixas compradas em uma casa-de-chá do Harlem, um vaso com fícus... e um marido.

Mas, por Deus! o bípede, que ali vivia, era digno de pena.

Tratava-se de um homenzinho, de cabelos ruivos e suíças muito parecidas com as minhas. Marido sem voz ativa? Bem, tucanos, guarás e pelicanos, todos tinham suas diferenças com ele. Enxugava a louça e ouvia a mulher tagarelar sobre as roupas ordinárias e esfarrapadas que a inquilina do segundo andar pendurava em uma corda, para secar. E, todas as noites, enquanto ela fazia a sua ceia, mandava-o sair comigo, para uma volta no quarteirão.

Se os homens soubessem como as mulheres passam o tempo, quando estão sozinhas, certamente nunca se casariam. Laura Lean Jibbey um chuchuzinho frágil, com um pouco de creme de amêndoas nos músculos do pescoço, embora com toda a louça por lavar, conversava, durante uma meia hora, com o geleiro; lia maços

de velhas cartas; abria um vidro de pickles e dois de extrato de malte, passava uma hora espionando, através de um buraco na cortina da janela, o que se passava no apartamento do outro lado da área de serviço — eis tudo o que fazia. No entanto, vinte minutos antes do marido chegar do trabalho, arrumava a casa, limpava os móveis e arranjava uma costura, para uns dez minutos de disfarce.

A vida, que levei naquele nojento apartamento, foi o que se literalmente se denomina “uma vida de cão”. A maior parte do dia, passava deitado no meu canto, observando a mulher gorda procurar matar o tempo. Eu dormia, às vezes, e quando isso ocorria, tinha sedutores sonhos com caçadas de ratos no porão. Se acordado, arreganhava os dentes para as velhas, que usavam luvas pretas, como o fazem todos os cães. Então, minha dona dirigia-me uma porção de palavras carinhosas e me beijava no focinho. Mas o que poderia fazer? Um cachorro tem de suportar, mesmo, todas essas coisas.

Comecei a sentir pena de Hubby, o marido da senhora gorda. Macacos me mordam se não a senti. Parecíamos muito, um com o outro, e muita gente o percebia, quando saíamos juntos. Daí a razão por que éramos populares nas ruas, ao longo das quais Morgan dirigia o seu táxi, e em dezembro brincávamos juntos, escalando montes de neve, nos bairros onde só gente pobre vivia.

Certa noite, estávamos fazendo nosso passeio habitual. Na ocasião, eu tentava parecer um São Bernardo premiado e o velho, que me acompanhava, esforçava-se por não dar a impressão de que não era alguém que tivesse assassinado o primeiro aprendiz de órgão que ouvira tocando a “Marcha Nupcial de Mendelssohn. Olhei para ele, e disse, na minha maneira de falar:

“Porque você está com esta cara zangada, sua lagosta enfeitada. Ela não o beija? Você não tem de se sentar no seu colo e de ouvir conversas que fariam o script de uma comédia soar como máximas de epíteto. Deve dar graças a Deus por não ser um cão. Concentre-se, Benedito, e diga adeus à tristeza.”

O fracasso matrimonial baixou os olhos e os fixou em mim, com uma inteligência quase canina na sua expressão.

— Que há, vira-lata? — perguntou ele. — Meu bom vira-lata, você me deu a impressão, agora, de que até poderia falar. O que se passa com você, companheiro? Diga logo, ora bolas!

Quem deveria dizer “ora bolas” era eu, pois era capaz de lhe falar. Mas se o fizesse, ele não me entenderia, pois aos homens não é dado falar aos animais. O único meio de comunicação, através do qual os cachorros conversam com os seres humanos, é o da ficção.

No apartamento, do outro lado do hall, morava uma senhora que possuía um terrier preto e marrom. Seu marido também levava esse cão para um passeio, todas as noites, mas retornava ao lar sempre alegre e assobiando. Um dia conversei com o terrier, procurando uma explicação para o comportamento do seu dono.

“Ouça aqui, seu bailarino” — referência ao seu modo de andar — é sabido que nenhum verdadeiro homem tem prazer de ser babá de um cão em público. Nunca vi um atrelado a um dos nossos irmãos que não desse a impressão de que gostaria de dar uma surra em qualquer outro homem que o observasse. Contudo, seu dono volta para casa, todos os dias, petulante e irradiando felicidade como um prestidigitador amador que houvesse realizado, com êxito, o truque do ovo. Como pode ser isto? Não vai me dizer que ele gosta dessas excursões... “Ele?”, respondeu o terrier. “Porque se vale dos próprios recursos da Natureza. Procura ser sofisticado. No princípio, quando saíamos, mostrava-se encabulado. Mas, depois, foi se modificando. Bebia, para perder a vergonha. Após havermos entrado em oito bares, já não distinguia mais se o que estava no fim da correia era um cão ou era um gato. Perdi duas polegadas da minha cauda, tentando escapar de uma dessas portas giratórias, em um bar.”

A indicação, que obtive do terrier, não deixou de me fazer pensar. Certa tarde, cerca das 6 horas, minha dona deu ordem ao marido para que se preparasse e saísse com o “Pompom”. Não me referi

até agora a esse apelido, mas era assim que ela me chamava. O terrier, por sua vez, era apelidado “Mimoso”. Julguei que levava vantagem sobre ele, assim como um cachorro ao caçar um coelho. Mesmo assim, “Pompom” não deixava de ser como que uma lata amarrada no rabo de um animal, dotado de amor-próprio.

Num tranquilo trecho de uma rua deserta, estiquei a correia, que me prendia ao meu guardador, mesmo em frente de um atrativo e refinado bar. Embarafustei-me através da porta, ganindo como um cachorro em face de um telegrama, publicado na imprensa, dando notícia de que a pequena Alice atolou na lama de um córrego, quando colhia lírios...

— Por que, diabos — disse o velho, com riso escarninho —, não poderei tomar uma bebida, já que aquela gasosa me despertou sede? Vamos fazer as contas: por quanto tempo tenho poupado a sola dos meus sapatos, deixando os pés descansando sobre o almofadão da sala? Creio que...

Percebi que o havia dominado. Sucederam-se os uísques pelo período de uma hora. Sentei-me ao lado dele acariciando as pernas do garçom com minha cauda e fazendo um lanche, de graça, muito superior ao que minha dona adquiriria em uma confeitaria oito minutos antes do marido chegar à casa.

Quando terminou aquela sucessão de uísques, o velho soltou-me do pé da mesa e passou a se divertir comigo, na rua, como um pesador brinca com um salmão. Chegou mesmo a tirar a minha coleira e a jogou fora.

— Pobre vira-lata — disse ele —, meu bom vira-lata. Ela não deve beijá-lo mais. Isto é uma vergonha. Desapareça da minha vista e se deixe atropelar por um bonde. Seja feliz!

Recusei deixá-lo. Saltei e enrolei-me nas suas pernas, feliz como um totó em um tapete.

“Você, seu fazedor de cafuné”, disse então, “não vê que não desejo abandoná-lo? Não vê que somos ambas vítimas do mesmo destino e que a madame é a tia desalmada, sempre atrás de você com o guardanapo, para enxugar a louça, e de mim com o linimento contra pulgas e um laço vermelho para atar na minha cauda? Por que não darmos um fim a tudo isso, e sermos companheiros para sempre?”

É possível que me advirtam que ele não entendeu o que lhe disse. Talvez não. Mas, influenciado pelos efeitos dos uísques, permaneceu imóvel por um minuto, pensando:

— Meu vira-lata — murmurou por fim —, não vivemos senão umas dezenas de anos nesta terra, e poucos de nos conseguem ir além dos setenta. Se voltar, mais uma vez, aquele apartamento, serei um otário, e se você o fizer, será um bajulador. Aposto 60 contra que o Rumo Oeste será vencedor nesta corrida, por um corpo de cachorro.

Já não estava mais preso por uma correia. Assim, fui me divertindo com meu dono até a estação da Rua 23. E os gatos, que encontrei no caminho, verificaram que tinham razão de dar graças aos céus pelo fato de tão afiadas garras lhes terem sido dadas. Ao chegarmos a Jersey, meu dono disse para um estranho, que comia um pedaço de bolo:

— Eu e o meu cão estamos seguindo para as Montanhas Rochosas.

Contudo, não foi essa informação o que mais me agradou realmente. Senti-me feliz quando meu dono, após puxar-me as orelhas até que eu latisse, disse-me:

— Você, seu cabeça de macaco, seu rabo de rato, sabe como irei chamá-lo?

Imediatamente, o “Pompom” me veio à mente e o lastimei, com a maior amargura.

— Vou chamá-lo de “Caçula — explicou.

Se tivesse cinco caudas não poderia abaná-las suficientemente para celebrar, de maneira condigna, aquele acontecimento.

## MAN ABOUT TOWN

Havia duas ou três coisas que eu queria saber. Não gosto de mistérios. Por isso comecei a investigar.

Demorei duas semanas para descobrir o que as mulheres carregavam em suas malas de viagem. Então passei a indagar por que um colchão é feito de duas partes. Essa indagação, ainda que séria, foi recebida em princípio com desconfiança porque soava mais como uma espécie de charada. Por fim me garantiram que a produção em duas partes buscava aliviar o fardo das mulheres que arrumam camas. Fui tolo o bastante para insistir e pedir encarecidamente para saber por que, então, não eram fabricados em duas partes iguais; mas aí me puseram para correr.

O terceiro gole na fonte do conhecimento, ao qual eu tanto ansiava, estava relacionado a um personagem conhecido como "Man About Town".

Era uma figura extremamente vaga em minha mente e nós precisamos ter uma ideia concreta de qualquer coisa, mesmo que seja apenas uma ideia imaginária, antes de poder compreendê-la. Tenho uma imagem mental do "João Ninguém" que é tão clara como uma gravura feita no aço.

Seus olhos são de um azul vivo, ele veste colete marrom e casaco preto de sarja brilhante. Está sempre tomando sol e mascando alguma coisa; e não para de abrir e fechar seu canivete de bolso com o polegar. E, se o Homem Superior um dia fosse encontrado, podem acreditar, seria um sujeito grandão, pálido, com pulseiras azuis aparecendo sob o punho da camisa; estará sentado em frente a um engraxate e o som de pinos e boliche caindo será ouvido ao fundo. E estará cercado de pedras preciosas.

Mas a tela da minha imaginação não registrava um traço sequer do “Man About Town”. Eu o imagino com uma expressão forçada de escárnio (como aquela do Gato Risonho) e camisa abotoada nos punhos. E é isso! Desse modo, tive que pedir ajuda a um repórter de jornal.

— Bom — ele me disse, — um “Man About Town” é alguém que fica entre um hedonista que pula de bar em bar e um frequentador de clubes exclusivos.

Ele não é exatamente... É alguém que circula entre as recepções na residência da sra. Fish e lutas fechadas de boxe. Ele não faz parte nem do Clube Lotos nem do Grêmio Esportivo e Recreativo Aprendizes de Metalúrgicos Boxeadores Canhotos Jeny McGeoghghan. Não sei como descrevê-lo exatamente, você o encontra em todo lugar onde há algo acontecendo. Suponho que seja mesmo um tipo.

Veste-se elegantemente todas as noites; conhece o caminho das pedras; chama todos os policiais e garçons da cidade pelo primeiro nome. Não, ele nunca é visto em companhia de loiras oxigenadas. Geralmente está sozinho ou com outro homem.

Meu amigo repórter foi embora, mas segui investigando. A essa altura, as 3.126 lâmpadas elétricas do Rialto já estavam acesas. Pessoas passavam por mim, mas não prendiam minha atenção. Olhares cortesãos me lançavam ofertas de amor pago e eu seguia incólume. Gente que gosta de jantar fora, gente que quase nunca sai de casa, moças fazendo compras, homens superconfiantes, pedintes, atores, assaltantes, milionários e estrangeiros passavam por mim. Alguns seguiam apressados, saltando obstáculos; outros passeavam, alguns ainda se esgueiravam e havia quem caminhasse com o queixo empinado. Mas eu não reparava em ninguém. Conhecia todos eles; havia lido o que guardavam no coração, já tinham servido a um propósito. Eu queria mesmo era o meu tipo. Ignorá-lo seria um erro, um erro de tipagem. Não! Continuemos.

E continuemos com uma digressão moral. É gratificante observar uma família que lê o jornal de domingo. O papai destrincha, interessado, a página com imagens de uma jovem se exercitando defronte de uma janela aberta e a moça está se abaixando. Mas calma! A mamãe se ocupa em descobrir as letras que faltam nas palavras Nova York. As meninas mais velhas leem atentamente a seção de finanças, onde um jovem investidor relatou na semana passada as aplicações que tinha feito na empresa Q, X & z. Willie, o filho de 18 anos que frequenta a escola pública em Nova York, se entretém com o artigo semanal que descreve como recuperar uma camisa velha. Espera ganhar um prêmio de costura no final do curso.

A vovó segura firme a seção de quadrinhos; e Tottie, o bebê, brinca em cima das páginas de anúncios imobiliários. Essa visão se pretende reconfortante, pois é desejável que se pulem algumas linhas desta história. Eia faz as vezes de introdução para uma bebida forte.

Entrei, assim, num café e, enquanto o drinque era preparado, perguntei ao homem que retira a colher usada para mexer o uísque quente assim que você a coloca no balcão o que ele entendia pelo termo, epíteto, descrição, designação, caracterização ou denominação "Man About Town".

— Bom — disse ele calmamente — trata-se de um sujeito que está por dentro de tudo, é admirado e transita pela noite como ninguém, sabe? Sempre por cima, nunca será visto nos cafundós das montanhas Flatirons, entende? Acho que é isso que significa.

Agradei e saí.

Na calçada, uma mocinha do Exército da Salvação chacoalhou a canequinha de contribuições bem na altura do bolso do meu casaco.

— Você saberia me dizer — perguntei num impulso — se já se deparou com um personagem comumente chamado de "Man About Town" em suas andanças diárias por aí?

— Acho que sei de quem está falando — respondeu ela, sorrindo.  
— Nós os vemos nos mesmos lugares toda noite. São os guarda-costas do diabo. Se os soldados de um exército qualquer forem tão fiéis quanto eles, os comandantes estarão muito bem servidos. Nós os abordamos e conseguimos colocar alguns daqueles centavos sujos a serviço do Senhor.

Ela chacoalhou a caneca mais uma vez, joguei uma moeda Em frente a um hotel estrelado, um amigo meu, crítico, descia do táxi. Parecia sem pressa, então fiz a pergunta. Ele me respondeu de forma meticulosa, como imaginei.

— Existe um tipo assim em Nova York — disse. — O termo me é bastante familiar, mas acho que nunca me pediram para definir esse personagem. Seria difícil apontar para você um espécime exato. Eu diria, assim sem pensar muito, que se trata de um homem que sofre daquela doença nova-iorquina muito particular, que faz com que a pessoa queira ver e conhecer tudo. Às 6 da tarde a vida começa para ele. Segue rigidamente as regras de se vestir e se portar; mas no setor “meter o nariz onde não é chamado” poderia dar aula a um gato ou a uma gralha. É o homem que percorreu a Boêmia, em Nova York, de cima a baixo, passando por tavernas subterrâneas e topos de edifícios, pela Hester Street e pelo Harlem para dizer que é impossível encontrar um lugar na cidade onde não usem faca para cortar espaguete. Esse tipo, esse sr. Savoir-Faire, fez tudo isso. Está sempre farejando algo novo. É a personificação da curiosidade, do despudor, da onipresença. Carruagens de aluguel foram criadas por sua inspiração, assim como charutos com anilhas douradas e a maldição da música durante o jantar. Não existem muitos como ele, mas seus modos são adotados em todo canto.

— Fico feliz que tenha tocado no assunto; já senti a influência maligna dessa figura noturna em nossa cidade, mas nunca pensei em analisá-la. Percebo agora que o seu tipo deveria ter sido classificado há muito tempo. Em seu rastro surgiram agentes de vinhos e novos modelos de casaco; e a orquestra toca, Let’s All Go Up to Maud’s para ele, a pedidos, em vez de Handel. Ele faz a

ronda toda noite, enquanto você e eu arriscamos algo diferente só uma vez por semana. Quando a tabacaria é arrombada, ele dá uma piscadela para o guarda, como quem sabe onde pisa, e deixa a cena calmamente. Já você e eu vasculhamos a carteira, em busca de nomes dentre os presidentes que estampam as notas, e miramos o céu em busca de endereços para fornecer ao sargento de plantão.

Meu amigo, o crítico, pausou para recobrar o fôlego e a eloquência. Aproveitei a chance.

— Você acaba de classificá-lo — gritei satisfeito.

— Traçou um retrato que o coloca na galeria de tipos da cidade. Mas preciso encontrar um desses pessoalmente. Preciso estudá-lo em primeira mão. Onde poderei encontrá-lo? Como saberei identificá-lo?

Aparentemente sem ouvir o que eu dissera, o crítico continuava. E o taxista esperava o pagamento também.

— Ele é a essência sublimada do Atrevimento; o extrato refinado e intrínseco da Desenvoltura; o espírito concentrado, purificado, irrefutável e inescapável da Curiosidade e do Questionamento. Novas sensações são como oxigênio em suas narinas; quando seu experimento se esgota, ele passa a explorar novos campos com a infatigabilidade de um...

— Perdão — interrompi, — mas pode me apresentar um tipo desses? É algo novo para mim. Preciso estudá-lo. Vou procurar pela cidade toda até encontrar. Seu habitat deve ser aqui mesmo, na Broadway.

— Vou jantar aqui — respondeu meu amigo. — Entre comigo; se houver um exemplar no recinto, aponto para você. Conheço a maioria dos fregueses aqui.

— Não vou Jantar ainda — disse a ele. — Peço licença. Vou encontrar o meu "Man About Town" esta noite, nem que tenha que

varrer Nova York de Battery a Coney Island.

Deixei o hotel e caminhei pela Broadway. A busca pelo meu tipo deu um agradável sopro de vida e interesse ao ar que eu respirava. Eu me sentia feliz por estar em uma cidade tão grande, complexa e diversificada. Sem pressa e com certa arrogância, eu andava sentindo meu coração bater forte por ser um cidadão da grande Gotham, por compartilhar da magnificência e dos prazeres da cidade, por aproveitar sua glória e prestígio.

E me virei para atravessar a rua. Ouvi um zumbido que lembrava uma abelha e, então, fiz um longo e gostoso passeio com Santos Dumont.

Quando abri os olhos, lembrei de um cheiro de gasolina e perguntei:

— Não passou ainda?

Uma enfermeira do hospital colocou a mão não especialmente macia na minha frente, que não estava febril. Um jovem médico apareceu, sorriu e me passou o jornal do dia.

— Quer ver o que aconteceu? — perguntou, animado.

Com o jornal em mãos, logo vi a reportagem. O título começava exatamente no ponto em que deixei de ouvir o zumbido na noite anterior. E o texto terminava assim:

(...) Hospital Bellevue, onde se constatou que os ferimentos não eram graves. Parecia ser um típico “Man About Town”

## VINTE ANOS DEPOIS

O policial, em ronda, subia a avenida de modo a causar impressão. Esse modo de se conduzir era habitual e não calculado, pois, àquela hora, não se viam espectadores na avenida. Eram horas da noite. Rajadas de vento frio, prenunciando chuva, haviam esvaziado as ruas.

Verificando se as portas estavam abertas, como ia fazendo girar o cassetete através de complicados e graciosos movimentos, virando-se a cada momento para inspecionar o pacífico logradouro, o policial, com seu corpo forte e o seu porte insolente, constituía uma excelente imagem de um perfeito defensor da paz. A vizinhança era integrada por gente que se recolhia cedo. De quando em quando, viam-se as luzes de uma charutaria ou de uma lanchonete, que funcionava dia e noite. Entretanto, a maioria das portas das casas de negócio já estavam desde muito fechadas.

Quando se encontrava no meio de um quarteirão, o policial retardou subitamente sua marcha. À porta de uma loja de ferragens, então às escuras, estava encostado um homem, com um charuto apagado na boca. Quando se aproximou, o estranho esclareceu, com vivacidade.

— Nada errado, seu guarda — confidenciou. — Estou apenas aguardando um amigo. Trata-se de um encontro combinado há vinte anos. Parece engraçado, não é? Bem, eu o explicarei se o senhor ficar ciente de que tudo está certo. Há cerca de vinte anos, existia um restaurante, onde hoje está esta loja. Era o Big Joe Brady's Restaurant.

— Há cinco anos, ele foi demolido — esclareceu o guarda.

O homem, que se encontrava à porta da loja, riscou um fósforo e acendeu o charuto. A luz revelou a fisionomia do estranho notívago

— pálida, queixo quadrado, olhos penetrantes, e uma pequena cicatriz junto à sobrancelha direita. Seu alfinete de gravata era um enorme diamante, caprichosamente engastado.

— Na noite de hoje, há vinte anos — explicou o desconhecido —, jantei aqui, no Big Joe Brady's com Jimmy Wells, meu melhor amigo e a mais decente criatura do mundo. Fomos criados aqui em Nova Iorque, como dois irmãos. Eu tinha dezoito anos e Jimmy vinte. Na manhã seguinte, eu ia viajar para o Oeste, a fim de tentar a sorte. Quanto a Jimmy, porém, ninguém seria capaz de tirá-lo de Nova Iorque, que julgava a melhor cidade do mundo. Bem, combinamos nessa noite que nos encontraríamos aqui exatamente vinte anos depois daquela data, quaisquer que fossem nossas condições e independentemente da distância que tivéssemos de vencer. Calculamos que, em vinte anos, cada um de nós já tivesse seu destino traçado e sua fortuna feita.

— Tudo isso me parece muito interessante — interveio o militar. — Um longo pedaço de tempo entre os dois encontros. Assim o acho. Durante esse interregno, não teve qualquer notícia do seu amigo?

— Sim, durante um período trocávamos cartas — disse o estranho. — Mas há cerca de um ano ou dois, cessaram nossos contatos. O senhor sabe, o Oeste é um bom pedaço de terra e me mantive andando de um lugar para outro, sempre em grande atividade. Mas sei que Jimmy virá se encontrar comigo aqui, se estiver vivo, porque sempre foi o mais sincero, o mais fiel companheiro do mundo. Nunca esqueceria. Viajei milhares de milhas para me encostar nessa porta, hoje, e o sacrifício não terá sido em vão se o meu velho amigo aparecer.

O homem, que esperava, tirou um bonito relógio, cravejado de pequenos diamantes.

— Três minutos para as — esclareceu. — Eram exatamente dez horas da noite quando nos separamos aqui, à porta do restaurante.

— O senhor se saiu bem no Oeste, não foi? — perguntou o policial.

— Acertou. Espero que Jimmy tenha conseguido pelo menos a metade do que acumulei. Ele era trabalhador tanto quanto um bom sujeito. Tive de competir de maneira mais violenta, para conseguir realizar alguns dos meus negócios. Em Nova Iorque, é comum ser-se vítima da rotina. Julguei que minha ida para o Oeste pudesse lhe servir de estímulo.

O policial girou o cassetete e moveu-se, dando um ou dois passos.

— Vou andando. Espero que seu amigo apareça. Vai exigir que venha no horário certo?

— Não creio que o exigirei. Acho melhor conceder-lhe, pelo menos, uma meia hora de tolerância. Se Jimmy ainda estiver vivo, estará aqui à hora combinada. Até já, seu guarda.

— Boa noite! — disse o policial, prosseguindo na sua ronda, inspecionando as portas.

De súbito, passou a choviscar — um chuvisco gelado — e um vento, que a princípio era até agradável, adquiriu força, transformando-se em rajadas. Os poucos pedestres, que eram vistos nas imediações apressaram o passo, desaparecendo, com as golas dos sobretudos viradas e as mãos nos bolsos. A porta da loja de ferragem, o estranho, que havia viajado milhares de milhas para cumprir um compromisso, incerto e quase absurdo, com um seu amigo de infância, fumava seu charuto e esperava.

Passaram-se uns vinte minutos e, então, um homem alto, vestindo um comprido sobretudo, com a gola erguida até as orelhas, atravessou às pressas a rua, vindo do outro lado. Encaminhou-se diretamente para o estranho que esperava à porta da loja de ferragens.

— Você é o Bob? — perguntou, hesitante.

— E você é Jimmy Wells! — exclamou, em resposta. — Que Deus seja louvado! — retrucou o recém-vindo, segurando na sua mão as

duas mãos do outro.

— Sim, você é o Bob. Estava certo de que estaria aqui, se ainda estivesse vivo. Bem, bem... vinte anos representam um longo tempo. O velho restaurante, Bob, foi demolido. Desejava que ainda estivesse aqui. Assim teríamos nele um novo jantar. Como o Oeste o tratou, meu velho?

— Otimamente. Deu-me tudo que pedi. Você está muito mudado, Jimmy. Nunca imaginei que ficasse tão alto.

— Oh, cresci, de fato, um pouco, depois dos vinte.

— Está se saindo bem em Nova Iorque, Jimmy?

— Mais ou menos. Tenho um cargo em um dos departamentos da Municipalidade. Vamos, Bob. Iremos a um lugar, que conheço, e teremos ali uma longa conversa — conversa igual às daquelas dos velhos tempos.

Os dois amigos caminharam ao longo da rua, de braços dados. O que havia vindo do Oeste, vítima do egotismo provocado pelo êxito na vida, começou a esboçar o que tinha sido a sua carreira. O outro, mergulhado no seu comprido sobretudo, ouvia tudo com interesse. Na esquina, existia uma lanchonete, àquela hora toda iluminada. Quando chegaram à claridade das lâmpadas, ambos se voltaram, quase simultaneamente, para examinar as respectivas fisionomias. O homem do Oeste parou subitamente e abaixou o braço.

— Você não é o Jimmy Wells — exclamou. — Vinte anos são um longo período, mas não tão longo para modificar o nariz de uma pessoa — de um nariz romano para um nariz chato.

— Às vezes isso acontece — disse o homem alto. — Você está preso há dez minutos, “seu” Bob idiota. Chicago acha que devemos alterar nosso itinerário e seguir para ali, para uma longa conversa. É melhor não reagir, Bob. Agora, antes de irmos para a estação, está

aqui um bilhete que me pediram para lhe entregar. Pode lê-lo aqui, junto à janela. É do patrulheiro Wells.

O homem do Oeste abriu o pequeno papel dobrado, que lhe fora entregue. Suas mãos estavam firmes, quando começou a ler, mas tremiam ligeiramente quando concluiu a leitura. O bilhete era bem curto.

“Bob: compareci ao encontro à hora combinada. Quando você riscou um fósforo para acender o charuto, vi que ali estava um criminoso, procurado pela polícia de Chicago. Seja como for, eu não poderia prendê-lo. Assim, andei pelas imediações e consegui um detetive à paisana, para efetuar sua prisão.

Jimmy.”

## O QUARTO MOBILIADO

Inquieta, instável e fugaz, como o próprio Tempo. Assim é uma considerável massa da população do bairro de tijolos vermelhos do baixo West Side.

Sem possuir um lar, tem centenas de casas. Vagueia de um quarto mobiliado para outro, povo eterno de emigrantes — emigrantes de casa, de coração, de espírito. Cantam “Lar, doce lar” em ragtime, carregam consigo seus lares numa caixa de gravatas; sua parreira enrosca-se em volta de um chapéu de palha, sua figueira é uma planta de borracha.

Por isso as casas desse bairro, depois de terem visto mil inquilinos, devem de ter mil histórias para contar, tediosas, sem dúvida, na maioria; mas seria de estranhar não houvesse pelo menos um ou dois fantasmas no rastro de tantas almas penadas.

Certa noite, um jovem rondou aquelas residências em ruínas fazendo soar todas as suas campainhas. Ao chegar à décima segunda casa, colocou sua mala de mão no degrau da escada e limpou a poeira da fita do chapéu e o suor da testa. A campainha vibrou quase inaudivelmente à distância, como se o som viesse de alguma remota profundidade.

Para aquela porta, a da décima segunda casa, cuja campainha ele havia tocado, encaminhou-se à dona da casa, que lhe deu a impressão de um volumoso verme que houvesse comido a ostra de uma concha e procurasse, então, preencher o vazio com inquilinos comestíveis. Perguntou se havia um quarto para alugar.

— Entre — disse ela, com uma voz que manha na garganta, a qual, por sua vez, parecia forrada de peles.

— Tenho o quarto dos fundos do terceiro andar vago há uma semana. Deseja vê-lo?

O jovem acompanhou a mulher ao longo da escada. Uma luz fraca, vinda não se sabe de onde, mitigava a escuridão do vestíbulo. Caminharam sem ruído sobre uma passadeira, que já havia abjurado o tear que a tecera, pois parecia haver se convertido em um vegetal. Para que ela degenerasse a tal ponto, contribuirá o ambiente em que se encontrava, órfão de sol. Daí o bolor que ali proliferara — bolor que se ampliava em manchas bem visíveis e era viscoso ao pisar, como qualquer coisa orgânica. Em todas as voltas da escada viam-se nichos vazios na parede. Era possível que plantas houvessem existido neles e poderia ser, igualmente, que naqueles nichos tivessem sido colocadas imagens de santos, as quais será justo concluir — foram retiradas e atiradas nas profundezas de alguma cova mobiliada, embaixo, por ímpios e demônios.

— Este é o quarto — informou a dona da casa, fazendo uso, outra vez, da sua garganta forrada de peles. — É um bom quarto, que raramente fica vago. No verão passado, esteve ocupado por gente educada, que nada reclamava e pagava o aluguel adiantadamente. A privada é ali no fim do vestíbulo. Sprowls e Mooney moraram aqui por três meses. Faziam um sketch, no gênero vaudeville, Bretta Sprowls — talvez o senhor a conheça de nome... Oh, é apenas um nome artístico. Ali bem em frente, sobre o armário, estava a certidão de casamento dela pendurada e emoldurada. O gás está aqui e, como pode ver, há armários em quantidade. Todos gostam deste quarto. Nunca fica sem inquilino por muitos dias.

— Muita gente de teatro mora aqui? — perguntou o jovem.

— Sim. Chegam e se vão. Uma boa porção dos meus inquilinos está vinculada, direta ou indiretamente, às atividades teatrais. Como deve saber, este distrito é um bairro de casas de diversões. Os atores não param em lugar algum. Mal chegam, e já estão se preparando para sair.

O pretendente ficou com o quarto, pagando logo uma semana de aluguel.

— Estou cansado — explicou — e gostaria de ocupar imediatamente a peça.

Contou o dinheiro, para se certificar sobre o quanto ainda lhe restava. — O quarto já está arrumado — explicou a dona da casa — até com toalhas e água.

Quando a mulher se preparava para sair, o jovem lhe fez, pela vigésima vez naqueles últimos meses, a pergunta que trazia na ponta da língua:

— Certa moça — a senhorita Vashner, Eloise Vashner — não se encontra entre os seus inquilinos? Deverá estar cantando em algum palco, na certa. Trata-se de uma jovem loura, de meia estatura, franzina, e que tem uma mancha escura junto à sobancelha esquerda.

— Não. Não está, e nem me lembro desse nome. Essa gente de teatro muda de nome como muda de quarto — foi a resposta.

Não. Sempre não. Cinco meses de incessante indagação e da inevitável negativa. Tanto tempo havia perdido, durante o dia, interrogando diretores de show, agentes teatrais, professores de canto ou organizadores de coros, e, à noite, conversando com frequentadores de casas de diversões, desde as de maior projeção até os music-hall tão mambembes que temia encontrar em um deles o que desde muito procurava! Ele, que a havia amado muito, tentava encontrá-la. novamente. Estava certo de que, desde que ela desaparecera de casa, a grande cidade a envolvera e a tinha oculta em algum lugar.

O quarto mobiliado acolheu aquele seu último morador em uma atitude de pseudo hospitalidade, uma recepção héctica, fria e superficial como o sorriso de uma mundana. O conforto que oferecia não passava de um reflexo da mobília gasta, do brocado

esfarrapado de um divã, de duas cadeiras, de um espelho barato, de dois pés de largura, colocado entre as janelas, e de uma cama de ferro, no canto.

O jovem sentou-se com preguiça em uma cadeira, enquanto o quarto, cuja linguagem era tão confusa como a de qualquer Babel, tentava falar sobre seus diversos antecessores, que o haviam ocupado. Um tapete poli crômico, como uma ilha tropical, estendia-se no chão, rodeado pelo mar revolto de uma esteira suja. Ao longo das paredes, forradas de papel em cores alegres, viam-se aquelas reproduções fotográficas que acompanhavam os “sem-casa” de um quarto mobiliado para outro — Os Amantes Huguenotes, A Primeira Discussão e Psichê na Fonte. As linhas severas da lareira estavam ignominiosamente cobertas por uma cortina repuxada como os saiotos de coristas e, sobre o mantel, jaziam, atirados ao leu, destroços ali deixados, certamente, por algum náufrago, que as velas providenciais de um barco haviam levado a um porto — um ou dois vasos ordinários, retratos de atrizes e um vidro de remédio.

Enquanto o jovem observava o que o cercava, os pequenos sinais, ou manchas, deixados pela sucessão de inquilinos do quarto, iam se tornando explícitos, um a um, como as cifras de um criptograma, e adquiriam significação. Um pedaço roto no tapete, mesmo em frente do espelho, informava que lindas mulheres se encontravam entre os anteriores inquilinos. Os pequenos sinais de dedos nas paredes, embaixo das janelas, falavam de meninos-prisioneiros que haviam tentado encontrar o caminho para o sol e para o ar puro. Uma mancha espalhada, como a sombra da explosão de uma bomba, apontava o local, onde um copo, ou uma garrafa, havia sido atirado, com todo o seu conteúdo, contra a parede. Na superfície do espelho tinha sido gravado com um diamante, em letras hediondas o nome “Maria”.

Tudo isso dava a impressão de que os antigos inquilinos do quarto houvessem ficado possessos — talvez exasperados, além do que lhes permitia a paciência, pela contagiosa frieza da peça — e desafogaram, contra ela, sua ira. A mobília estava lasseada e

queimada; o divã, deformado por molas arrebatadas, parecia um monstro que tivesse morrido durante uma grotesca convulsão; algum motim, mais grave, tinha arrancado um grande pedaço da lareira; e cada tábuca do assoalho possuía seu ruído particular e afundava, como se sofresse os efeitos de uma agonia, separada e individual.

Parecia inacreditável que toda aquela maldade e aquelas injúrias houvessem sido dirigidas contra o quarto mobiliado justamente pelos que o tinham considerado, por algum tempo, seu lar. Essa atitude constituía, talvez, uma revelação do instinto doméstico frustrado, que sobrevivia disfarçado, ou de uma ressentida reação contra os falsos deuses familiares que os tinham incitado à cólera.

Reclinado na cadeira, o inquilino deixou que esses pensamentos lhe avassalasse o espírito e, enquanto isso ocorria, sentiu que eles se inclinavam na direção dos ruídos do quarto e dos odores por ele exalados. Ouviu, em determinado lugar, um displicente riso reprimido. Em outro, percebeu o monólogo de uma mulher rabugenta. Mais adiante, identificou o barulho característico de um jogo de dados; uma canção de ninar e um choro pungente.

Acima de sua cabeça, um banjo soava com vivacidade. Portas batiam em alguma parte. Os trens elevados rangiam intermitentemente. Um gato miava diante da cerca dos fundos.

O inquilino aspirou, então, o hálito do quarto — mais um cheiro úmido do que um aroma — uma espécie de aroma frio e bolorento, vindo de alguma galeria subterrânea e misturado com exalações de linóleo e de peças de madeira podres. De súbito, porém, o quarto foi invadido por um perfume forte e adocicado de resedá. O aroma chegou, levado por uma única rajada de vento, e logo se fez presente com tanta segurança que mais parecia um verdadeiro visitante.

O inquilino alterou a voz: — O que há, querida. Onde está você? — Comportou-se como se houvesse sido chamado. Levantou-se e olhou em torno. O misterioso perfume ali estava. Aproximou-se e o

envolveu. O inquilino estendeu os braços, tentando pegá-lo — os sentidos confusos e em desordem. Como alguém poderia ser chamado peremptoriamente por um perfume? Tratava-se, certamente, de um som. Mas o que o havia tocado e acariciado não era, sem dúvida, um som.

— Ela já esteve neste quarto — exclamou tentando recolher um pedaço daquela estranha presença. Sabia que reconheceria, em um segundo, a menor coisa que lhe tivesse pertencido ou na qual ela houvesse tocado. Contudo, aquele envolvente perfume de resedá — o perfume que ela amava e que havia convertido no seu próprio perfume — de onde tinha vindo?

O quarto fora arrumado com pouca atenção. Espalhados sobre a cobertura do toucador viam-se seis grampos — aqueles discretos, indistinguíveis amigos das mulheres. Ignorou-os, consciente da sua habitual incapacidade de identificar alguém. Vasculhando uma gaveta do toucador, encontrou um lenço fino, abandonado e já esfarrapado. Levou-o ao nariz e aspirou. Estava insolentemente impregnado de heliotropo. Atirou-o, pois, ao chão. Numa outra gaveta, descobriu alguns botões isolados; um programa de teatro; o cartão de uma casa de penhores; ramos de malvaíscos e um livro de interpretação de sonhos. Na última gaveta, porém, deu com um laço de cabeça em cetim preto, o que o fez sentir-se tolhido, equilibrado em uma vertente entre o gelo e o fogo. Concentrou-se. Um laço de cetim preto é, igualmente, um ornamento da feminilidade — modesto, impessoal e vulgar — que não revelava qualquer segredo.

O jovem atravessou, então, o quarto como um cão de caça, guiado pelo faro. Apalpou as paredes. Examinou os cantos, os contornos da lareira, as cortinas, a mesinha de bebidas, em busca de um sinal visível daquela presença humana, não perceberam, entretanto, que ela se encontrava ali ao seu lado, em torno dele, encostada nele, dentro e acima dele, abraçando-o, seduzindo-o, chamando-o de maneira tão pungente através de processos tão eloquentes que mesmo os mais obtusos se tornariam cientes da sua visita. Mais

uma vez, respondeu em voz alta: — Sim, querida! —, e se voltou, com os olhos esgazeados analisando o vácuo. O que ocorria era que não conseguia identificar o que o rodeava — forma, cor, amor, braços abertos — sob a influência do perfume de resedá. Oh, meu Deus! De onde vinha aquele perfume e desde quando os aromas já tinham uma voz, para chamar? Conseqüentemente, passou a tatear no escuro.

Vasculhou as gretas e os cantos, encontrando rolhas e cigarros. Largou-os com desprezo, no mesmo local onde os achara. Mas quando descobriu, em uma dobra do tapete, um charuto, fumado até o meio, esmigalhou-o com o salto do sapato. Investigou em seguida, o quarto todo, indo de uma ponta a outra, descobrindo lúgubres e desprezíveis recordações de muitos inquilinos que o antecederam. Entretanto, dela — a quem procurava e que, talvez, ali houvesse morado e cujo espírito parecia adejar naquele ar — nada encontrou.

Lembrou-se, então, da dona da casa.

Deixou o quarto mal-assombrado. Desceu a escada. Só parou diante de uma porta, sob a qual viu uma réstea de luz. A dona da casa atendeu à chamada. Procurou disfarçar, tanto quanto possível, sua excitação. — Poderia me dizer, madame — suplicou —, quem ocupou o meu quarto antes de mim?

— Sim, senhor. Posso lhe dizer outra vez. Foi o casal Sprowls e Mooney. Breta Sprowls passava por senhorita no meio teatral, mas, na realidade, era a esposa de Mooney. Minha casa é conhecida por sua respeitabilidade. A certidão de casamento deles, emoldurada, estava pendurada na parede...

— Que tipo de mulher era essa... senhorita Sprowls — na aparência, quero dizer?

— Cabelos escuros, senhor, pequena e retacada, com uma cara engraçada. O casal se mudou há exatamente uma semana.

— E antes deles?

— Um homem solteiro, que trabalhava em negócios de transporte. Deixou o quarto, devendo-me uma semana de aluguel.

Antes dele, foram a senhora Crowder e seus dois filhos. Estiveram no quarto por quatro meses. E, antes da senhora Crowder, morou ali o senhor Doyle, um velho cujos filhos pagavam, para ele, o aluguel. Esteve no quarto durante cerca de seis meses, o que representa um recuo de um ano, senhor, e, além desse tempo, já não me recordo.

O jovem agradeceu e retornou ao quarto. A peça parecia morta. A essência, que a tinha vivificado, havia desaparecido. O perfume de resedá ali já não se fazia presente. Todavia, percebia-se o velho e desagradável odor da mobília bolorenta. A maré vazante da sua esperança esgotou a fé. Sentou-se outra vez, na cadeira, tendo os olhos fixos na chama amarela e oscilante do gás. Pouco depois, aproximou-se da cama e começou a rasgar em tiras os lençóis. Valendo-se da ponta de sua faca, introduziu as tiras em todas as gretas existentes nas paredes, principalmente em torno das janelas e da porta. Quando tudo estava perfeitamente calafetado, tirou o paletó. Apagou a luz. E abriu, outra vez, o gás em todo o seu volume. Em seguida, estendeu-se, de comprido, na cama... beatificamente.

Naquela noite, a senhora McCool saiu, com uma vasilha, para apanhar sua cerveja. Após obtê-la, sentou-se com a senhora Purdy em um desses abrigos subterrâneos onde as donas de casa se reúnem, para uma conversa em um ambiente aquecido.

— Aluguei, hoje, o quarto dos fundos do terceiro andar — disse a Sra. Purdy, através de um monte de espuma. — Um moço o alugou. Estava cansado e foi se deitar há cerca de duas horas.

— Então, conseguiu alugá-lo! A senhora tem sorte, minha cara madame! — comentou a senhora McCool, com intensa admiração. — Sai-se sempre bem ao alugar quartos desse gênero. A senhora contou então? — concluiu em um sussurro abafado, cheio de mistério.

— Quartos — esclareceu a senhora Purdy, com sua melhor voz — são feitos para serem alugados. Nada contei a ele, senhora McCool.

— A senhora agiu certo, madame. É alugando quartos que conseguimos sobreviver. A senhora tem um grande senso para negócios, madame. Há muita gente que desiste de alugar um quarto, se se lhe disser que uma suicida morreu na sua casa.

— Como a senhora disse, temos de viver a nossa vida — explicou a senhora Purdy.

— É mesmo, madame. Tudo aconteceu justamente há uma semana. Nesse dia, estive lá para ajudá-la a arrumar o quarto. Um pedaço de mulher, e bonita, era o que ela era... E morrer daquele jeito, asfixiada pelo gás! Que rosto lindo ela tinha, não é mesmo, madame?

— Todos a achavam bonita, como a senhora disse — concluiu a senhora Purdy, entre conciliadora e irônica — mas estranhavam aquela verruga que tinha junto à sobrancelha esquerda. Quer mais um pouco de cerveja senhora McCool?

## O CAMINHO QUE TOMAMOS

Vinte milhas para oeste de Tucson o rápido parou ao pé de um depósito para tomar água. Além deste líquido, porém, a máquina daquele comboio adquiriu também outras coisas que lhe não convinham.

Enquanto o fogueiro estava baixando a mangueira de alimentação, o Bob Tidball, o Dodson “Tubarão” e um índio de raça cruzada chamado João Cão Grande treparam para a máquina e apresentaram ao maquinista os orifícios de três canos de revólver. As possibilidades desses orifícios a tal ponto impressionaram o maquinista que ergueu logo ambas as mãos num gesto do gênero do que acompanha a exclamação: “Conta lá!”.

À ordem brusca do Dodson Tubarão, que era o comandante da força, o maquinista desceu ao chão e desligou a máquina e o tênder. Então o João Cão Grande, empoleirado no carvão, sorriu por trás de dois revólveres apontados ao ajudante e ao fogueiro, lembrando que corresse a máquina cinquenta metros pela linha abaixo e ali aguardassem novas ordens.

O Dodson Tubarão e o Bob Tidball, desdenhando proceder à limpeza de minério tão baixo como os passageiros, dedicaram-se ao veio magnífico que era o vagão de valores. Encontraram o guarda envolto na crença firme de que a máquina não estava tomando nada mais forte que água pura. Enquanto o Bob lhe tirava esta ideia da cabeça por meio de uma coronha de revólver, o Dodson Tubarão ocupava-se em ministrar uma dose de dinamite ao cofre do vagão.

O cofre explodiu no sentido de trinta mil dólares, ouro e notas. Os passageiros espreitaram vagamente pelas janelas a ver de onde vinha a trovoadas. O condutor puxou a correia que lhe ficou lassa e caída na mão. O Dodson Tubarão e o Bob Tidball, com o espólio

numa saca de lona forte, saíram do vagão e correram pesadamente, com suas botas altas, até a máquina.

O maquinista, amuado, mas prudente, correu velozmente a máquina, obedecendo às ordens, para longe do comboio parado. Mas antes que isto estivesse feito, o guarda do rápido, tendo despertado do argumento com que o Bob Tidball lhe tinha imposto a neutralidade, saltou do vagão com uma Winchester e entrou no jogo. O sr. João Cão Grande, empoleirado no carvão, perdeu a vasa pelo processo involuntário de imitar perfeitamente um alvo. O guarda caçou-o. Com uma bala exatamente entre as espáduas, o cavalheiro de cor e indústria caiu para o chão, aumentando assim automaticamente em um sexto o quinhão de cada um dos camaradas.

A duas milhas do depósito deu-se ordem ao maquinista que parasse.

Os ladrões gritaram um adeus de desafio e enfiaram pelo declive abaixo para os bosques que marginavam a linha férrea. Cinco minutos de caminho difícil através de uma mata de chaparral trouxe-os a um bosque mais aberto, onde estavam três cavalos, presos a ramos baixos. Um esperava o João Cão Grande, que nunca mais andaria a cavalo de dia ou de noite. A este animal tiraram os ladrões a sela e o freio, e puseram-no em liberdade. Montaram nos outros dois, estendendo o saco sobre a maçã da sela de um deles, e seguiram depressa, mas discretamente, através da floresta e por uma garganta primitiva e solitária acima. Aqui o animal que levava Bob Tidball escorregou num pedregulho musgoso e partiu uma das pernas dianteiras. Mataram-no com um tiro na cabeça, e sentaram-se para realizar um conselho de fuga. Seguros por enquanto, em virtude do caminho tortuoso que haviam tomado, já a questão de tempo os não apoquentava tanto. Havia já muitas horas e léguas entre eles e a mais rápida perseguição que se pudesse organizar. O cavalo do Dodson Tubarão, de corda arrastada e freio caído, resfolegava e comia com agrado da erva à margem do riacho da

garganta. Bob Tidball abriu o saco, tirou às mãos dois maços de notas e um saco único de ouro, e riu com uma alegria de criança.

— Olha lá, meu grande pirata — disse ele rindo para Dodson —, bem dizias tu que a coisa se conseguia. Tens uma cabeça de financeiro que deixa atrás tudo no Arizona.

— O que é que a gente vai fazer a respeito de um cavalo para ti, Bob? A gente não pode esperar aqui muito tempo. Logo de madrugada, com a primeira luz, os tipos estão na nossa pista.

— Oh, aquele teu bicho tem que levar dois um bocado — respondeu Bob com otimismo. Deitamos a mão ao primeiro bicho que encontrarmos por aí. Caramba, que fizemos bom negócio, hein? Aqui pelos sinais nas cintas e no saco temos trinta mil dólares — quinze mil a cada bico!

— É menos do que eu esperava — disse o Dodson Tubarão, dando pontapés leves nos pacotes. Depois olhou meditativamente para os flancos suados da sua montada.

— O Bolívar, coitado, está quase que não pode mais disse ele devagar. — Que pena que o teu bicho se estropiasse!

— Ninguém tem mais pena do que eu — disse o Bob sem abatimento —, mas o que é que se há de fazer? O Bolívar é rijo, e pode bem conosco dois até arranjarmos outras montadas. Raios me partam, ó Tubarão, mas não me passa da ideia a piada que tem um tipo do Leste como tu vir para aqui ensinar-nos a nós do Oeste a dar cartas no negócio de salteador! De que parte do Leste é que és?

— Estado de Nova York — disse o Dodson Tubarão, sentando-se num toro e mastigando um fio de erva. — Nasci numa herdade do distrito de Ulster. Fugi de casa quando tinha dezessete anos. Foi um acaso eu vir pra Oeste. Eu ia pela estrada fora com a roupa numa trouxa a caminho de Nova York, da cidade. A minha ideia era ir pra lá e ganhar muito dinheiro. Uma tarde cheguei a um ponto onde a estrada fazia garfo, e eu não sabia por que caminho havia de tomar,

estive pra aí meia hora a estudar o caso, e depois tomei pelo da esquerda. Nessa noite mesmo fui dar ao acampamento de um circo do Oeste que andava dando espetáculos nas várias terras, e segui para Oeste com eles. Muitas vezes tenho pensado se não teria dado em qualquer coisa muito diferente se tivesse tomado o outro caminho.

— Hum, a minha ideia é que davas mais ou menos no mesmo — disse Bob Tidball, com uma filosofia alegre. — Não são os caminhos que a gente toma, é o que está dentro de nós, que faz que a gente dê no que vem a dar.

O Dodson Tubarão levantou-se e encostou-se a uma árvore.

— Tomara eu que aquela tua montada se não tivesse estropiado, Bob — tornou a dizer, com uma certa tristeza.

— E dois! — concordou o Bob. — Era um belo bicho. Mas o Bolívar tira-nos aos dois da alhada. Olha lá, e o melhor é a gente ir-se pondo a mexer, hein? Vou meter isto tudo outra vez no saco, e ala para outra terra!

O Bob Tidball repôs o espólio no saco, e apertou a boca deste, com força, com uma corda. Quando levantou a cabeça a coisa mais notável que viu foi o cano da pistola do Tubarão visando-lhe sem tremer o centro da testa.

— Deixa-te de piadas, rapaz — disse o Bob sorrindo. — A gente tem é que se pôr a mexer.

— Está quieto — disse o Tubarão. — Tu não te vais pôr a mexer para parte nenhuma, Bob. Tenho pena de to dizer, mas não há saída senão para um de nós. O Bolívar, coitado, está muito cansado, e não pode levar dois.

— Temos sido camaradas, eu e tu, Tubarão, há uns três anos — disse o Bob com sossego. — Muita e muita vez arriscou a gente a vida juntos. Sempre te tenho tratado às direitas, e julgava que eras

um homem. Já ouvi coisas que contavam de ti, de como tinhas matado um ou dois homens de uma maneira esquisita, mas nunca acreditei. Ora agora, se estás a brincar comigo, desvia lá a pistola e vamo-nos embora. Mas se queres atirar, atira, filho de um lacrau!

A cara de Dodson Tubarão tinha uma expressão de profunda mágoa.

— Não imaginas que pena eu tenho — suspirou ele — a respeito daquele desastre que aconteceu ao teu cavalo, Bob.

A expressão no rosto do Dodson mudou de repente para uma de ferocidade fria mista de inexorável cupidez. A alma do homem mostrou-se de repente uma cara sinistra à janela de uma casa honrada.

E, na verdade, nunca Bob Tidball se poria mais a mexer para parte nenhuma. Falou a pistola do amigo falso, enchendo a garganta de um estrondo que os seus muros devolveram indignadamente. E o Bolívar, cúmplice inconsciente, levou depressa para longe o último dos salteadores do rápido sem ter que "levar dois".

Mas à medida que o Dodson Tubarão galopava parecia que os bosques se esfumavam e desapareciam; o revólver na mão direita converteu-se no braço curvo de uma cadeira de mogno; a sela estava extremamente estofada, e ele abriu os olhos e viu seus pés, não em estribos, mas pousados alto na ponta de uma secretária rica.

Estou contando aos senhores que o Dodson, da Dodson & Decker, corretores de Wall Street, abriu os olhos. Peabody, o empregado de confiança, estava de pé a seu lado, hesitando em falar. Lá embaixo havia um ruído confuso de rodas, e ao pé o sussurro acariciador de uma ventoinha elétrica.

— Hum, Peabody — disse o Dodson, piscando os olhos. — Eu devo ter adormecido! Tive um sonho muito curioso. O que é que há?

— É o sr. Williams, sr. Dodson, de Tracy & Williams, que está ali fora. Vem liquidar aquilo daquelas ações. A alta caiu-lhe em cima, lembra-se o sr. Dodson?

— Sim, lembro-me. Como está isso cotado hoje, Peabody?

— Cento e oitenta e cinco, Sr. Dodson.

— Então é isso que ele paga.

— O sr. Dodson dá licença... — disse Peabody, com uma certa hesitação. — Desculpe-me falar nisso, mas estive a falar com o Williams. Ele é um velho amigo seu, e o Sr. Dodson podese dizer que tem na mão todo este papel. Pensei se o Sr...., isto é, pensei que o Sr. talvez se não lembrasse que ele lhe vendeu o papel a noventa e oito. Se ele liquida ao preço do mercado, vai-se-lhe tudo quanto tem e ainda por cima, coitado, tem que vender a casa, e a mobília e tudo, para lhe poder entregar as ações.

A expressão no rosto do Dodson mudou de repente para uma de ferocidade fria mista de inexorável cupidez. A alma do homem mostrou-se de repente como uma cara sinistra à janela de uma casa honrada.

— Cento e oitenta e cinco é que ele paga — disse o Dodson. — O Bolívar não pode levar dois.

## “O TRANSITÓRIO ÁGUIA-PRETA”

Durante alguns meses de certo ano, um terrível bandoleiro assolou a região situada na divisa do Texas, ao longo do rio Grande. Tratava-se de um “fora da lei” peculiarmente interessante. Sua estranha personalidade lhe havia assegurado o apelido de “Águia-Preta — o Terror da Fronteira”. Até hoje, muitas estórias são contadas de suas façanhas e de seus seguidores — estórias quase sempre sombrias.

No entanto, assim como apareceu, o “Águia-Preta” desapareceu de súbito. A partir daí, nunca mais se ouviu falar dele. Mesmo os integrantes do seu bando não conseguiam, nem ao menos, explicar aquele repentino desaparecimento. Contudo, os rancheiros e colonos, residentes na região, temiam que o bandido reaparecesse e passasse a talar, de novo, seus pastos de criação de gado. O “Águia-Preta”, porém, nunca mais voltou.

Este relato foi escrito para revelar o que aconteceu ao famoso bandoleiro.

Tudo começou com um pontapé de um taberneiro em São Luís. Este, observando, com seu olhar perscrutador, o “Come-Galinha”, constatou a avidez com que ele devorava um almoço grátis. “Come-Galinha” era um João-ninguém. Tinha um nariz longo como o bico de uma coruja, e demonstrava incontrolável apetite por qualquer tipo de ave, procurando sempre satisfazer essa fraqueza sem despender um só centavo. Daí o apelido que os vagabundos seus colegas, lhe haviam dado e que se lhe ajustara como uma luva.

Os médicos estão de acordo em que não constitui um hábito saudável tomar-se álcool durante as refeições. A conveniência dos proprietários de bares, entretanto, promulga o contrário. O “Come-Galinha” havia se esquecido de pedir uma bebida, para reforçar a refeição. O taberneiro, deixando o balcão, pegou o indigno

comensal pela orelha, com um espremedor de limão, levou-o até a porta e deu um pontapé, atirando-o no olho da rua.

Em face do ocorrido, o “Come-Galinha” passou a se preocupar com os sinais que indicavam a aproximação do Inverno. As noites ciam mais frias. As estrelas brilhavam com um fulgor pouco intenso. Os habitantes da cidade corriam ao longo das ruas, divididos em duas egoísticas e acotovelastes correntes, e todos vestindo sobretudos. O “Come-Galinha”, ao observá-los, calculava, em uma exata e rigorosa percentagem, o agravamento das dificuldades de se retirar qualquer moeda daqueles bolsos abotoados. Dada a conspiração em curso, concluiu que havia chegado a época de sua fuga anual para o Sul.

Olhando em torno, viu um menino, de cinco ou seis anos de idade, que contemplava, com olhos cobiçosos, a vitrina de uma confeitaria. Numa das mãos, ele tinha uma pequena frase vazio; e segurava firmemente, com a outra, alguma coisa chata e redonda, com a borda caprichosamente brunida. A visão não deixou de ó confortar. A cena representava um campo de operação, desafiando seu talento e audácia. Assim é que, após analisar o horizonte para se certificar de que não existia qualquer policial por perto, aproximou-se insidiosamente de sua vítima. Entretanto, o menino! havendo sido educado por seus familiares no sentido de receber com suspeição qualquer oferta altruística, reagiu, com frieza, à abordagem.

Em face da inesperada resistência, o “Come-Galinha” julgou que deveria valer-se de um daqueles golpes, extremos e desesperados, que a sorte exige, com frequência, dos que solicitam sua benevolência. Cinco centavos eram todo o seu capital. Teria de carneá-los, para obter o que se encontrava na mãozinha do garoto. Tratava-se de um jogo perigoso — ele sabia. Mas teria de realizá-lo, levando-o até o fim, mas através de hábil estratégia, já que tinha um verdadeiro horror de despojar meninos à força. Lembrava-se de que, certa vez, em um parque, acossado pela fome, havia roubado uma mamadeira, cheia de leite condensado, que se encontrava nas

mãos do ocupante de um carrinho-berço. O bebê, ultrajado, pôs a boca no mundo e o socorro logo apareceu, resultando, para ele, dessa investida, trinta dias confortáveis em uma prisão do Estado.

Depois disso, ficou, como dizia para si mesmo, “formado no que se referia a crianças”.

A estratégia, que havia elaborado, foi posta, então, em execução. Começou por interrogar o menino sobre sua predileção por balas e, assim, passou a obter gradualmente as informações de que necessitava. Sua mãe havia recomendado que ele pedisse ao farmacêutico para colocar cerca de dez centavos de elixir paregórico naquele frasco. Advertiu, ainda, que deveria conservar a mão bem fechada sobre aquela moeda de um dólar e que não parasse para conversar com alguém, na rua. Feita a compra, solicitaria ao farmacêutico que embrulhasse o troco e colocasse o pequeno invólucro no bolso da sua calça. Na verdade, a calça do menino tinha bolsos — dois deles. E, além do mais, o garoto era doido por creme de chocolate.

O “Come-Galinha” entrou na confeitaria. Iria dar início ao seu perigoso jogo. Investiu seu inteiro capital no setor “D.O.C.E.S., apenas para preparar o terreno, tendo em vista uma jogada mais audaciosa.

Deu as balas adquiridas ao menino e teve a satisfação de verificar que uma atmosfera de confiança se estabelecera entre ambos. Depois disso seria fácil assumir a liderança da expedição, consubstanciada na compra da pequena porção de elixir paregórico em uma excelente farmácia, que conhecia, no mesmo quarteirão.

Ao chegarem ali, o “Come-Galinha”, já com o investimento na mão, entregou o dólar ao farmacêutico e pediu o remédio, enquanto o menino, distraído, chupava sua bala, satisfeito de ser aliviado da responsabilidade pela compra. Durante a espera, o vitorioso investidor, revistando o paletó, descobriu um botão de sobretudo — sobra de seu enxoval de inverno — e, embrulhando-o cuidadosamente, colocou-o no bolso da calça do confiante garoto.

— Aí está o seu troco — disse ele. Em seguida, virou o rosto do menino na direção da casa, onde ele morava, bateu benevolente nas costas — já que o coração do “Come-Galinha” era tão mole como o das aves que lhe aguçavam o apetite — e deixou o mercado com um lucro líquido de 1.700 por cento sobre o capita investido.

Duas horas mais tarde, um trem de carga deixava o pátio ferroviário, seguindo para o Texas, arrastando uma fila de vagões vazios. Num dos vagões de gado, meio enterrado sob lascas de madeira, o “Come-Galinha” sentia-se à vontade. Ao seu lado, naquele refúgio, via-se uma meia garrafa de uísque ordinário e sacolas de pão e queijo. Ocupando seu vagão particular, o senhor “Come Galinha” estava de viagem para o Sul, a fim de passar ali a estação de inverno.

Durante uma semana, o vagão sacolejou sobre os trilhos, empurrado, puxado, freado, na sua condição de material rodante, mas o “Come-Galinha” manteve-se impassível, só o deixando pelo tempo necessário à satisfação de sua fome e de sua sede. Sabia que deveria ir à região do gado e San Antônio — situado bem no coração daquele mar de pastagens — era o seu objetivo. Ali, o clima sempre fora salubre e ameno; e o povo, indulgente e sofrido. Estava certo de que os taberneiros de lá não lhe dariam pontapés e, se comesse frequentemente, ou a intervalos, em um mesmo lugar, seria igualmente amaldiçoado, mas apenas por hábito e sem qualquer veemência. Tinha certeza de que lhe rogariam praga, mas de maneira tão vaga e displicente — longe da utilização de todo seu copioso vocabulário — que poderia consumir uma farta refeição durante o processo vituperativo. Além do mais, a estação ali parecia sempre primaveril. As praças eram agradáveis, durante a noite, com músicas e diversões. E, caso os interiores não se mostrassem hospitaleiros, poderia dormir ao relento, exceto durante os rápidos e pouco frequentes períodos de frio.

Em Texarkana, seu vagão foi engatado em outro trem, o qual, rumando também para o Sul, atravessou, por fim, a ponte Austin, sobre o Colorado, e embicou reto, como uma flecha, na direção de

San Antônio. Quando o trem parou na estação, o “Come-Galinha estava mergulhado em profundo sono. Dez minutos mais tarde, o comboio pôs-se em movimento, de novo, seguindo para Laredo, o fim da linha. Aqueles vagões de gado vazios deveriam ser distribuídos, ao longo da ferrovia, entre os diferentes pontos, nos quais os rancheiros costumavam embarcar suas reses.

Quando o Come-Galinha acordou, seu vagão estava parado. Olhando para fora, através da parede de réguas, viu que era noite e noite de Lua Cheia. Desembarcando, constatou que seu vagão e mais três outros haviam sido deixados em um pequeno desvio e que a região, em torno, era selvagem e deserta. Havia um curral de gado em um dos lados da ferrovia, a qual, por sua vez, dividia, ao meio, um imenso oceano de pastos. Ilhado ali, e dispondo apenas daquele vagão vazio, o “Come-Galinha” sentiu-se, de súbito, como se fosse um Robinson, perdido no seu barco.

Um poste branco erguia-se ao lado dos trilhos. Pondo-se na ponta dos pés, leu o que estava escrito em uma tabuleta: “S.S.90”.

Laredo era praticamente tão longe quanto o Sul. Quase cem milhas afastadas de qualquer outra cidade! Coiotes uivavam no misterioso mar que se abria em torno dele. Sentiu-se, então, solitário. Até então havia vivido em Boston, sem estudar; em Chicago, sem demonstrar coragem; em Filadélfia, sem um pouso para dormir; em Nova Iorque, sem fazer força; em Petersburg, sem beber; e, no entanto, nunca se sentira tão solitário como naquele momento.

Subitamente, porém, ouviu o relinchar de um cavalo. O som veio do lado da linha, na direção leste, e passou a explorar o terreno naquele sentido. Caminhou, pisando alto, pois temia que pudesse existir, sob aqueles arbustos, cobras, ratos, salteadores, centopeias, vaqueiros, tarântulas, sobre os quais muito havia lido nos jornais. Contornando uma moita de pereiras, cujos galhos se erguiam no ar como um conjunto de cabeças fantásticas e ameaçadoras, assustou-se até quase o terror ao ouvir, de súbito, um trovejante relincho. O cavalo, também amedrontado, recuou cerca de umas cinquenta jardas e, então, voltou a pastar ciente novo. Apesar do

susto, ali estava a única coisa do deserto que o “Come-Galinha, de fato, não temia. Fora criado em uma fazenda — lidara com cavalos; entendia-os; e sabia montá-los.

Aproximando-se cautelosamente e chamando-o, ele se acercou do animal, o qual, depois da fuga inicial, parecia suficientemente dócil. Apanhou a ponta da corda, de vinte pés, que ele tinha ao pescoço e que era arrastada pelo chão e, em um minuto, transformou-a em uma engenhosa rédea, no gênero do bolsai mexicano. Em seguida, montou o animal e, esporeando-o com os calcanhares, deixou que ele próprio decidisse sobre a direção a ser seguida. “Este bicho me levará a algum lugar” ele disse para si mesmo.

Aquele desenfreado galope pelo vale, banhado pela Lua Cheia, poderia ter sido um prazer mesmo para o “Come-Galinha, que detestava fazer qualquer esforço, se ele não se sentisse deprimido. Doía a cabeça. Uma angustiante sede o avassalava. E o algum lugar”, para onde sua montaria o estava levando, parecia envolto em uma aura de funesta incerteza.

Mesmo assim, o “Come-Galinha” deixou-se conduzir. Percebia, contudo, que o cavalo se dirigia para determinada direção. Nos trechos em que o vale era coberto por ondulante capim, ele havia se mantido em uma linha reta como uma flecha, no rumo este. E, se era desviado por alguma elevação ou mesmo por um riacho, não tardava a voltar ao primitivo curso, orientado por seu infalível instinto. Por fim, contornando uma colina, o animal sustou o galope, passando a um andadura suave e, até certo ponto displicente.

O Come-Galinha logo percebeu o que estava ocorrendo. O algum lugar, procurado pelo animal, ali estava à sua frente.

Viu uma grande pedra e, ao lado dela, uma moita de árvores e, sob ela, um jacal, desses que os mexicanos costumam construir em pontos estratégicos de seus pastos. Era uma casa de pau-a-pique com apenas um quarto, e coberta de galhos secos. Quem quer que conhecesse os hábitos dos habitantes da região teria reconhecido, naquela construção, uma espécie de quartel-general de um rancho

de ovelhas. Àquela hora, à luz da Lua, o terreno, em torno da casa, parecia socado até à vitrificação pelo pisar dos cascos de ovelhas. Por toda a parte viam-se apetrechos necessários à atividade de pastoreio — cordas, freios, selas, peles de ovelhas, sacos de la, restos de comida e bugigangas campestres. A barrica de água potável estava na traseira de uma carroça de dois animais, perto da porta. O arrame respectivo, ensopado de orvalho, cobria os varais da carroça.

O “Come-Galinha” desmontou e amarrou o cavalo em uma árvore. Gritou diversas vezes, para verificar se havia alguém ali, mas a casa permaneceu em silêncio. Como a porta estivesse aberta, entrou cautelosamente. Havia claridade suficiente para constatar que ninguém se encontrava no interior. Riscou um fósforo e acendeu o lampião que havia sido deixado sobre a mesa. Verificou, então, que aquele quarto só poderia ser de um rancheiro solteiro, que se contentava apenas com o necessário. Erguendo o lampião, esquadrinhou, com cuidado, a peça até que descobriu o que, na realidade, não esperava encontrar — uma garrafa que continha quase um quarto do desejo que o assaltava.

— A meia hora mais tarde, o “Come-Galinha”, então já convertido em um galo de briga, de aparência agressiva, deixava a choça caminhando com passos vacilantes. Mudara de roupa, substituindo seu esfarrapado terno pela indumentária do rancheiro ausente. Vestia-se de maneira grotesca, tendo, como paletó, uma espécie de bolero e exibia botas e esporas, sendo que essas zuniam a cada passo dado. Completando aquela estranha, mas garbosa mudança de aspecto, ostentava, em torno dos rins, um cinto largo cheio de balas, com um “seis tiro” em cada um dos dois coldres.

Vasculhando mais a casa, encontrou mantas, uma sela e freios, com os quais arreou o cavalo. Por fim, montou outra vez e se afastou da choça devagar — o cavalo a passo — entoando, em voz alta, uma canção desafinada.

Não longe dali o bando de Bud King — integrado por facínoras, bandoleiros, ladrões de gado e de cavalos estava acampado em um

esconderijo à margem do rio Frio. Suas depredações na região, banhada pelo rio Grande, tinham levado o terror as populações ribeirinhas e o capitão Kinney, comandante de uma companhia de rangers, havia recebido ordens superiores para enfrentá-lo. Consequentemente, Bud King, que era um chefe cauteloso, ao invés de levar a efeito uma investida contra os representantes da Lei — como seus homens desejavam — decidira suspender, por algum tempo, suas tropelias, buscando refúgio na fortaleza, cheia de espinhos do vale do Frio.

Embora essa tática fosse de grande prudência, e não incompatível com a reconhecida coragem de Bud King, ela não deixou de provocar dissensões entre os integrantes do bando. Assim, enquanto os homens se conservavam inativos sob o mato, a questão da liderança, à qual deveriam se submeter, era discutida em voz baixa, no interior do acampamento. Até então, a habilidade e a eficiência de Bud King não haviam sido postas em dúvida. Entretanto, naquele momento a fortuna parecia fugir das mãos, desvanecendo-se, aos poucos, à luz de uma estrela mais nova. O sentimento do bando cristalizara-se na conclusão de que o “Águia-Preta” poderia chefiá-lo, com maior eficiência, maiores lucros e muito maior segurança do que Bud King.

Este “Águia-Preta”, subtítulo: “O Terror da Fronteira” só há três meses integrava o bando. Certa noite, quando os bandoleiros conversavam junto ao poço de água de São Miguel, um cavaleiro solitário, montado em um feroso animal, introduziu-se entre eles. O recém-vindo tinha um aspecto portentoso e impressionante — nariz bicudo, com uma curva predatória projetada sobre o ericado das barbas; olhos encovados e claros; roupa esquisita; botas de couro cru; e revólveres dos dois lados dos quadris. Além de tudo isso, estava completamente bêbado e revelava incomum desassombro. Na realidade, ninguém, entre os habitantes da região, banhada pelo rio Bravo, teria coragem de invadir, escoteiro, o acampamento de Bud King. Contudo, aquele desconhecido o fizera: avançara destemidamente ao encontro dos bandoleiros e exigira que eles lhe dessem comida.

Como se sabe, é ilimitada a hospitalidade no interior dos acampamentos. Mesmo que um inimigo surja em frente de um deles, o comum é dares uma refeição, antes de matá-lo. De vê-se descarregar a arma contra ele, antes que ele o faça. Assim, aquele estranho, com intenções não declaradas, foi recebido no acampamento de Bud King, e homenageado com grandes festas.

Tratava-se de um sujeito falante, contador de anedotas, e que conversava em uma linguagem às vezes obscura, mas nunca sem colorido. Sua chegada ao acampamento causara sensação, já que os homens de Bud King só raramente tinham a oportunidade de fazer novas amizades. Divertiram-se, pois, com a fanfarronice do recém-chegado — sua gíria picante; sua desdenhosa familiaridade com o Vida e com o Mundo; suas frequentes referências a lugares remotos; e a estranha franqueza, através da qual revelava seus sentimentos.

O Águia-Preta, porém, não era outro senão o nosso muito conhecido Come-Galinha”. Ali estava como se encontrasse em casa. Para ele, o bando de proscritos, no qual acabara de ingressar, não passava de um ajuntamento de homens simples que lutavam pela sobrevivência, como ele próprio o fazia, contando suas estórias a porta dos fundos dos ranchos, para obter uma refeição. E, na realidade, aquela sua ignorância era, até certo ponto, desculpável. Os homens maus” do Sudoeste não se revelavam radicais em suas ações e poderiam ser, perfeitamente, tomados por um grupo de rústicos camponeses, reunidos para um piquenique de pescaria, todos eles de modos gentis, andar relaxado, voz suave e vestidos vulgarmente — não acusavam qualquer evidência da ficha criminal, de que eram proprietários.

Durante dois dias, o pomposo desconhecido foi festejado no acampamento. Aí, então, e por assentimento geral, foi convidado a fazer parte do bando. O “Come-Galinha” concordou, apresentando, para seu recrutamento, o espantoso nome de Capitão Montreaur, o qual foi imediatamente rejeitado pelo bando e substituído pelo de Porco, em homenagem ao seu terrível e incontrolável apetite. Dessa

forma, a fronteira do Texas foi brindada com o mais espetacular bandoleiro que jamais havia incursionado no chaparral.

Durante os três meses seguintes, Bud King liderou o bando como o fazia sempre, fugindo de encontros com as autoridades militares, de um lado, e satisfazendo-se, de outro, com lucros pequenos, razoáveis. O bando apossou-se de numerosos cavalos e de muitas cabeças de gado dos rancheiros da região, e essa manada, depois de atravessado o rio Grande, foi vendida do outro lado da fronteira com um bom lucro. Frequentemente, o bando invadia pequenas aldeias e colônias mexicanas, aterrorizando a população e saqueando os armazéns para obter provisões e munições de que necessitava. Foi durante essas incursões brutais, com seu aspecto feroz e sua voz terrificante, adquiriu um renome mais extenso e mais espetacular do que os seus colegas, de voz mansa e rosto triste, só poderiam conseguir no período de uma existência. Os mexicanos, mais versados em terminologia, apelidaram-no, a princípio, de “Águia-Preta” e costumavam amedrontar seus filhos, contando estórias do terrível ladrão que assaltava as casas e carregava criancinhas no seu enorme bico. O apelido se espalhou, adquirindo amplitude. E o “Águia-Preta o “Terror da Fronteira”, converteu-se, pouco depois, em assunto obrigatório nas colunas dos jornais de escândalo e nas conversas dos rancheiros.

A região, situada entre Nueces e o rio Grande, era selvagem, mas fértil, e havia sido retalhada em numerosos ranchos de gado ou de ovelhas. A área, devoluta; poucos, os habitantes; a lei não passava de um documento, ignorado por todos; e os bandoleiros ali agiam livremente, quase sem resistência. O bando de Bud King não tinha, pois, motivos de queixa. Tudo corria bem para ele, até que o espalhafatoso e extravagante “Porco” lhe deu uma súbita e indébita publicidade. Foi aí que os rangers do capitão Kinney se movimentaram, concentrando-se em torno da área da aproximação dos soldados, Bud King, percebendo que aquilo poderia significar guerra e julgando ser desnecessário o risco, conduziu, então, seus homens, para um local, quase inacessível, a margem do rio Frio. Daí em diante, como dissemos, a insatisfação lavrou entre os

bandoleiros, os quais passaram a articular uma ação de impedimento de Bud King, sendo que o “Águia-Preta estava muito cotado para substituí-lo.

Bud King, ciente do descontentamento de seus homens, convocou seu lugar-tenente, Cactus Taylor, para discutir a situação.

— Se os rapazes não estão satisfeitos comigo, posso deixar a chefia do bando — explicou Bud. — Queixam-se da maneira como os estou conduzindo e, especialmente, por que preteri escondê-los enquanto Sam Kinney anda por perto. O que procuro fazer é evitar que eles sejam mortos ou trancados em uma cadeia do Estado. Reagem, porém, alegando que não presto para a chefia...

— Não seria tanto por isso, se não estivessem de cabeça virada por causa do “Porco” — esclareceu Cactus. Querem a barba dele e aquele nariz pontudo para cortar o vento na frente da coluna...

— Sei que há, de fato, uma coisa estranha, no que diz respeito ao “Porco” — ajuntou Bud, preocupadamente. — Nunca vi nada que se ajustasse a ele, pois é diferente de todos nós. Quanto a mim, posso aguentar o rojão, como já dei muitas provas. Mas ele sempre hesita na hora de se tomar uma decisão. Além do mais, o “Porco” não foi experimentado ainda. Sabe, Cactus, não tivemos qualquer encrenca maior desde que ele passou a fazer parte do bando. Acho que só serve mesmo para contar estórias e pilhar lixo nos armazéns de encruzilhada. Sabe o que penso dele? É o maior bucaneiro de ostra enlatada e o maior salteador de queijo que jamais existiu. Mas qual o seu apetite por briga? Conheci muitos sujeitos que pareciam estar morrendo por uma encrenca, mas que, na hora do pega-para-capar”, ficavam logo desarranjados dos intestinos.

— Você tem razão, Bud. O “Porco” está sempre falando... fala esparramado a respeito das espeluncas, onde esteve — concordou Cactus. — Alega que já viu tudo, desde elefante até coruja. Mas a verdade é que o pessoal gosta da prosa dele e acha que ele, e não você, é que devia chefiar o bando.

— Eu sei disso — replicou Bud, mostrando-se cético — mas tenho cá minhas dúvidas a respeito dele.

Essa conversa teve lugar, certa noite, no acampamento, enquanto os demais membros do bando — oito, ao todo — estavam esticados no chão, em torno do fogo, jiboando o jantar. Quando Bud King e Cactus Taylor cessaram de conferenciar, ouviram a voz tonitruante do “Porco”, sobressaindo-se entre as dos demais integrantes do bando e, como sempre, eivada de fanfarronice. Falava ainda comendo, embora preocupado em refrear seu insaciável apetite.

— Que importância tem, para o bando, estar caçando vaquinhas vermelhas e cavalos pangarés por milhares de milhas? — perguntava, e ele próprio respondia: — Nenhuma. Galopar por estes matos, por estes capinzais, pegando uma sede que uma cervejaria inteira não é suficiente para aplacar e, ainda por cima, sem comer... Sabem o que faria se fosse o chefe? Iria certo em um trem. Faria explodir o vagão-correio e pegaria um montão de dólares! Essas mixarias de roubo que vocês fazem acabam me irritando. Fico enjoado. Sinto o estômago embrulhado, só em ouvir essas conversas baratas de vaqueiros sem serviço.

Nessa mesma noite, uma comissão dos bandoleiros foi procurar Bud King. Durante a troca de ideias, conservaram-se de pé. Falavam. Mastigaram folhas. Perderam-se, enfim, em circunlóquios. Portaram-se com visível constrangimento, porque não desejavam irritar o chefe. Bud King, porém, sabendo o que a comissão desejava, abordou logo o assunto, tornando a conversa mais fácil. Maiores riscos e maiores lucros — eis o que os homens desejavam.

A sugestão do “Porco”, de se assaltar um trem, havia inflamado as imaginações e aumentara a admiração dos bandoleiros pelo audaz e intrépido instigador. Eram eles tão simples, tão sem habilidade e tão arraigados aos hábitos do interior que nunca haviam pensado em alargar, em expandir as atividades do bando. Tinham se contentado, até então, em realizar alguns roubos de gado e em disparar suas armas contra quem se arriscasse em interferir.

Bud portou-se com elevação, concordando em ser o segundo até que o “Águia-Preta” fosse aprovado na sua experiência como chefe. Depois de muitas consultas, de estudos sobre a melhor hora, de discussões sobre a topografia da região, os homens haviam chegado a uma conclusão em relação ao dia e ao local, onde deveria ser levada a efeito aquela nova e audaciosa empresa. Na época, havia escassez de gêneros alimentícios no México e falta de gado em certas partes dos Estados Unidos e, conseqüentemente, estava em curso um ativo comércio internacional. Grandes somas de dinheiro eram enviadas pela ferrovia que ligava as duas Repúblicas. Em face da ótima perspectiva, ficou combinado que o melhor local para o planejado assalto era Espina — pequena estação ferroviária, situada cerca de quarenta milhas ao norte de Laredo. O trem parava ali durante apenas um minuto e a área, em torno, era selvagem e não colonizada. A estação, em si, não passava de uma casa comum, na qual morava o respectivo agente.

O bando, então sob a chefia do “Águia-Preta”, deixou o esconderijo, viajando, durante a noite, para o local combinado. Ao chegar às proximidades de Espina, os homens desmontaram e deixaram seus cavalos em um bosque, a fim de que descansassem do longo estirão. O trem deveria chegar a Espina às 10,30 da noite. Dispunham de um dia inteiro, pois, para os retoques finais na operação. E, realizado o assalto, poderiam cruzar a fronteira mexicana, com o butim, ao amanhecer do dia seguinte.

O “Águia-Preta” — justiça lhe seja feita — não demonstrava qualquer temor em face da responsabilidade que lhe pesava nos ombros. Distribuiu os homens — cada um no seu respectivo posto — e os instruiu cuidadosamente sobre os deveres que lhes cabiam. Em cada lado da ferrovia, quatro deles deveriam ficar deitados, escondidos pelo chaparral. Gotch Ear Rogers renderia o agente da estação. Bronco Charlie ficaria com os cavalos, mantendo-os presos para a fuga final. No local, onde se presumia que a locomotiva deveria ficar, quando o trem parasse, estariam Bud King e o próprio “Águia-Preta” — um de cada lado da linha. Os dois dominariam o maquinista e o foguista, obrigando-os a deixar o comboio e

seguirem para a retaguarda. Aí, então, teria lugar o assalto ao vagão-correio. As instruções eram estritas: ninguém deveria se mover antes que o “Águia-Preta” desse o sinal, disparando o seu revólver. O plano, como se vê, era perfeito.

Dez minutos antes da chegada do trem, cada homem já se encontrava no seu posto, convenientemente escondido pelo denso chaparral que crescia até quase junto aos trilhos. A noite era escura, com um chuveiro peneirando de um aglomerado de nuvens errantes. O “Águia-Preta” agachou-se atrás de uma moita, em uma distância de cinco jardas da ferrovia. Trazia seus dois “seis tiros” à cintura. De vez em quando, tirava uma garrafa do bolso e a levava à boca.

Uma luz brilhou ao longe, sobre os dois trilhos, e se foi aproximando, aproximando, até se converter na lanterna do trem, que chegava. O ruído que fazia intensificava-se a cada segundo. E, por fim, viu-se a locomotiva, rangendo e soltando fumaça, como se fosse um monstro vingador, disposto a impor justiça aos bandoleiros escondidos. O “Águia-Preta” colou-se, então, ao chão. A máquina, porém, ao invés de estacionar onde se presumia que o fizesse, passou entre ele e Bud King e só foi parar cerca de quarenta jardas adiante.

O novo chefe do bando ergueu-se e olhou em torno. Seus comandados permaneciam quietos, aguardando o combinado sinal. Ao observar o trem, porém, sentiu-se surpreendido: ao invés de ser o comboio regular, o que ali se encontrava era um “misto” de carga. Diante dele, estava um carro de caixotes, cuja porta se encontrava semiaberta. O “Águia-Preta” avançou e a abriu inteiramente. Um cheiro característico invadiu-lhe as narinas — um cheiro úmido, rançoso, bolorento, o bem-amado odor que fazia reviver velhas recordações de dias felizes e de longas viagens. Súbita nostalgia apossou-se dele. Estendeu os braços e apoiou as mãos na soleira da porta. Dentro, via o assoalho seco, limpo, convidativo. Fora, o chuveiro havia se convertido em uma chuva gelada.

Soou o sino da estação. O “Águia-Preta” desamarrou o cinto, pejado de revólveres, e o atirou ao chão. Seguiram-se as esporas e o imenso sombreiro. Sentia-se enternecido. O trem moveu-se devagar, fazendo tinir as rodas contra os trilhos. O ex “Terror da Fronteira” atirou-se, então, no interior do vagão e fechou rapidamente a porta. Estendido, com volúpia, no assoalho — a garrafa bem junto ao peito, os olhos fechados e um sorriso de felicidade no rosto tenebroso — o “Come-Galinha” dava início à sua longa viagem de volta. Imperturbável. Indiferente ao bando de facínoras que permanecia deitado, aguardando o seu sinal para o ataque.

O trem afastou-se devagar da estação de Espina. Ruído de rodas nos trilhos. Um apito agudo de despedida. Enquanto a velocidade aumentava e densas moitas de mato pareciam galopar dos dois lados da composição, mas em sentido inverso, o condutor, acendendo o cachimbo e olhando através da janela do vagão, murmurou, compassivamente:

— Que lugarzinho bom para um assalto!...

## A ÚLTIMA FOLHA

Num pequeno distrito, situado na parte ocidental da Washington Square, as ruas revelam estranho traçado, abrindo-se, de súbito, em faixas irregulares, mais largas, denominadas “praças”. Essas “praças” apresentam curiosos ângulos e curvas. Certa rua, por exemplo, depois de torcicolar ao longo do distrito, cruza consigo mesma, uma ou duas vezes. Um artista não tardou a descobrir a relevante vantagem, oferecida por esse bizarro entrelaçamento. Um cobrador que o fora procurar, para receber uma conta de tintas, pincéis e telas, ao se embarafustar por aquela insóbita via pública, quando deu fé de si já estava deixando o local, sem haver recebido um só centavo da fatura, de cuja Quitação havia sido incumbido ...

Em face disso, muitos artistas logo passaram a frequentar a excêntrica e velha Greensboro Village. Buscaram acomodações pitorescas — casas com janelas abertas para o norte, fachadas do século XVIII, águas furtadas holandesas — e de aluguel barato. Assim que encontravam o que desejavam importavam canecos de cobre e uns poucos pratos da Sexta Avenida e organizavam, então, uma “colônia”.

Sue e Johnsy haviam instalado seu estúdio na água-furtada de uma casa acachapada, de três pavimentas, ali existente. Johnsy era o apelido de Joana. Uma delas viera do Mine; e outra, da Califórnia. Conheceram-se em um restaurante da Rua Oito — o Demonico — e descobriram que seus gostos em relação à Arte, às saladas de chicória e às meias roxas dos bispos, eram perfeitamente semelhantes. E, dada essa identidade de pontos-de-vista, surgiu, então, o estúdio conjunto.

Tudo isso ocorreu em maio. Em dezembro, porém, um intruso desconhecido, que os médicos chamavam de Pneumonia, passou a frequentar o bairro. Vagueava pelas ruas e se divertia, tocando os moradores — um aqui e outro ali — com seus dedos gelados. No

setor oriental do distrito, esse malfeitor agiu com a maior sem-cerimônia, prostrando suas vítimas aos montes. Entretanto, não se sabe por que razão, penetrou com a maior cautela possível, no labirinto daquelas “praças”, irregulares e bolorentas.

O senhor Pneumonia não era o que se poderia denominar um cavalheiro. Uma mulherzinha, com o sangue aguçado pelo ar da Califórnia, representava um jogo limpo demais para ele, já que era um contumaz e desalmado trapaceiro. Johnsy, entretanto, foi vítima de suas garras. Assim é que ela se vira, de súbito, quase imóvel, estendida sobre a sua cama de ferro, com os olhos fixos, através da janela, na parede da casa de tijolos, que ficava do outro lado da rua.

Certa manhã, o atarefado médico — que se mostrava preocupado — levou Sue até o corredor, que dava para o vestíbulo, e lhe falou com franqueza:

— Ela tem uma chance em... vamos dizer... em dez — explicou, enquanto sacudia o termômetro, para que o mercúrio descesse. — E mesmo esta chance, é se ela ainda quiser viver. Quando um doente toma o partido do papa-defunto, como está acontecendo com ela, a farmacopeia inteira torna-se inútil. A impressão que tenho é de que sua amiga já decidiu que não irá mais ficar boa. Será que tem alguma coisa na mente?

— Ela... deseja muito pintar, um dia, a baía de Nápoles — respondeu Sue, com a vivacidade de quem houvesse descoberto a pólvora.

— Pintar? Ora bolas! O que quero saber é se ela tem alguma coisa que a preocupe, sobre a qual valha a pena pensar. Um homem, por exemplo?

— Um homem? — repetiu Sue, como que hesitando. — Um homem, que valha a pena... não, doutor, não há qualquer homem.

— Bem, então, é a fraqueza — esclareceu o médico. — Não pouparei esforços, e irei fazer tudo que está ao alcance da

Medicina. Entretanto, sempre que uma paciente passa a imaginar quantos carros acompanharão o seu enterro reduzo em 50 por cento o poder curativo dos medicamentos. Se conseguir, porém, que ela lhe faça uma pergunta, por exemplo, sobre qual será o estilo de mangas dos casacos do próximo inverno, prometo uma chance em cinco, para a sua cura, ao invés de uma para dez.

Depois que o médico havia saído, Sue subiu ao estúdio e, apanhando sua prancheta de desenho, retornou ao quarto de Johnsy e se pôs a assobiar. A amiga permanecia estendida sobre a cama, tão magra que mal fazia ondear a colcha que a cobria. Seus olhos, parados, continuavam fixos através da janela. Sue parou de assobiar, julgando que ela estivesse dormindo. Preparou sua prancheta então, e passou a fazer um desenho, a bico-de-pena, para ilustrar um conto a ser publicado em uma revista. Os artistas novos precisam adquirir nome, fazendo ilustrações para revistas, assim como os escritores principiantes o fazem em busca da notoriedade literária.

Enquanto Sue esboçava a figura de um cowboy de Idaho, usando elegantes calças de montaria e um monóculo ouviu um som repetido diversas vezes. Levantou-se e aproximou-se da cama de Johnsy. A amiga tinha os olhos desmesuradamente abertos, e voltados para a janela. Percebeu, igualmente, que ela contava, mas de diante para trás — “doze”, “onze”, “dez” e, então “nove”, e “oito”, quase juntos.

Sue olhou, com curiosidade, através da janela, a fim de verificar o que existia, lá fora, para ser contado. O que viu foi um pátio sombrio e nu, embaixo, e a larga parede da casa próxima situada a cerca de vinte jardas de distância. Um velho pé de hera, com as raízes já fora da terra, subia até a metade daquela parede, agarrando-se nas saliências dos tijolos. O ar quente do outono fizera com que suas folhas houvessem caído e, assim, o que se contemplava ali era tão-somente o esqueleto da trepadeira, quase ressequido.

— O que há, querida? — perguntou Sue.

— Seis — respondeu Johnsy, em um murmúrio. — Estão caindo mais depressa agora. Há três dias, existiam quase cem. Fico com a cabeça doendo ao contá-las. Mas agora está fácil. Olha, mais uma caiu neste instante! Só restam cinco agora.

— Cinco... de quê? Conta para a sua Sue.

— Folhas. No pé de hera. Quando a última cair, deverei ir também. Há três dias, que sei disso. O médico não lhe disse nada?

— Oh, nunca tive notícia de tão grande disparate — queixou-se Sue, com ar zombeteiro. — Que relação têm as folhas mortas de uma hera com a sua doença? E você gostava tanto delas antes!... Não seja tola. O que o médico me disse, hoje de manhã, foi que suas chances de se curar eram... deixa me lembrar exatamente o que ele disse... são de dez para uma. Isto quer dizer que são quase tão boas como as que temos quando fazemos um passeio de carro por Nova Iorque ou quando passamos ao lado de um edifício em construção. Experimente tomar uma sopa agora, e deixe Sue fazer a sua ilustração. Assim, ela a venderá ao editor e, com o dinheiro ganho poderá comprar vinho do Porto para a sua amiga doente e costeletas de porco para lhe matar a fome.

— Não precisa comprar mais vinho do Porto — disse Johnsy, conservando o olhar fixo através da janela. — Agora, caiu outra folha! Não, não desejo tomar qualquer caldo ou sopa. A folha, que caiu, foi justamente a quarta. A última poderia cair antes do anoitecer. Aí, eu irei também.

— Johnsy, querida — rogou Sue, curvando-se sobre ela — desejo que me prometa ficar com os olhos fechados e não olhar através daquela janela até que termine o meu trabalho. Tenho de entregar este desenho amanhã. Preciso de luz... ou você vai me obrigar a fechar a cortina?

— Não poderia desenhar no outro quarto? — perguntou Johnsy, tranquilamente.

— Prefiro ficar aqui ao seu lado — respondeu Sue. — Além disso, não quero que você fique olhando aquelas folhas de hera.

— Avise-me, então, quando houver terminado o trabalho — pediu Johnsy, fechando os olhos, branca e imóvel como uma estátua — porque desejo ver a última folha cair. Estou cansada de esperar. Cansada também de pensar. Quero me libertar de tudo, e deixar-me ir caindo, caindo, caindo, assim como todas aquelas pobres e ressecadas folhas.

— Procure dormir um pouco — pediu Sue. — Preciso ir chamar Behrman para me servir de modelo para o velho mineiro solitário. Não demorarei mais do que um minuto. Procure não se mexer até que volte.

O velho Behrman era um pintor que morava no andar térreo, quarto situado mesmo debaixo do estúdio delas. Tinha mais de sessenta anos de idade e apresentava uma barba igual ao Moisés de Miguel Angelo, caída em cachos da cabeça de um sátiro e se estendendo ao longo do corpo de um ímpio. Behrman era um fracassado em arte. Durante quarenta anos, tinha manejado o pincel sem se aproximar o suficiente para tocar sequer a fímbria da veste de sua bem-amada dama — a Pintura. Estava sempre, em vias de pintar uma obra-prima, mas nunca havia nem ao menos começado a fazê-la. Por muitos anos, tinha pintado apenas, e de quando em quando, borrões no gênero comercial ou de propaganda. Ganhava um pouco, servindo de modelo para os artistas, residentes na "colônia", que não podiam pagar o preço de um profissional. Bebia gim em excesso e, quando bêbedo, insistia em falar na sua obra-prima. Fora disso, não passava de um velhinho feroz, que se considerava um cão-de-guarda especial, tendo por função proteger as duas jovens artistas que trabalhavam no estúdio, situado acima do seu quarto.

Sue foi encontrar Behrman no seu antro, mal iluminado, no andar térreo, recendendo fortemente a génebra. Num canto do quarto, via-se uma tela virgem sobre um cavalete. Estava ali há vinte e cinco anos, à espera do primeiro traço da anunciada obra-prima. Sue falou do delírio de Johnsy e de como temia que ela — tão leve e tão

frágil como se fosse mesmo uma folha — pudesse sair flutuando, de fato, no ar, quando o seu já tênue contato com o mundo se tornasse ainda mais débil.

O velho Behrman, com os olhos vermelhos flamejando, externou seu escárnio em face do que julgava uma idiotice imaginativa.

— Ora bolas! — exclamou. — Ainda haverá gente no mundo que acredite que vai morrer, só porque as folhas de uma trepadeira estão caindo? Palavra que nunca ouvi tão grande estupidez. Não, não vou posar para você hoje. Por que deixou essa idiotice fosse entrar na cabeça dela? E logo na cabeça da pobrezinha, da minha querida senhorita Johnsy...

— Ela está, de fato, muito doente e, sobretudo, muito fraca — explicou Sue. — Creio que a febre lhe afetou o raciocínio e fez com que passasse a delirar desse jeito. Muito bem, senhor Behrman, se não quer posar para mim, não precisa fazê-lo. O problema é seu. Mas isso não impede que lhe diga que o senhor é... um velho e insuportável conversa-fiada.

— Tal qual todas as mulheres! — gritou Behrman. — Quem foi que disse que não iria posar? Pode subir, senhorita Sue, pois vou daqui a pouco. É incrível. Isto aqui não é um lugar, onde uma moça tão gentil, como a senhorita Johnsy, devesse ficar de cama, doente. Ainda vou pintar a minha obra-prima e, quando ela ficar pronta, todos nós iremos embora daqui. Todos juntos, senhorita Sue!

Johnsy estava dormindo quando os dois entraram no quarto. Sue puxou a cortina, fechando-a, e levou Behrman para a peça ao lado. Dali, olharam, com inquietação, o pé de hera e, em seguida, trocaram um olhar demorado, sem dizerem uma só palavra. Uma chuva gelada e persistente caía lá fora, misturada com a neve própria da estação. Behrman, vestindo sua velha camisa azul, assentou-se, assumindo a atitude de um mineiro solitário. Uma panela, virada de boca para baixo, fazia o papel de uma pedra, sobre a qual ele se ajeitou.

Quando Sue acordou na manhã seguinte, após uma hora de profundo sono, percebeu que Johnsy ainda permanecia desperta, com os olhos sombrios e muito abertos fixos na cortina verde, que se encontrava cerrada.

— Abra a cortina, por favor. Quero olhar para fora — pediu, quase em um ciclo.

Sue obedeceu, aborrecida.

— Mas — oh, surpresa! apesar da chuva constante e das sucessivas rajadas de vento que haviam azorragado a parede da casa em frente, durante a noite inteira, lá se via ainda, agarrada às saliências de um tijolo, uma folha de hera. Era a única que restara da trepadeira inteira. Ainda verde-escura e presa ao pedúnculo, mas com seu contorno dentado apresentando o amarelado que antecipa o apodrecimento. A folha estava presa em um galho retorcido, situado a cerca de vinte pés acima do solo.

— É a última — exclamou Johnsy. — Pensei sinceramente que caísse durante a noite. Ouvi as rajadas de vento. Mas irá desprender-se hoje e, então, morrerei ao mesmo tempo.

— Querida, minha querida! — disse Sue, apoiando seu rosto cansado no travesseiro. — Pense em mim, se não quer pensar em você mesmo! O que irei fazer?

Johnsy, porém, não respondeu. A coisa mais solitária do mundo é uma alma que está se preparando para empreender a longa jornada, da qual não se retorna. O delírio parecia apoderar-se dela cada vez com mais força à medida que os laços que a prendiam à amizade e ao mundo se iam desfazendo, um a um. O dia passou sem novidade e, quando o crepúsculo desceu, elas viam ainda a restante folha de hera presa ao seu pedúnculo, agarrada à parede. E, então, com a chegada da noite, o vento norte passou a soprar de novo, enquanto a chuva ainda tamborilava no vidro da janela e escorria ao longo do beirai holandês, empapando a terra lá embaixo.

No dia seguinte, quando amanheceu, Johnsy, a implacável, exigiu que a cortina fosse aberta de novo. A folha de hera ainda lá estava. Johnsy, aturdida, deixou-se ficar deitada, observando-a demoradamente. E, então, chamou Sue, que estava mexendo sua canja de galinha sobre o fogão.

— Tenho sido muito má, Sue — disse ela. — Alguma coisa fez com que aquela folha ali ficasse, para me demonstrar como tenho sido malvada. Desejar morrer é pecado. Talvez possa tomar um pouco de sopa agora, e, também, um copo de leite, com vinho do Porto misturado. Ou melhor, prefiro, antes, um espelho e, então, ajeite alguns travesseiros em torno do meu corpo, de forma que possa me sentar e vê-la cozinhar.

Uma hora mais tarde, ela disse:

— Sue, espero que, um dia, possa pintar a baía de Nápoles...

À tarde, o médico apareceu, e Sue procurou uma desculpa para acompanhá-lo até o corredor do vestíbulo, quando ele saiu.

— Chances iguais — disse o médico, tomando, nas suas, a mão delicada de Sue, que tremia. — Como boa enfermeira, você ganhará a partida. Agora, preciso atender a um outro caso, no andar de baixo. O nome do doente é Behrman — uma espécie de artista, segundo creio. Também vítima de pneumonia. Trata-se de um senhor idoso e fraco, e o seu caso é muito grave. Já não há qualquer esperança para ele. Mas vou levá-lo, hoje, para o hospital. Apenas para que tenha um pouco de conforto.

No dia seguinte, o médico disse a Sue: — Ela está fora de perigo. Você venceu. Alimentação e cuidado, agora, eis tudo. — Quando ele saiu, Sue se aproximou da cama, na qual Johnsy estava assentada, tricotando uma mantilha de lã, e abraçando-a lhe disse.

— Tenho uma coisa para lhe contar, minha gata brava — explicou, e prosseguiu: — O senhor Behrman morreu de pneumonia hoje, no hospital. Esteve doente apenas dois dias. Na manhã do primeiro dia,

o porteiro encontrou-o, no seu quarto lá embaixo, gemendo de dor. Seus sapatos e suas roupas estavam ensopados de chuva e gelados. Ninguém podia imaginar onde ele tinha estado em tão horrível noite. Foi aí que descobriram uma lanterna, ainda acesa, e uma escada, que havia sido levada deste prédio, com uns restos de folhagens, e uma paleta com as cores verde e amarela misturadas sobre ela e... Mas olhe, querida! Ah, através da janela. A última folha de hera ainda está lá na parede. No entanto, percebo que não se preocupa em saber por que ela nunca oscila e nem se mexe, mesmo quando batida pelo vento... Ah, querida. Trata-se da obra-prima de Berhman. Ele a pintou ali, na noite em que a última folha de hera se despreendeu e caiu.

## REABILITAÇÃO QUASE FRUSTRADA

Um guarda desceu à sapataria do presídio, onde Jimmy Valentine estava costurando couro, e o levou à secretária-geral. Ali, o policial de serviço entregou seu indulto, que havia sido assinado, naquela manhã, pelo governador. Jimmy acolheu o perdão sem grande entusiasmo. Havia cumprido dez meses de uma sentença de quatro anos de reclusão. Quando fora detido, tinha calculado que pegaria, no máximo, cerca de três meses. Quando um homem que dispõe de muitos amigos, lá fora, como era o seu caso, é “premiado” com uma inesperada reclusão, julga que não há motivo nem para se preocupar.

— Agora, Valentine — disse o policial —, você está livre. Deixará o presídio amanhã, pela manhã. Procure se comportar, convertendo-se em um homem direito. No fundo, você não é um mau sujeito. Pare de arrombar cofres e se esforce por mudar de vida!

— Eu? — exclamou Jimmy, mostrando-se surpreendido. — Nunca arrombei cofre em minha vida...

— Oh, não — respondeu o policial sO.do. — Naturalmente que não. Mas como foi que você se viu envolvido naquele caso de Springfield? Teria sido porque não arranjou um álibi, temendo comprometer alguém; ou porque foi julgado por um desprezível corpo de jurados, decidido a condená-lo de qualquer forma?

— Eu? — replicou Jimmy, aparentando absoluta inocência — nunca estive em Springfield em toda a minha vida.

— Leve-o de volta, Cronin — disse o policial para o guarda, sO.do. — Amanhã, faça-o vestir a roupa de saída e, abrindo a cela às 7 horas, conduza-o até a sala da guarda. — E dirigindo-se, outra vez, a Jimmy Valentine: — Melhor meditar um pouco sobre os conselhos que lhe dei, companheiro.

Às 7,15 da manhã seguinte, Jimmy já se encontrava na casa da guarda. Vestia um terno ordinário e usava uns sapatos duros e rinchadores que o Estado fornece aos seus hóspedes compulsórios, quando são libertados. O funcionário da Secretaria entregou uma passagem de trem e uma nota de cinco dólares, com os quais a Lei esperava que ele se reabilitasse, convertendo-se em um bom cidadão. Deu-lhe, também, um charuto e apertou sua mão, despedindo-se com cordialidade. Em seguida anotou seu registro — n.º 9.762 — no livro, sob o título “Indultados pelo Governador”. Concluídas as formalidades, James Valentine saiu, então, para o sol.

Indiferente ao canto dos pássaros, às árvores verdes que oscilavam à brisa matinal e ao aroma das flores, Jimmy encaminhou-se, direto, para um restaurante. Experimentou ali as primeiras alegrias da liberdade, comendo uma galinha assada e bebendo uma garrafa de vinho branco, acompanhados por um charuto de melhor qualidade do que o que lhe dera o funcionário do presídio. Reconfortado, caminhou, sem pressa, até a estação, atirando uma moeda no chapéu de um cego, assentado em um lado da plataforma, e, em seguida, tomou o seu trem. Três horas mais tarde, desembarcou em uma cidadezinha do interior. Deixou a estação. Entrou em um café e cumprimentou Mike Dolan, seu proprietário, que se achava atrás do balcão.

— Lamento muito que não houvesse sido solto mais cedo, Jimmy — explicou Mike, acrescentando:

— É que tivemos pela frente aquele protesto de Springfield e o governador, temeroso, quase recusou. Sentindo-se bem, meu rapaz?

— Muito bem — respondeu Jimmy. — Quer me dar a minha chave?

Mike Dolan deu a chave. Jimmy olhou-a e, em seguida, tomou a escada, subindo para o primeiro andar. Fechou-se em um dos quartos do fundo. Tudo ali estava como havia deixado. Via-se ainda no assoalho uma abotoadura de Ben Price, que tinha sido arrancada

durante a luta em que se empenharam por ocasião da sua prisão. Olhando em torno, Jimmy, depois de tirar um excremento, embutido na parede, afastou um painel, que ocultava um nicho, e apanhou ali uma valisa empoeirada. Colocando-a sobre a cama, desafivelou as correias. Contemplou com satisfação o que se encontrava dentro — o mais completo instrumental de roubo existente no Leste dos Estados Unidos. Era um jogo completo, lodo em aço especial, dispondo dos últimos modelos de broca, de pé-de-cabra, de puas, de ganchos, de chave inglesa, com duas ou Três novidades, inventadas pelo próprio Jimmy, das quais sentia-se orgulhoso. Tudo aquilo havia lhe custado cerca de novecentos dólares em uma casa especializada, que se encarregava de fazer aquelas ferramentas, sob encomenda, para os grandes profissionais.

Meia hora mais tarde, Jimmy Valentine desceu e atravessou o café. Estava vestido então com um terno de boa qualidade e bem talhado, e levava consigo a valisa empoeirada.

— Tem alguma ideia em mente? — perguntou Mike Dolan, com curiosidade.

— Eu — respondeu Jimmy, de maneira enigmática, — não entendo sua pergunta. Agora, represento a New York Amalga-matéd Short Biseuit Chaker e a Frazzled Wheat Company.

Mike Dolan deu uma gargalhada. Achou tanta graça na resposta que Jimmy, surpreendido, viu-se obrigado a voltar e a tomar um copo de leite. Nunca tocava em bebidas alcoólicas.

Uma semana após o indulto de James Valentine, registrado no presídio sob o número 9.762, ocorreu um roubo em Richmond, no Estado de Indiana, sem que fosse deixada qualquer pista. Tratava-se de um assalto típico de um perito em arrombamento de cofres. A quantia levada: uns míseros oitocentos dólares. Entretanto, quinze dias depois, um cofre patenteado, à prova de roubo, foi aberto como se fosse um queijo, em Logansport, desaparecendo cerca de 1.500 dólares. Títulos e prataria, que se encontravam no seu interior, não foram tocados.

Esse roubo, dadas as características, não deixou de interessar os cães-de-fila da polícia. Mas isso não era tudo. Então, o obsoleto cofre de um banco, em Jefferson City, entrou de súbito em erupção, vomitando notas no valor de cinco mil dólares. As perdas eram tão suficientemente vultosas que o “caso” foi classificado como sendo da alçada do astuto detetive Ben Price. Comparando os roubos realizados, intrigante similaridade nos métodos dos assaltantes foi notada. Ao investigar o local do roubo, Ben Price confidenciou:

— Não resta a menor dúvida. Trata-se de um verdadeiro autógrafo de Jimmy Valentine. Ele voltou à atividade. Observem esta fechadura de segredo arrancada tão facilmente como um rabanete em tempo de chuva. Só ele possui o tipo de ferramenta que pode fazer este trabalho. É curioso como a fechadura foi deslocada! Jimmy teve apenas que fazer um furo. Não resta a menor dúvida. Creio que vou procurar o senhor Valentine. Cumprirá sua pena desta vez, sem redução do tempo e sem qualquer medida de clemência.

Ben Price conhecia os hábitos de Jimmy Valentine. Inteirara-se deles, enquanto investigara o caso Springfield. Longos intervalos; fugas rápidas; trabalho escoteiro; e forte inclinação por gente da alta sociedade. Assim era Jimmy Valentine. Assim, se tornara um conhecido trapaceiro. Anunciou-se, pouco depois, que Ben Price estava seguindo a pista de um alusivo arrombador de cofres e os que possuíam dinheiro em casa sentiram-se mais tranquilos.

Entretanto, Jimmy Valentine desceu, certa tarde, de uma charrete em Elmore — cidadezinha situada cinco milhas distante da estrada de ferro, no interior de Arkansas. Tinha, consigo, sua valisa e parecia um atlético estudante que regressava ao lar. Ajeitando o paletó, caminhou ao longo da larga calçada na direção do hotel.

Enquanto caminhava, observou uma moça, que atravessava a rua. Ela se aproximou; passou por ele na esquina; e entrou por uma porta, sobre a qual se via a tabuleta — “Banco de Elmore”. Jimmy teve a oportunidade de vê-la bem e, como resultado dessa análise, esqueceu o que era e se tornou outro homem. A moça ao notar que

estava sendo observada, baixou os olhos e ruborizou-se ligeiramente. Jovens daquele tipo e daquela aparência eram raros em Elmore.

Jimmy deteve um meninote, que brincava na escada do banco, e começou a fazer perguntas. Agia como se fosse um dos acionistas do estabelecimento. Queria saber tudo sobre a cidade e, para facilitar o diálogo, foi colocando moedas, a intervalos, na mão do menino. Enquanto os dois conversavam junto à escada, a moça saiu do banco; fingiu ignorar o rapaz que ali se encontrava, com sua valisa; e desapareceu na esquina.

— Aquela moça não é a senhorita Polly Simpson? — perguntou Jimmy, recorrendo a especioso estratagema.

— Não — respondeu o rapazote. — É Annabela Adams. O pai dela é o dono deste banco. Por que o senhor veio a Elmore? É de ouro esta corrente do seu relógio? Estou procurando comprar um buldogue... Não pode me dar mais algum níquel?

Jimmy Valentine, deixando a escada do banco, dirigiu-se ao Planters Hotel. Registrou-se no livro de hóspedes como Ralph D. Spencer e obteve um quarto. Em seguida, debruçou-se sobre o balcão da recepção e passou a conversar com o encarregado. Explicou a razão da sua presença na cidade. Estava procurando um local para se iniciar em uma atividade comercial qualquer. Indagou como ia o negócio de sapatos em Elmore. Estava pensando nesse ramo. Existiria, na cidade, alguma possibilidade de abrir uma loja?

O recepcionista impressionou-se com as roupas e os modos de Jimmy. Ele próprio se considerava uma espécie de Brummel — já que despertava inveja entre a juventude local — mas, contemplando aquele forasteiro, acabara percebendo suas limitações. Enquanto tentava figurar a maneira como Jimmy dava o laço na sua gravata, forneceu cordialmente as informações que lhe foram solicitadas.

— Sim, ali deveria existir boa perspectiva no ramo de calçados, pois não existia, na cidade, qualquer sapataria. As casas de secos e

molhados e as lojas em geral é que cuidavam do ramo, vendendo, também, sapatos, como uma atividade paralela. Contudo, o comércio local era ativo e atravessava uma fase de prosperidade. Esperava que o senhor Spencer ali se estabelecesse. A cidade era agradável para se viver, e o povo não deixava de ser sociável.

Jimmy declarou que pensava em ficar em Elmore por alguns dias, a fim de examinar, pessoalmente, as perspectivas que lhe pudessem ser oferecidas. Não, não havia necessidade de chamar outra pessoa para levar sua mala. Ele mesmo a levaria. Embora estivesse pesada, não passava, de uma valisa. E o diálogo se encerrou em uma atmosfera de perfeita cordialidade.

— O senhor Ralph D. Spencer, que surgira das cinzas de Jimmy Valentine — cinzas deixadas pela chama de um súbito ataque romântico —, permaneceu em Elmore e prosperou. Abriu uma sapataria e não tardou que conseguisse uma excelente freguesia. Socialmente, era também um sucesso. Conheceu a senhorita Annabela Adams e deixou-se envolver pelo seu charme. Após um ano, sua situação era a seguinte: conquistara o respeito da comunidade; a sapataria estava em franca prosperidade; e ele e Annabela haviam ficado noivos e deviam se casar dentro de duas semanas. O senhor Adams — um típico e perseverante banqueiro do interior — não cabia em si de contente, no que dizia respeito ao futuro genro. O orgulho que Annabela tinha por Jimmy era quase igual ao amor que lhe dedicava. E Jimmy, por sua vez, sentia-se tão à vontade no seio da família Adams, e no da irmã casada de Annabela, como se já fosse um dos seus membros.

Ao se aproximar a data do casamento, Jimmy decidiu escrever uma carta. Não, não era para Annabela, mas para um dos seus velhos amigos em São Luís. A carta era a seguinte:

*“Meu caro companheiro:*

*Desejo que você esteja no Sullivan, em Little Rock, às 9 horas da noite da próxima quarta-feira. Preciso que conclua alguns pequenos negócios para mim. Quero, igualmente dar-lhe, de presente, minha caixa de ferramentas. Sei que ficará contente em recebê-la, pois poderá trocá-la, se quiser, por um milhar de dólares. É preciso que você saiba, meu caro Bill, que deixei definitivamente o velho negócio. Há um ano que deixei, e, agora possuo uma excelente loja.*

*Tenho levado uma vida honesta e vou me casar, dentro de alguns dias, com a melhor moça do mundo. Esta é a única vida, Bill, a vida direita. Hoje não tocaria em um dólar alheio mesmo que me dessem um milhão. Depois do casamento, vou vender tudo e ir para o Oeste, onde não existe tanto perigo de descobrirem o que já fiz no passado. Digo-lhe, Bill, ela é um anjo. Não se esqueça de estar no Sully, à hora marcada. Levarei comigo a caixa de ferramentas. Seu velho amigo,*

*Jimmy.”*

Naquela mesma noite depois que Jimmy havia escrito a carta, Ben Price apareceu em Elmore. Deixou-se ficar na cidade à sua maneira — quieto, andando de um lado para outro, fazendo perguntas até que descobriu o que desejava saber. Do interior de uma farmácia, que ficava em frente à sapataria, observou, cautelosamente, o belo rapaz que atendia à numerosa freguesia. Ralph D. Spencer eis o nome dele. Ben Price sorriu falando para si mesmo: Vai se casar com a filha do banqueiro, não vai,

Jimmy? E depois de um pequeno silêncio, abanou a cabeça e murmurou, de novo: — É. Pode ser... Mas duvido muito.

Na manhã seguinte, Jimmy tomou seu desjejum na residência dos Adams. Disse a Annabela que iria a Little Rock naquela tarde, a fim de encomendar sua roupa de casamento e fazer algumas compras. Aquela seria a primeira vez que deixaria a cidade, desde que chegara a Elmore. Mais de um ano havia passado sobre o seu

último “trabalho” profissional, e julgou que poderia viajar com segurança.

— Terminado o desjejum, decidiram todos ir à cidade — o senhor Adams, Annabela, sua irmã casada, com as duas filhas, de cinco e nove anos respectivamente, e Jimmy. Passaram pelo Planter’s Hotel, onde Jimmy ainda estava hospedado. Subindo ao quarto, ele apanhou a valisa. Em seguida, encaminharam-se para o banco, a cuja porta estava Dolph Gibson, com a charrete, a fim de levar Jimmy à estação ferroviária.

— Vencida a escada, entraram todos no salão do banco — alto, arejado, com vigas de carvalho no teto — inclusive Jimmy, pois o futuro genro do senhor Adams era bem-vindo onde quer que aparecesse. Os funcionários demonstraram satisfação por poderem cumprimentar o belo e agradável rapaz que ia se casar com a senhorita Annabela. Ao entrar, Jimmy colocou a valisa em um canto. Generalizou-se a conversa. Annabela, cujo coração palpitava de alegria e amor, tomou o chapéu de Jimmy, colocando-o na cabeça, e apanhou sua valisa.

— Não pareço um verdadeiro caixeiro-viajante? — exclamou. Depois, franzindo a testa, dirigiu-se a Jimmy: Oh, como pesa esta sua valisa, Ralph! Parece que está cheia de barras de ouro...

— São formas de sapato, com placas niqueladas — esclareceu Jimmy, friamente. — Vou devolvê-las. Pensei que faria economia, levando-as comigo. Estou ficando, de fato, muito sovina.

O Banco de Elmore havia inaugurado, dias antes, sua nova caixa-forte. O senhor Adams não conseguia disfarçar seu orgulho e insistia com todos, no sentido de que a inspecionassem. A caixa-forte não era grande, mas dispunha de uma porta patenteada, com três sólidas fechaduras de aço, que se abriam a um só movimento manual. O senhor Adams explicou, com interesse, seu funcionamento ao senhor Spencer, que demonstrou uma atenção respeitosa, mas não exagerada, pela informação. As duas meninas,

May e Agatha, é que se mostraram deslumbradas com o brilho do metal e com a forma bizarra das fechaduras.

Enquanto os visitantes estavam entretidos na contemplação da nova caixa-forte, Ben Price entrou no banco e, colocando os cotovelos sobre o balcão, passou a observar o que se passava nos fundos. Ao empregado, que o atendeu, declarou que nada desejava pois apenas estava esperando um conhecido.

De súbito, ouviu-se um grito de mulher. É que a menina May, de nove anos, burlando a vigilância dos demais e por simples brincadeira, tinha fechado sua irmã, Agatha, na caixa-forte. Cerrara a porta e virara a maçaneta de segredo, como tinha visto o senhor Adams fazer, pouco antes.

O velho banqueiro correu para a maçaneta e a segurou por um momento. — A porta não pode ser aberta — exclamou. — A combinação não foi acertada e a porta, assim, não abre — ajuntou. A mãe de Agatha gritou de novo, mas histericamente. — Que diabo! — disse o senhor Adams, erguendo a mão já trêmula. — Fiquem calados por um momento! — exigiu em uma voz tão alta, que parecia um grito. — Agatha! Está me ouvindo? — perguntou. Durante alguns momentos era tal o silêncio que se podia ouvir os soluços da menina, transida de pavor, no interior da caixa-forte.

— Minha filha querida! — gemeu a mãe. Ela morrerá de medo! Abram a porta! Arrombem-na! Não podem fazer alguma coisa?

— Não existe ninguém, a não ser em Little Rock, que possa abrir essa porta — esclareceu o senhor Adams, com a voz embargada. — Meu Deus! Que poderemos fazer, Spencer? Que faremos, meu Deus? Essa criança... não aguentará ficar muito tempo, lá dentro. Ali não há ar e, além disso, desmaiará de medo.

A mãe da Agatha, já desvairada, esmurrava a porta da caixa-forte. Alguém sugeriu que se utilizasse dinamite. Anabela, voltando-se para Jimmy, fixou nele seus grandes olhos, cheios de angústia, mas

ainda não desesperados. Para uma mulher apaixonada nada parece impossível para o homem, alvo do seu amor. Dirigiu-se a Jimmy:

— Será que você pode fazer alguma coisa, Ralph? Será que pode?

Ele a olhou, com um sorriso — uma fugaz ironia a iluminar-se nos lábios cerrados.

— Annabela — pediu —, dê-me essa rosa que você tem no peito!

Não acreditando que houvesse ouvido bem o que ele dissera, ela tirou a rosa e a colocou na sua mão. Jimmy espetou-a no seu colete. Em seguida, tirou o paletó e fez um esforço. Em face dessa atitude, Ralph D. Spencer morreu e Jimmy Valentine tomou o seu lugar.

— Afastem-se todos da porta! — ordenou.

Colocando a valisa sobre uma mesa, abriu-a de par em par. Dali em diante, parecia inconsciente da presença das demais pessoas. Ali estavam suas ferramentas — brilhando, enfileiradas em ordem, prontas para atendê-lo, como sempre havia acontecido, por ocasião seus “trabalhos”. Silenciosos e imóveis, os espectadores o observavam, como se estivessem em transe.

Num minuto, a pua de Jimmy abriu um orifício no aço da porta. Em dez minutos — batendo seu próprio recorde de ladrão — retirou as fechaduras, abrindo a porta da caixa-forte. Agatha, já quase desmaiada, mas salva, foi colocada nos braços de sua mãe.

Jimmy Valentine vestiu o paletó e, contornando o balcão, dirigiu-se para a porta do banco. Enquanto caminhava, teve a impressão de haver ouvido uma voz distante que, antes, costumava chamá-lo: — Ralph! Contudo, não sustou os passos. Junto à porta, um homenzarrão impedia a passagem.

— Alô, Ben! — disse Jimmy, com um estranho sorriso nos lábios. — Custou, mas consegui, por fim, me encontrar... Não foi? Bem,

vamos indo. Não sei se isto irá fazer alguma diferença agora.

Ben Price agiu, então, de maneira inteiramente imprevista.

— Acho que está enganado senhor Spencer — respondeu. — Não pense que eu o tenha reconhecido. Aquela charrete está esperando pelo senhor, não está?

Ben Price voltou as costas e saiu caminhando pela rua.

## “DICK-ASSOBIO” E UM PÉ-DE-MEIA

Dick-Assobio abriu a porta do vagão de bagagem com o maior cuidado. Agia com prudência, já que o artigo 5.716, das posturas municipais, autorizava — embora inconstitucionalmente — a prisão de qualquer pessoa, apenas por suspeita. E Dick estava familiarizado, desde muito, com esse rigor da Lei. Daí a razão por que, antes de deixar o vagão, inspecionou a área com a maior atenção, como o faria, em situação mais ou menos idêntica, um general.

Não constatou qualquer mudança desde sua última estada naquela grande e agitada cidade do Sul — estação de inverno dos vagabundos. O armazém, junto ao qual o vagão estava estacionado, continuava repleto de caixotes. A brisa soprava e, impregnada do cheiro acre que emanava dos barris de alcatrão, era penosa de ser respirada. O rio escuro fluía entre as numerosas embarcações, com sua água sempre oleosa. Um pouco adiante, na direção de Chalmette, via-se a grande curva que ele fazia, acentuada, àquela hora, pelas lâmpadas elétricas que o margeavam. Na sua margem oposta, estava Alger, que dava a impressão de ser um longo e irregular telão, tornado mais escuro pelo contraste oferecido pela madrugada, que surgia no céu por trás dele. Dois ou três rebocadores, dirigindo-se ao encontro de veleiros madrugadores, apitavam com estridência, o que não deixava de ser uma advertência de que um outro dia amanhecia. Cargueiros italianos arrastavam-se sobre a água, buscando seus ancoradouros. Ouviam-se igualmente — mas parecendo que saíam do interior da terra — ruídos metálicos de rodas de bondes. E, simultaneamente, as barcas começaram a se mover com preguiça, iniciando suas viagens de rotina.

Após haver contemplado o cenário, que lhe era familiar, Dick-Assobio voltou-se e olhou com apreensão atrás do vagão de bagagem. É que surpreendera ah um detalhe — importante em

excesso para ele — acrescentado à paisagem. Um imenso policial, havendo contornado uma pilha de sacos de arroz, estava parado a vinte jardas do vagão. O milagre diário do nascer do sol, que estava tendo lugar sobre Alger, atraía a atenção daquele esplêndido espécime de autoridade. Ele observava, com indisfarçável dignidade, as esmaecidas cores do céu até que, por fim, lhes voltara as costas, certo de que nenhuma intervenção oficial ali seria necessária e que, portanto, o nascer do sol poderia ter lugar, sem a sua assistência. Examinou, em seguida, os sacos de arroz e, retirando um pequeno vidro do bolso de dentro do bolso, levou-o à boca, não deixando, porém, de contemplar, mais uma vez, o firmamento.

Dick-Assobio, vagabundo por profissão, mantinha relações, de certo modo cordiais, com aquele imponente policial. Anteriormente, já haviam se encontrado diversas vezes, à noite, naquele mesmo armazém, já que o oficial, sendo amante da música, fora seduzido pela bizarra maneira de assobiar do vagabundo. Dadas as circunstâncias, Dick não se importaria de reavivar, no momento, aquelas relações. Contudo, existia muita diferença entre conhecer-se em um armazém deserto e assobiar-se, em sua companhia, uma ária de ópera; e ser-se apanhado por ele, arrastando-se ao sair de um vagão de bagagem. Em face disso, Dick julgou mais prudente permanecer no seu esconderijo, já que mesmo um tira de Nova Orleans não deixa de fazer sua ronda de vez em quando. E de fato não tardou muito e o imenso “Fritz” pôs-se a caminhar, desaparecendo majestaticamente entre os numerosos vagões ferroviários.

Dick-Assobio esperou ainda algum tempo e, então, deixou-se escorregar para o chão, sem fazer o menor ruído. Assumindo a atitude de um trabalhador honesto que se encaminhasse para o seu local de trabalho, atravessou a rede de trilhos da ferrovia, tentando alcançar, depois de vencida a tranquila Girod Street, certo banco, situado na Lafayette Square, onde, segundo havia sido combinado, deveria encontrar um seu companheiro, conhecido como “Lustroso”,

que o precedera de um dia naquela excursão, viajando em um vagão de gado.

Enquanto caminhava por entre os grandes e úmidos armazéns — área na qual a noite ainda se fazia presente — entregou-se ao hábito que lhe granjeara aquele sonoro apelido. Assobiando em surdina, mas com absoluta nitidez, com cada nota sendo emitida como se saísse da garganta de um papa-arroz, seu trinado gotejava sobre a sombria montanha de tijolos como pingos de chuva que caíssem em um poço oculto. Ensaiou uma ária, mas mergulhou, pouco depois, em uma sequência de improvisações, através das quais se surpreendiam os mais estranhos efeitos sonoros — gorgolejo de riachos na montanha; staccato de arbustos que se agitavam à beira de lagoas; e gorjear plangente de pássaros sonolentos.

Ao dobrar uma esquina, Dick-Assobio, que caminhava aereamente, teve a surpresa de se chocar com um verdadeiro pedestal de azul e de metal. — Então está de volta outra vez — observou o pedestal humano, com tranquilidade. — O frio ainda levava uns quinze dias para chegar. — Sorriu, e tentou mostrar-se irônico:

— Aposto como já esqueceu como assobiar. Pude constatar isso há pouco. Na última estrofe que assobiou deu uma nota desafinada.

Dick não se embaraçou. — Afinal, o que você sabe de música? — perguntou, com insinuante familiaridade. — Está habituado a ouvir essas bandinhas alemãs, mas isso não é música. Apure o ouvido e ouça outra vez! Irá verificar o que é assobiar com arte.

— Ajeitou os lábios em concha, pronto para a exibição, mas o policial sustou a tentativa.

— Não comece já — ordenou. — Aprenda, primeiro, este trinado e, depois, poderá usá-lo, quando assobiar. — E o imenso Fritz armou o farto bigode em um círculo e deixou sair, do fundo do peito, um som suave e melodioso como se fosse de uma flauta. Repetiu algumas partes da ária que o vagabundo estivera assobiando. Sua versão

era sem vida, mas correta, e ele procurou emprestar a maior ênfase possível à nota que saíra desafinada. Instruiu, em seguida:

— Esta nota deve ser assobiada naturalmente, e não de maneira forçada. A propósito, deve ficar satisfeito por haver me encontrado, agora. Se o nosso encontro se desse uma hora mais tarde, teria de trancafiá-lo em uma jaula. As ordens que tenho são no sentido de meter na cadeia todos os desocupados, assim que amanhecer.

— E por que razão? — perguntou Dick.

— A lei é para todos — quem quer que seja sem aparente meio de vida... Trinta dias de prisão ou quinze dólares de multa.

— Está falando sério ou se trata de uma charada para ser decifrada?

— É o que lhe estou dizendo. Esta advertência é o melhor que posso lhe oferecer. Se assim o faço, é porque julgo que você não é tão mau sujeito como os demais vagabundos. E, também, porque assobia o Der Vreishutz melhor do que eu. Será bom, portanto, não ficar esbarrando em policiais nas esquinas e procurar deixar a cidade o mais breve possível. Até a vista!

Assim, a cidade de Nova Orleans havia se cansado, afinal, daquela estranha e agitada horda de desocupados que anualmente vinha fazendo ninho e se agasalhando sob as penas das suas fartas e acolhedoras asas.

Depois que o policial havia partido, Dick-Assobio sentiu-se assaltado, durante um minuto, pela ignominiosa indignação de um inquilino relapso que houvesse sido intimado a desocupar sua casa alugada. Tinha imaginado um dia de poética tranquilidade para quando encontrasse seu velho companheiro “Lustroso” — um dia de lazer no armazém de bagagem, comendo as bananas e os cocos caídos durante as descargas dos navios frigoríficos. Depois, viria a festa comemorativa do encontro, com refeições gratuitas nas lanchonetes, cujos proprietários seriam suficientemente bons e

generosos para não os expulsar de seus estabelecimentos. Depois, fumariam um cachimbo em um dos parques floridos da cidade, seguido esse ato de uma soneca no canto de um armazém qualquer, para rematar o dia... Eis, porém, que surgia aquela ordem de exílio e que, sabia, não poderia deixar de ser obedecida!

Conservando ainda no olhar o brilho daqueles botões dourados, Dick-Assobio preparou-se, então, para a retirada, em busca de um refúgio no campo. Alguns dias no interior não deveriam ser desagradáveis, a menos que ocorresse alguma chuvinha de neve. Sem isso, não existia qualquer outro contratempo que devesse ser evitado. Mesmo assim, foi com o espírito deprimido que ele atravessou o mercado francês na sua caminhada em direção ao rio. Ainda por segurança esforçava-se por dar a impressão, aos que encontrava na rua, de que não passava de um operário que se dirigia para o seu local de trabalho. Um barraqueiro do mercado, convencido de que se tratava de um trabalhador, chamou-o pelo nome genérico de “Jack”, o que o fez sustar os passos, surpreendido. O vendedor, levado por sua inegável agudeza de espírito, presenteou-o com um sanduíche de salsicha Frankfurt. Dick agradeceu, verificando, assim, que o problema do seu desjejum havia sido resolvido.

Quando as ruas, por motivos topográficos, começaram a se afastar das margens do rio, Dick galgou a amurada do dique e sobre o seu topo, liso e bem pisado, prosseguiu na sua caminhada.

Os moradores dos subúrbios observavam-no com fria suspeição, cada um deles refletindo nessa atitude um incômodo conhecimento do desumano edito municipal. Sentiu falta, então, do isolamento de que desfrutava na cidade movimentada e da segurança que sempre encontrara no seio das multidões.

Em Chamette, após seis milhas de caminhada, Dick-Assobio viu-se de súbito em face de um enorme e movimentado campo de atividades industriais. Ali, um novo porto havia sido construído.

Docas foram erguidas. Guindastes estavam em montagem. E por toda parte, ele se sentiu ameaçado por picaretas, pás e carrinhos de mão, como serpentes que o cercassem. Um arrogante mestre-de-obras. aproximou-se e mediu a força dos músculos com um olhar de sargento recrutador. Em torno, viam-se homens — claros e morenos — que se esfalfavam no serviço. Aterrorizado, Dick-Assobio fugiu.

Mais ou menos ao meio-dia, chegou à região das lavouras de cana-de-açúcar — uma triste e tranquila sucessão de colunas que margeavam o grande rio. Contemplou canaviais tão extensos que seus limites se confundiam com o céu. Estava adiantada a moagem, com os cortadores de cana em atividade; as carroças indo e vindo rangendo nos eixos; e gritos estridentes de negros tangendo animais. Olhou em torno e divisou, ao longe, pequenos bosques verde-escuros que a distância azulava e concluiu que, ali, se encontravam as edificações que formavam a sede das fazendas. Viam-se ao longe, igualmente, as chaminés das usinas de açúcar, parecendo faróis erguidos à beira-mar.

Após haver caminhado mais um pouco, o nariz infalível de Dick-Assobio identificou o cheiro de peixe que estava sendo frito. Como um perdigueiro levado pelo faro, vasculhou a margem do rio até encontrar um velho e crédulo pescador, que seduziu com canções e anedotas. Assim, conseguiu jantar como um abade e, em seguida, travestido em filósofo, aniquilou as três piores horas do dia com uma soneca sob uma árvore frondosa.

Ao acordar, prosseguiu, de novo, na sua fuga. Um vento gelado sucedera o desagradável mormaço do dia. E a noite, por sua vez, enregelando o cérebro, fez com que retardasse os passos e compreendesse, por fim, que deveria procurar um abrigo em alguma parte. Tomou uma estrada que acompanhava as curvas do dique, embora ignorasse qual fosse o seu destino. Moitas de mato e de capim cresciam nas valetas, abertas pelas rodas das carroças, e delas saíam nuvens de insetos que o atacavam, zunindo furiosamente. E, à medida que a noite se aproximava, aquele zunido convertia se em um verdadeiro rosnado que abafava os demais

ruídos. Divisou, à direita, uma luz verde que se movia e, acompanhando-a, distinguiu os mastros e as chaminés de um grande vapor que se aproximava. Locomovia-se como se estivesse sobre uma tela, tal qual em uma lanterna mágica. A esquerda, estendiam-se pântanos, dos quais vinham gritos estranhos e ruídos abafados.

Dick-Assobio ensaiou uma canção alegre, para dissipar a melancólica influência do ambiente. E, provavelmente, desde que o próprio Pan havia dançado ao som da sua flauta semelhante melodia nunca tinha sido ouvida naquela depressiva solitude.

Um distante chapinhar na retaguarda converteu-se, pouco a pouco, em um nítido pisar de cavalo e Dick-Assobio afastou-se para o lado da estrada, entrando no denso matagal, para deixar a passagem livre. Voltando-se, viu uma parelha de tordilhos arrastando um coche. Nele, um homem robusto, de bigodes brancos, ocupava o assento da frente, segurando, com mão firme, as rédeas dos animais. Viam-se, no assento traseiro, uma plácida senhora de meia idade e uma encantadora menina, mal chegada à juventude. A manta, que o homem tinha sobre os joelhos, escorregou e deixou que Dick visse, em um relance, duas sacolas de lona entre os seus pés — sacolas iguais às que, enquanto vagabundeava pelas cidades, tinha visto, com frequência, serem transferidas dos vagões-correio para as portas de bancos. O espaço vago no coche era ocupado por embrulhos de vários tamanhos e formas.

Quando o coche passou pelo vagabundo, que se encontrava à beira da estrada, a menina, com os olhos brilhantes e certamente levada por um impulso de alegria, pôs a cabeça fora do veículo e gritou, dirigindo-se a ele, com um doce e envolvente sorriso: “Feliz Natal!” Tinha a voz trêmula e comovida.

Atitudes como aquela eram raras na vida de Dick-Assobio. Daí por que se sentiu embaraçado em dar à menina uma resposta gentil. Contudo, não dispondo de tempo para refletir, deixou que o instinto orientasse sua decisão. Retirou o chapéu sebento e o estendeu

para ela, agitando-o freneticamente e, por fim, exclamou: — Muito obrigado — quando o coche já o havia ultrapassado.

Entretanto, o súbito movimento da menina fez com que um dos embrulhos se abrisse e alguma coisa preta, que se encontrava no seu interior, rolasse e caísse na estrada. O vagabundo correu para apanhá-lo. Verificou então que se tratava de um pé de meia de seda novo — meia longa, delgada e fina. Ao pegá-la, sentiu, entre os dedos, a maciez que lhe era característica.

— Uma flor linda e esquisita! — exclamou Dick-Assobio, com um largo sorriso a iluminar lhe o rosto. — Como foi pensar nisto agora... Feliz Natal! Parece até o cuco de um relógio., . Mas, que diabo, não deixa de ser agradável. Com certeza, estive fazendo compras para o Natal, mas, ao voltar, perdeu aquele pé de meia de seda... uma flor linda e esquisita... Desejo-lhe, também, um Feliz Natal. Acho, porém, que ela falou por falar. Foi como se dissesse — Alô, Jack, como vão as coisas? — Tudo perfeito como se estivéssemos na Quinta Avenida.

Dick-Assobio, após refletir um pouco, dobrou o pé de meia com o maior cuidado e o colocou no bolso. Prosseguiu outra vez na sua longa caminhada. Só duas horas mais tarde, percebeu que se aproximava de um local habitado. Os sinais eram evidentes. E, de fato, ao sair de uma curva na estrada, viu-se em frente da casa-grande de uma enorme fazenda. A casa principal — onde deveria morar o proprietário — destacava-se do conjunto de edificações e se estendia por duas alas, com numerosas janelas bem iluminadas, e toda cercada por largas varandas. Erguia-se sobre um tapete de extensos gramados, os quais, por sua vez, recebiam as mesmas luzes que brilhavam no interior e que se filtravam através das amplas janelas. Viam-se um pequeno bosque não distante da residência e velhos arbustos, formando densas moitas, enfileiravam-se ao longo da cerca, que fechava o terreiro. A usina de açúcar e o alojamento dos empregados ficavam a distância, separados da residência.

Aproximando-se, Dick-Assobio encontrou-se em face de uma cerca, que impedia o acesso ao conjunto de edificações. Parou, para pensar. Em seguida, respirou profundamente e, ao fazê-lo, farejou qualquer coisa no ar. Murmurou, satisfeito:

— Sou capaz de apostar que há um vagabundo, como eu, cozinhando aqui perto. Se não houver, é porque meu nariz deixou de me dizer a verdade.

Sem a menor hesitação, galgou a cerca e saltou para o outro lado. Viu-se, então, em um terreno aparentemente abandonado, onde milhares de tijolos estavam empilhados, juntamente com algumas toras de madeira. Observou, em um canto, um fogo apagado — reduzido a simples carvões acesos — e distinguiu, esmaecidos, vultos humanos assentados ou deitados em torno do braseiro. Aproximou-se e, à luz de uma labareda que subitamente se erguera dos carvões, pôde distinguir a figura retacada de um esfarrapado, que usava um suéter velho e tinha um boné na cabeça. Aquele ali — disse Dick-Assobio para si mesmo — não pode ser outro

senão o velho Harry Boston. Vou tentar fazer com que me reconheça.

Assobiou, então, o estribilho de um ragtime, impregnando o ambiente de música. Repetiu-o diversas vezes e terminou a exibição com uma nota longa, peculiar. O homem retacado olhou em torno, intrigado. E exclamou, por fim, em uma voz sofrida e asmática:

— Companheiros, está inesperada, mas bem-vinda adição à nossa roda é representada pela presença do senhor Dick-Assobio, um velho amigo meu e pelo qual respondo. Garçom, um outro talher, por favor! O senhor D.A. jantará conosco, e durante a refeição contará o que lhe sucedeu, para decidir a nos conceder o prazer da sua companhia.

— Gastando material de dicionário, como sempre, hem, Boston — respondeu Dick. — Mas muito obrigado pelo convite. Acho que estou aqui pelos mesmos motivos que os influenciaram, meus

rapazes. Um policial deu-me a deixa em Nova Orleans. Estão trabalhando nesta fazenda?

— Um convidado — observou Boston com fingida severidade — não deve insultar seus anfitriões antes que esteja de barriga cheia. É uma questão de bom senso. Trabalhando... tenho de fazer esforço para não rir. Nós cinco — eu, Pete Surdo, Pisea-Pisea, Zarolho e Tom Indiana — fomos vítimas, também, do esquema de trabalho, inventado em Nova Orleans. Daí por que pegamos a estrada, na noite passada. Saímos justamente quando o crepúsculo começava a mudar o colorido das margaridas e das demais flores do campo. Zarolho, passe a lata de ostra vazia, que está à sua esquerda, ao senhor vazio que se encontra à sua direita!

Durante os dez minutos que se seguiram, os batedores de estrada estiveram concentrados no jantar. Um guisado de batatas fora feito em um velho tambor de querosene de cinco galões e, para incrementá-lo, adicionaram algumas cebolas de latas encontradas no terreno abandonado.

Dick-Assobio conhecia Harry Boston desde muito, e sabia que se tratava de um dos mais astutos e mais empreendedores membros da irmandade. Dava a impressão de ser um próspero criador de gado ou de um sólido comerciante em uma aldeia do interior. Usava roupas pesadas e limpas e emprestava uma atenção toda especial a aparência de seus sapatos, habitualmente engraxados. Naqueles últimos dez anos, adquirira renome por haver realizado, com o maior êxito, numerosas falcatruas, sem apresentar em seu desfavor, um só dia de trabalho. Diziam que tinha amontoado uma grande soma de dinheiro. Os quatro outros, seus companheiros, não passavam de perfeitos espécimes de bastardos — sempre malvestidos e barulhentos — que exibiam, à vista de todos, seus rótulos de "suspeitos".

Depois que o fundo de uma grande lata havia sido raspado e que os cachimbos tinham sido acesos, dois dos vagabundos levaram Boston para um canto e passaram a conversar com ele em voz

baixa e de modo misterioso. Boston aprovou o que lhe disseram, e dirigiu-se, em alto tom, a Dick-Assobio:

— Será bom, filho, ouvir esta conversa franca. Nós cinco integramos uma sociedade. Resolvemos ser corretos com você, e vamos lhe dar participação nos nossos lucros. Caberá a você uma parte igual à dos rapazes. Mas terá de cooperar também. Duzentos colonos desta fazenda irão receber amanhã bem cedo, seus salários, justamente no dia de Natal. Como era de se esperar, desejavam fazer Sueto. Mas o patrão interveio: — Trabalhem das cinco até as nove horas da manhã, porque preciso despachar um trem carregado de açúcar. Se concordarem, pagarei, a cada um, em dinheiro, não só a semana inteira, mas, também, um dia extra. — Responderam os colonos: — Está combinado! Viva o patrão!

— O fazendeiro foi a Nova Orleans ontem e trouxe, na volta, os respectivos dólares — prosseguiu Boston. — Dois mil e setenta e quatro dólares — eis o montante. Consegui essa informação de um empregado falador, que a obteve do guarda-livros. O dono da fazenda pensa que vai entregar essa fortuna aos seus colonos, mas está enganado. Irá nos dar essa quantia. Agora, metade dos lucros dessa jogada será minha, e o resto vai ser dividido entre vocês. Por que a diferença? Muito simples. É porque sou o crânio, o bolador da jogada. O plano foi arquitetado por mim. Vou explicar agora como vamos pôr a mão nesse dinheiro. Existem convidados para jantar na casa-grande, mas deverão sair lá pelas nove horas da noite.

— Permanecerão na casa por uma hora ou duas. Se não saírem logo, executaremos o plano assim mesmo. Assim, teremos uma noite inteira para fugir. Ouçam, agora, como tudo será feito. Cerca das nove horas, Pete Surdo e Pisea-Pisea tomarão a estrada e seguirão até um quarto de milha da casa-grande e porão fogo em um grande canal, ali existente, no qual os cortadores de cana ainda não tocaram. O vento é perfeito para fazer com que as chamas se espalhem com rapidez. O alarme será dado, e, em dez minutos, todos os homens da fazenda já estarão no local, a fim de extinguir o fogo. Na casa-grande, ficarão o dinheiro e as mulheres

sozinhas, o que facilitará o nosso trabalho. Já ouviu um canavial arder, Dick? Poucas mulheres conseguem gritar tão alto para serem ouvidas durante o estalar dos gomos de cana. A coisa é, pois, mais do que segura. O único perigo é sermos apanhados com o dinheiro antes de estarmos bem longe. Agora, se você...

— Boston — interrompeu Dick-Assobio, erguendo-se —, obrigado pela gororoba que seus rapazes me deram, mas acho que vou andando.

— O que está querendo dizer, Dick? — perguntou Boston, também se levantando.

— O que estou dizendo é que não deve contar comigo para esse negócio. Devia saber disso, pois me conhece há muito tempo. Sou um vagabundo, é verdade, mas essa outra coisa não vai comigo. Não gosto de roubo. Digo-lhe, pois, boa noite e muito obrigado por...

Enquanto falava, Dick-Assobio foi se afastando aos poucos, mas, de súbito, sustou os passos. É que vira Boston lhe apontar um revólver de grosso calibre.

— Volte para o seu lugar! — ordenou o chefe do bando. — Teria vergonha de mim mesmo se deixasse você ir e estragar o nosso jogo. Irá ficar aqui até que terminemos o trabalho. Poderá andar quanto muito até o fim daquela pilha de tijolos. Se ultrapassar esse limite, serei obrigado a disparar a arma. Será melhor obedecer.

— Minha maneira de agir é esta: vida fácil — esclareceu Dick-Assobio. — Pode puxar o gatilho desse doze polegadas e travá-lo de novo. Ficarei, como dizem os jornais, “no centro da área”.

— Está bem — respondeu Boston, abaixando a arma, enquanto Dick voltou e se assentou, de novo, em uma tábua que se destacava de um monte de toras de madeira. — Mas não tente fugir! É o que lhe digo. Não irei perder esta oportunidade, nem que tenha de atirar em um velho amigo. Não desejo magoar alguém em particular. Mas esse milhar de dólares, que vou apanhar, resolverá

em definitivo minha situação. Deixarei de vagar pelas estradas e abrirei um saloon em uma cidadezinha que conheço. Já cansei de levar pontapés na vida.

Harry Boston tirou do bolso um relógio barato de prata e levou-o para junto do fogo, a fim de ver as horas.

— Quinze para as nove! — exclamou. — Pete, você e Pisea-Pisea podem ir andando. Já sabem: vão pela estrada, até depois da casa-grande, e ponham fogo no canavial. Ponham fogo em uma dúzia de lugares diferentes. Depois, procurem alcançar o dique e voltem, caminhando ao longo do seu topo, ao invés de voltarem pela estrada. Assim, evitarão encontrar alguém. Quando já estiverem de volta, o pessoal da fazenda estará lutando para extinguir o fogo. Terá chegado a hora, então, de invadirmos a casa-grande e apanhar os dólares. Que cada um apresente os fósforos de que disponha!

Pete Surdo e Pisea-Pisea recolheram quantos fósforos existiam entre os integrantes do bando e até Dick-Assobio contribuiu com sua parte, achando muita graça em tudo aquilo. Em seguida, os dois vagabundos, escalados por Boston, deixaram o local, sob a tênue claridade das estrelas, na direção da estrada. Dos três componentes do bando que ficaram, dois — Zanolho e Tom Indiana — deitaram-se sobre uma tora de madeira e passaram a observar Dick-Assobio, com não dissimulada má vontade. Boston, havendo chegado à conclusão de que o recruta dissidente estava disposto, de fato, a permanecer tranquilo, relaxou a vigilância. Dick-Assobio levantou-se e passou a andar de um lado para o outro, tendo o cuidado de não ultrapassar o limite que lhe fora imposto.

— Por falar nesse fazendeiro — observou Dick, estacionando em frente de Harry Boston —, será que ele tem mesmo a muamba dentro de casa?

— Fui informado a respeito — esclareceu Boston. — Viajou até Nova Orleans para trazer o dinheiro. Será que quer mudar de opinião, e vir conosco?

— Não. Não penso em mudar de opinião. Perguntei por perguntar. Em que espécie de veículo ele fez a viagem?

— Num coche puxado por uma parelha.

— Parelha de tordilhos?

— Isso mesmo.

— Tinha mulheres com ele?

— Esposa e filha. — E após um ligeiro silêncio: — Mas para que jornal pretende enviar esta reportagem?

— Estou apenas conversando, para passar o tempo. Creio que esse coche passou por mim na estrada quando vinha para cá.

Dick-Assobio pôs as mãos nos bolsos e prosseguiu na caminhada, indo e vindo ao lado do fogo. Ao agasalhar uma das mãos, encontrou o pé de meia de seda que havia apanhado na estrada.

— Aquela flor linda e esquisita — murmurou, com um sorriso. Ainda caminhando, olhou através de uma abertura natural ou de uma alameda que separava as árvores e viu a casa-grande da fazenda, distante cerca de umas setenta jardas. O lado da residência, que contemplava, tinha as janelas bem iluminadas e a claridade, refletindo no exterior, banhava a larga varanda e parte do gramado que se estendia embaixo.

— O que foi que acabou de dizer? — indagou Boston, intrigado.

— Oh, nada de importante — respondeu Dick, sem interromper a caminhada. Chutou uma pedra que viu no chão e ajuntou: — Apenas uma frase... — Deu mais alguns passos, e voltou a falar para si mesmo: — Tão simpática... tão comunicativa... E que graça aquele Feliz Natal! O que ela fará agora?

O jantar, com duas horas de atraso, estava sendo servido na casa-grande. O salão de refeições e tudo quanto o integrava faziam

lembrar épocas passadas. A baixela, admirável, era tão rica que nem sua antiguidade, abada à sua raridade, conseguiram evitar que fosse considerada pomposa. Nomes de pintores famosos subscreviam quadros pendurados nas paredes. E o menu servido era de fazer cintilar as pupilas dos mais requintados gourmets.

Além do mais, o serviço processava-se de acordo com a melhor técnica dos velhos tempos — perfeito, silencioso e diligente —, quando os empregados eram considerados bens de família. Os nomes, pelos quais eram chamados os moradores da casa e seus visitantes, podiam ser encontrados nos anais sociais de duas nações. Também as maneiras, que revelavam, e a conversação, em que se entretinham, acusavam a predominância do mais refinado gênero de complacência —, complacência irmã gêmea do pundonor.

O dono da casa era a força propulsora, responsável, em grande parte, pela alegria e pelo espírito que predominavam no ambiente. Seus filhos sentiam-se embaraçados, às vezes, em devolver-lhe, no mesmo nível intelectual, suas irônicas indiretas e suas finas zombarias. Não é que não o tentassem — e o faziam, com frequência, estimulados pela esperança de obter a aprovação dos demais convivas —, mas o fazendeiro os revidava com incrível vivacidade, forçando-os a sentirem o gosto da derrota senão por palavras, mas, ao menos, por sua ultrajante gargalhada.

À cabeceira da mesa, pontificava a dona da casa — serena, hierática, benevolente —, pontilhando todos os diálogos com um sorriso exato, uma palavra certa e um olhar adequado.

Como seria de esperar, a conversa à mesa era vaga em demasia, difusa em excesso, para fazer com que todas as atenções nela se concentrassem. Contudo, fora abordado, naquela oportunidade, um assunto que era de interesse geral: o incômodo que representavam os vagabundos, sempre rondando a propriedade. O fazendeiro, valendo-se da oportunidade, procurou dirigir o fogo das suas bem-humoradas baterias contra a dona da casa, acusando-a de estimular a praga, através de sua comprovada benevolência. — Sobem e descem o rio, em grupos, todos os anos, quando chega o inverno —

disse ele, e ajuntou: — Superlotam Nova Orleans e nós recolhemos os excedentes, os quais, será justo reconhecer, são justamente os da pior espécie. Há pouco tempo, madame Nova Orleans, descobrindo de súbito que já não podia fazer suas compras, sem esfregar suas blusas nesses desocupados, que se refestelavam ao sol, resolveu ordenar à polícia: — Prenda-os todos! — Os policiais passaram, então, a agir. Prenderam uma dúzia ou duas deles, mas os três ou quatro mil, que escaparam, vieram ocupar o dique e aquela senhora ali — e apontou, com a faca, sua esposa — incumbiu-me de alimentá-los. Não trabalham. Desafiam os meus fiscais. E fazem amizade com os cachorros. E você, minha cara esposa, dá comida mesmo diante dos meus olhos e ainda exige de mim que não os moleste. Quer me dizer, por favor, quantos tem, atualmente, sob sua proteção?

— Seis, creio eu — informou a senhora, com um sorriso. — Dois deles se ofereceram para trabalhar, pois você mesmo os ouviu.

O fazendeiro riu, outra vez, agitando-se na cadeira.

— É verdade, mas de acordo com suas respectivas habilidades. Um fazia flores artificiais e o outro assoprava vidro. Oh, de fato, procuravam trabalho..., Mas, a não ser o que desejavam fazer, não aceitavam qualquer outro gênero de atividade.

— E um outro — emendou a excelente esposa, com seu coração de manteiga — falava até muito bem. Valia-se de expressões preciosas, o que é realmente extraordinário para um homem de sua classe. Além do mais, possuía até um relógio. Disse-me que vivia em Boston. Não acredito, de fato, que todos sejam maus. Sempre me pareceram vítimas de uma espécie de subdesenvolvimento. São ainda como crianças: idade mental de dez anos, mas barbas crescidas de um homem feito. Passamos por um deles, ontem, na estrada, quando voltávamos da cidade. Estava assobiando o intermezzo da Cavalleria, e a impressão, que tive, foi a de que estava na presença do espírito do próprio Masegni.

Uma menina-moça, de olhos brilhantes, que se encontrava à esquerda da dona da casa, inclinou-se sobre a mesa, e murmurou, em um tom confidencial:

— Desejava saber, mamãe, se o vagabundo, que encontramos na estrada, encontrou minha meia de seda. Acredita a senhora que ele a deixará pendurada hoje, à noite? Agora, só posso pendurar um pé. Sabe por que desejava um novo par de meias, se já possuo tantos? A razão é simples: a velha tia Judy dizia que se se pendurasse um par, que nunca tivesse sido usado, Papai Noel encheria um dos pés com lindos presentes e Monsieur Pambe colocaria, no outro, o pagamento por todas as palavras que tivesse pronunciado — boas ou más — na véspera do Natal. Daí a razão por que tenho me mostrado extraordinariamente gentil e polida com todo mundo hoje. Monsieur Pambe, a senhora sabe, é um cavalheiro encantador. Ele...

As palavras da menina-moça foram interrompidas pelo ruído de um objeto que cara. Tal qual o espectro de uma estrela cadente que houvesse explodido, uma lista negra, atravessando o vidro da janela, precipitou-se sobre a mesa, estilhaçando cerca de uma dúzia de pratos e copos de cristal. E, ricocheteando, em seguida, passou sobre as cabeças dos presentes na direção de uma das paredes, onde abriu um profundo e redondo orifício. As mulheres gritaram, assustadas. Os homens se ergueram e teriam empunhado suas espadas, se a época fosse outra. Em face da estupefação geral, o fazendeiro foi o primeiro a agir: correu e apanhou o intruso míssil, passando a examiná-lo.

— Por Júpiter! exclamou, perplexo. — Uma chuva meteórica de malha de seda. Será que já conseguimos alguma comunicação com Marte?

— Seria melhor dizer: Por Vênus — aventurou um dos cavalheiros, aguardando aprovação para a designação sugerida.

O fazendeiro segurou, com o braço estendido, o estranho objeto, que não era outra coisa senão um comprido pé de meia de mulher.

Está cheio! — anunciou. Mas enquanto falava, virou o pé de meia segurando-o pela ponta, e de seu interior caiu uma pedra redonda, embrulhada em um pedaço de papel amarelo. — Agora, façamos um brinde à primeira mensagem interestelar após séculos! exclamou e, acenando para os presentes, fez com que todos se aproximassem e passassem a examinar, com a maior atenção possível, aquela “coisa”.

Depois de observá-la bem, o fazendeiro transformou-se, trocando sua atitude irônica pela frieza de um homem de negócio, prático e determinado. Imediatamente agitou uma campainha e ordenou ao empregado, que havia acudido ao chamado, aproximando-se sem fazer o menor ruído: — Diga ao senhor Wesley para chamar Reeves e Maurício e mais uns dez empregados robustos e de confiança e que se reúnam, imediatamente, no vestibulo da casa. Diga também para fazer com que todos venham bem armados e tragam muitas cordas. É preciso que se apressem! — Virando-se, em seguida, para os presentes, leu, em voz alta, o que estava escrito no papel amarelo:

“Aos moradores da casa:

Cinco vagabundos, exceto eu, estão no terreno abandonado, perto da estrada, onde há uma pilha de tijolos. Apontaram-me um revólver, e recorri a este meio para me comunicar. 2 rapazes saíram para botar fogo no canavial, em um lugar depois da casa-grande. Quando os homens forem acudir, o resto do bando assaltará a casa, para roubar o dinheiro para pagamento do pessoal. Favor dizer a moça que perdeu este pé de meia que desejo também um Feliz Natal para ela. í, bom que seus homens estejam na estrada, antes dos outros. Mandem alguém para me socorrer. Sinceramente,

Dick-Assobio.”

Durante a meia hora que se seguiu, teve lugar, nos arredores da fazenda, uma manobra, silenciosa e rápida, que resultou na captura

dos cinco vagabundos. Desapontados, os perversos desocupados foram trancafiados em uma dependência da casa-grande, onde ficariam até que amanhecesse. A manobra teve, também, outro resultado: um novo e inesperado visitante passou a ser alvo da não dissimulada adoração do elemento feminino presente na casa, que elogiava entusiasticamente sua conduta exemplar e corajosa. Tratava-se do nosso conhecido Dick-Assobio.

Considerado herói, ele foi levado até a mesa do fazendeiro, na qual se refestelou com iguarias que jamais havia provado e onde teve a oportunidade de ver e admirar mulheres de tanta beleza e distinção que sua boca, apesar de sempre cheia, não conseguiu escapar ao velho hábito, que lhe era tão caro, isto é, assobiar...

À sobremesa Dick viu-se obrigado a relatar, com todos os detalhes, a aventura em que se vira envolvido, com o bando de salteadores de Harry Boston, e a revelar a astúcia, de que se valera, para escrever o bilhete, embrulhá-lo junto com uma pedra e, imprimindo um maravilhoso impulso centrífugo, como o de um cometa, atirá-lo, por fim, no interior do salão de jantar.

O fazendeiro assegurou ao vagabundo que ele não mais vagabundearia e que sua bondade e honestidade deveriam ser recompensadas. Uma dívida de gratidão havia sido contraída e seria paga, já que ele — Dick — lhe tinha salvado de uma perda, sem dúvida iminente, ou, talvez, de uma calamidade ainda maior. Solicitou a Dick que se considerasse um credor de honra da fazenda, adiantando que uma colocação adequada às suas qualidades lhe seria imediatamente dada e que no desempenho desse cargo, tudo lhe seria facilitado, de forma a permitir que galgasse postos tão bem pagos e de tanta confiança quanto a fazenda os pudesse proporcionar.

Naquele momento, porém — esclareceu o fazendeiro —, como devia estar cansado, o assunto a ser considerado imediatamente era o da necessidade de um descanso, seguido de um bom sono. Assim, a dona da casa deu instruções a uma empregada e, pouco depois, Dick-Assobio foi levado para um quarto, na dependência da

casa ocupada pelos demais criados. Carregaram para ali, minutos depois, uma banheira cheia de água, que foi colocada sobre um quadrado de oleado. E o vagabundo deixou-se ficar no quarto, onde deveria passar a noite.

Deixado só, Dick-Assobio examinou o quarto, iluminado pela luz fraca de uma vela. Tudo nos seus lugares: a cama, com a colcha dobrada mostrava os travesseiros e os lençóis; um tapete vermelho — gasto, mas limpo — cobria o assoalho; um guarda-roupa, com uma porta de espelho; um lavatório, com um vaso de flores e uma moringa; e espalhadas, em torno, duas ou três cadeiras estofadas. Numa pequena mesa, viam-se livros e papéis. Toalhas pendiam de um cabide, e havia um pedaço de sabão saboneteira de louça.

O novo inquilino colocou a vela em uma cadeira e escondeu seu chapéu, com cuidado, sob a mesa. Depois de satisfazer sua curiosidade, através de uma apurada investigação, tirou o paletó dobrou-o, e o colocou no chão, perto da parede, afastado tanto quanto possível da banheira não utilizada. Fazendo do paletó dobrado um travesseiro, estendeu-se, de corpo inteiro, sobre o tapete vermelho.

No dia seguinte era Natal. Quando os primeiros clarões da madrugada iluminaram o topo dos montes, Dick acordou e instintivamente procurou apanhar o seu chapéu. Recordou-se então de que a Fortuna o havia acolhido nos seus braços, durante a noite anterior, e aproximou-se da janela, a fim de que o ar fresco da manhã pudesse dissipar, na sua memória, a recordação do que lhe ocorrera e que lhe parecia um sonho. Entretanto, enquanto, se encontrava diante da janela, chegaram aos ouvidos estranhos e distantes ruídos.

É que os colonos da fazenda, empenhados em realizar, no menor espaço de tempo possível, a tarefa que lhes fora confiada, já se encontravam de pé, em plena atividade. O clamor dos homens que se esfalfavam, em uma competição dura e heroica, impressionou o improvisado e perplexo príncipe — mimado pela sorte — fazendo

com que ele se conservasse colado à janela e observasse tudo com profunda emoção.

Ouvia, vindo do interior da usina de açúcar, o surdo clangor das barricas de açúcar, que estavam sendo roladas, e distinguia, perfeitamente, o arrastar de correntes quando as mulas eram atreladas aos varais das carroças estimuladas pelos gritos dos cocheiros. Uma minúscula locomotiva, como se fosse de brinquedo, engatada em uma composição de vagões; baixos, fumegava sobre os trilhos da estreita ferrovia, enquanto uma pequena multidão de trabalhadores — gritando, xingando, desafiando uns aos outros — procurava transportar, em grande velocidade, para o interior dos vagões, a produção açucareira da fazenda. O que Dick-Assobio via era um poema — um poema épico, segundo definiu — tendo por tema o trabalho, a Maldição do Mundo.

O ar de dezembro era gelado, mas o suor porejava no rosto de Dick-Assobio. Debruçou-se sobre o peitoril da janela e olhou em torno. Quinze pés abaixo dali e junto à parede da casa, distinguiu um canteiro de flores e concluiu que ali deveria existir uma faixa de terra macia.

Agindo com a maior cautela, como faria um ladrão, galgou o peitoril da janela, deixou o corpo pender até que ficasse seguro apenas pelas mãos e, então, saltou para o chão, com absoluta segurança. Agachou-se e se arrastou através do jardim até a cerca que não era alta. Conseguiu ultrapassá-la com facilidade já que o medo o ajudou, como acontece com as gazelas em face de um cipoal, quando perseguidas por um leão.

O que ocorreu do outro lado é fácil de prever: uma queda sobre um tufo de folhagem à beira da estrada; o arrastar do corpo até a base do dique; daí, ao topo dele; e, por fim... a liberdade.

O oriente estava vermelho, anunciando a proximidade do nascer do sol. A própria brisa, tão vagabunda como Dick, saudou-o, acariciando-lhe a face. Um ganso selvagem grasnou, com estridência. Pouco depois, um coelho atravessou, aos pulos, o

mesmo trilho, pelo qual ele seguia — livre para se virar para a direita e para a esquerda, segundo sua vontade. Embaixo, o rio fluía tranquilo, e ninguém poderia dizer certamente onde iriam parar suas águas.

Um pequeno pássaro arrepiado, pousado em uma árvore, passou a cantar em louvor do orvalho que incitava os vermes a deixar seus esconderijos. De súbito, porém, sustou o canto e, voltando a cabeça, assumiu a atitude de quem procurasse ouvir alguma coisa. É que, vindo do topo do dique, chegara aos ouvidos um assobio penetrante, alegre, contagiante, cujas notas mais altas soavam como o estribilho de uma estranha música. O trinado humano excitava, comovia, inspirava, como um gorjeio, que nenhum pássaro selvagem conseguiria imitar.

Ao ouvir aquele canto desconhecido, o pequeno pássaro arrepiado não deixou de ficar surpreso. A suave dolência, que revelava, fazia lembrar, de certo modo, alguma coisa que lhe era familiar, mas que não conseguia identificar. Percebia, na melodia, um apelo ou uma advertência que todos os pássaros conheciam. Mas surpreendia nela, de vez em quando, encantadoras variações que, além de desconhecidas, não deixavam de o intrigar. Assim, ele se conservou com a cabeça inclinada para o lado, do qual lhe chegava o som, até que este, distanciando-se aos poucos, acabou por não ser mais ouvido.

O pequeno pássaro arrepiado ignorava que a parte do estranho gorjeio, que ele havia compreendido, era justamente a que ajudava o cantor a não sentir falta do seu desjejum; mas sabia muito bem, por outro lado, que a que não entendera, nada tinha a ver com ele. Em face da conclusão, rufou as asas com rapidez e, precipitando-se, como um projétil, sobre um gordo verme, que se arrastava ao longo do topo do dique, devorou-o com incrível voracidade...

## O CARROSSEL DA VIDA

O Juiz de Paz Benaja Widdup deixou-se ficar, à porta do seu escritório, fumando um cachimbo de cabo recurvo. A serra de Cumberland erguia-se, a meia distância de Zenith, acinzentada pela névoa do crepúsculo. À frente do Juiz, e ao longo da rua principal da cidade, uma galinha carijó se agitava, cacarejando ruidosamente.

De súbito, ouviu-se um ruído de eixos, apertados em cocções, vindo da estrada que passava perto. Era um carro de bois que se aproximava, levantando uma nuvem de poeira. Nele, viajavam Ransie Bilbro e sua esposa. O pesado veículo parou à porta do Juizado, e o casal desceu.

Ransie Bilbro tinha mais ou menos seis pés de altura e, embora de tez morena, possuía cabelos claros. Percebia-se, no seu todo — físico e psíquico — a imperturbabilidade das montanhas, que o protegia como uma armadura de aço. A esposa, ao seu lado, parecia ainda menor do que realmente o era. Tinha sardas. Era angulosa. E dava a impressão de que estava avassalada por um desejo desconhecido. Apesar desse seu aspecto nada edificante, podia-se surpreender, na sua personalidade, uma gélida revolta por uma mocidade estragada, embora ainda não consciente de todo, da verdadeira extensão daquela frustração afetiva.

Ao vê-los que se aproximavam, o Juiz de Paz calçou rapidamente os sapatos, para preservar sua dignidade, e se ergueu para deixá-los entrar no Juizado.

— Nós dois — explicou a mulher, com uma voz que mais parecia uma rajada de vento através dos galhos de um pinheiro — desejamos nos divorciar. — Olhou para o marido, a fim de se certificar de que ele não havia surpreendido qualquer hesitação ou ambiguidade, qualquer demonstração de fuga ou de auto partidarismo no seu modo de revelar a decisão que havia tomado.

— Um divórcio — repetiu Ransie, com um afirmativo movimento da cabeça. — Não podemos mais continuar juntos. Já é muito triste viver-se isolado em uma montanha, mesmo quando o marido e a mulher se preocupam, um com o outro. Mas quando ela se comporta como um gato selvagem e vive resmungando como uma coruja o dia inteiro, não há homem que aguente esse suplício.

— E, se ele não for um malandro — ajuntou a mulher, com gélida indiferença —, se não for um vagabundo que, além de preguiçoso e desonesto, esteja sempre deitado, derrubado pela bebida e, ainda mais, com uma porção de cachorros, latindo em busca de comida...

— Principalmente quando a mulher vive jogando caçarolas contra o marido —rematou Ransie, em contrapartida — e afugenta com água fervente, os melhores cachorros de Cumberland, que são dele. Também não quer cozinhar para ele e não o deixa dormir, acusando-o de uma infinidade de coisas...

— E, se ele está sempre em luta com os cobradores e é conhecido, por todos, nas montanhas, como um sovina, e que se vangloria de cair na cama, virar para o canto e, assim, dormir à noite inteira...

Em face da altercação, o Juiz de Paz julgou que deveria se mostrar severo no cumprimento, dos seus deveres. Sentou-se na única cadeira existente no Juizado — se se pode chamar de juizado aquele tugúrio — e solicitou aos queixosos que se acomodassem em um banco de madeira. Abriu, sobre a mesa, o livro, que continha os regulamentos, e percorreu o índice com os olhos! Limpou os óculos e empurrou o tinteiro. — Lei e os argumentos — explicou — nada dizem sobre essa questão de divórcio, no que diz respeito às atribuições deste Juizado. Mas, de acordo com a Justiça, a Constituição e a Tradição, não compreendendo que o assunto seja previsto, assim, apenas unilateralmente, e não tenha em vista as duas formas, sob as quais ele se apresenta. Julgo que se um Juiz de Paz pode celebrar um casamento, deve-se presumir, conseqüentemente, que esteja habilitado, também, a decretar um divórcio. Assim sendo, este Juizado expedirá um decreto de

divórcio, e espera que a Suprema Corte, examinando o caso, mantenha a sua decisão.

Ransie Bilbro tirou uma pequena sacola do bolso da calça e dela retirou uma nota de cinco dólares, que colocou sobre a mesa. — Vendi duas peles de raposa para conseguir este dinheiro — informou. — É tudo o que tenho.

— O preço normal de um divórcio neste Juizado — esclareceu o magistrado — são cinco dólares. Apanhou a nota e a meteu no bolso do colete, com um dissimulado ar de indiferença. Em seguida, passou a redigir o que denominava um decreto”, movimentando todo o corpo e fazendo um enorme esforço mental. Escreveu o que lhe saíra da pena em meia folha de um papel de ofício e o copiou em uma outra meia folha. Concluído o trabalho, Ransie Bilbro e sua esposa ouviram a leitura do documento, que, oficialmente, os declarava divorciados.

“Saibam todos, pelo presente mandato, que, no dia de hoje, Ransie Bilbro e sua esposa, Ariela Bilbro, compareceram, pessoalmente, perante este Juizado, e assumiram o compromisso de que, de ora em diante, não se amarão, nem se honrarão, nem obedecerão a um ao outro, tanto para o bem quanto para o mal, e que, estando em perfeita integridade física e mental, aceitam este decreto de divórcio, de acordo com a ordem e a dignidade deste Estado. Que, assim, seja cumprido, a Benaja Widdup, Juiz de Paz em, e para, o condado de Piedmont, Estado de Tennessee.”

Quando o juiz se preparava para entregar uma das cópias do documento a Ransie Bilbro, a voz de Ariela, fazendo-se ouvir, sustou o seu gesto. Os dois homens se entreolharam. A equivocada masculinidade de ambos estava sendo desafiada por alguma coisa súbita e inesperada, vinda daquela mulher.

— Senhor Juiz, não lhe entregue ainda esse papel! Nem tudo está resolvido entre nós. Tenho de defender, primeiro, os meus direitos. Trata-se da pensão. Não é possível que um marido se divorcie de sua esposa, sem lhe garantir um só tostão, para que ela possa

recomeçar sua vida. Estou disposta a ir para casa do meu irmão, Ed, em Hogback Mountain. Preciso de um par de sapatos, de um pouco de fumo torrado, além de outras pequenas coisas. Se Ransie pode requerer um divórcio, que ele pague, também, minha pensão.

Ransie Bilbro ficou perplexo. Durante a audiência, não se verificara qualquer insinuação relativa àquela obrigatoriedade. As mulheres eram mestras, na realidade, em levantar questões imprevistas e desconcertantes.

Apesar da resistência de Ransie, o Juiz Beneja Widdup achou que a reclamação era procedente e que exigia, portanto, uma decisão da autoridade competente que, no caso, era ele mesmo. Verificou que Ariela estava descalça e se lembrou de que a estrada para Hogback Mountain era escarpada e cheia de pedras.

— Ariela Bilbro — perguntou, em um tom imperativo —, qual seria, segundo seus cálculos, o montante dessa pensão?

— Acho que... para os sapatos e tudo... vamos dizer... cinco dólares — respondeu ela, e acrescentou: — Não é muito como pensão, mas será o suficiente para que possa ir para a casa do mano Ed.

— O montante é razoável — concordou o juiz. — Ransie Bilbro, o senhor é intimado por este Juizado a pagar à queixosa a soma de cinco dólares, antes que o decreto de divórcio seja expedido!

— Mas, senhor Juiz, não tenho mais dinheiro. O que paguei ao senhor era tudo quanto tinha — explicou Ransie, com profundo suspiro.

— Se não pagar a pensão — disse o juiz, olhando com severidade por cima dos óculos — será punido por desrespeito a este Juizado!

— Bem, senhor Juiz, não quero dizer que não pagarei. Apenas disse que não tenho aqui, comigo, qualquer dinheiro. Seria possível um prazo, por exemplo, até amanhã? Assim, tentarei conseguir a

quantia em algum lugar. Nunca me passou pela cabeça que tivesse de pagar uma pensão.

— Em face da alegação do devedor, o julgamento fica adiado até amanhã — sentenciou o juiz — quando as duas partes deverão estar presentes, outra vez, neste Juizado, a fim de que possam ser cumpridas suas determinações. Só depois de atendidas essas exigências legais, é que será expedido o decreto de divórcio.

O Juiz Benaja Widdup encerrou a audiência e, levando a cadeira até a porta do Juizado, ali se sentou e se pôs a desamarrar os cordões dos sapatos.

Sem ter mais o que fazer no Juizado, o casal retirou-se. Já na rua, Ransie Bilbro disse para a esposa:

— Acho que devíamos ir para a casa do tio Ziah, e passarmos a noite lá. — E, antes de obter qualquer resposta de Ariela, subiu no seu carro e se sentou. Ariela imitou o gesto, subindo, também, mas procurou se ajeitar em um lugar distante do marido. Ouviu-se um estalo de chicote, e o bozinho marrom se movimentou com preguiça. Após haver dado uma volta, o carro pegou a estrada e se foi afastando, deixando atrás de si uma nuvem de poeira.

O Juiz de Paz, Benaja Widdup, deixou-se ficar, à porta do Juizado, fumando o seu cachimbo de cabo recurvo. No fim da tarde, apanhou o semanário local e passou a lê-lo até que o anoitecer o impediu de ver as letras. Então, acendeu uma lanterna de sebo e, colocando-a sobre uma mesa, prosseguiu na leitura até que a lua surgisse. Olhou o céu. Compreendeu que já estava na hora da sua ceia. E resolveu voltar para casa.

O juiz morava em uma humilde casa, de duas peças, situada em uma colina e ao lado de um olmeiro. Caminhando, de volta à residência, atravessou um pedaço de morro que, àquela hora, estava escuro, por causa de uma moita de loureiros. Depois de dar alguns passos, tateando na obscuridade da estrada, percebeu que

um vulto, havendo deixado um esconderijo atrás de uns troncos, aproximou-se, apontando um rifle para o seu peito.

Tinha o chapéu abaixado sobre os olhos e qualquer coisa — talvez um lenço preto — cobria o resto do rosto.

— A bolsa ou a vida! — gritou o homem embuçado. — Mas sem conversa, pois estou com o dedo no gatilho.

— Tenho apenas cinco dólares — respondeu o juiz, tirando uma nota do bolso do colete.

— Enrole a nota e meta-a na boca do cano do rifle!

A cédula era nova. Os trêmulos dedos do juiz, embora desajeitados, não tiveram dificuldade em transformá-la em uma espécie de cartucho e, introduzi-la — já com facilidade — na boca do rifle.

— Muito obrigado, meu chapa. Agora, vou andando... — disse o ladrão.

Em face do ocorrido, o juiz julgou melhor apressar seus passos.

No dia seguinte, surgiu, de novo, o bozinho marrom, arrastando seu carro, com preguiça até a porta do Juizado. Benaja Widdup estava calçado na ocasião, pois iria presidir à audiência.

Antes que qualquer palavra fosse trocada entre uma das partes e o juiz, Ransie Bilbro entregou à sua esposa os cinco dólares da pensão. Tratava-se de uma nota só, e nova. Aos olhos argutos da autoridade não escapou a singularidade apresentada pela cédula. Estava encaracolada, como se houvesse sido enrolada e introduzida no cano de uma arma de fogo. Apesar da perplexidade de que se sentiu vítima, absteve-se de fazer qualquer comentário. Dando cumprimento à sua sentença do dia anterior, entregou a cada uma das partes uma cópia do decreto de divórcio. Ambos se mostravam constrangidos e silenciosos. Mas, mesmo assim, dobraram devagar

o certificado de verdade conjugal e o guardaram com cuidado. Ariela olhou, por fim, com acanhamento e tristeza, para Ransie.

— Está na hora de voltar para casa, não é Ransie? — disse ela. — Deixei o pão na lata que está na prateleira. O toucinho, guardei naquela panela de ferro, por causa dos cachorros. É bom não esquecer de dar corda no relógio, à noite.

— E você está pronta para ir para a casa do Ed... Espero que seja feliz — retrucou Ransie, com fingida indiferença.

— Na verdade, estou preocupada por ter de ir para lá. Não sei se aqueles pestes estão dispostos a me receber. Mas preciso ir assim mesmo, pois não tenho outro lugar onde morar. Daqui até lá é um bom pedaço de chão. Por isso, é melhor ir andando... — E depois de um pequeno silêncio: — Bem, Ransie, então adeus para você... Acho que nem vai se dar ao trabalho de dizer o mesmo para mim.

— Não sou tão grosseiro assim, para me negar a dizer adeus a alguém — retrucou Ransie, com voz de mártir. E a acrescentou, com hesitação: — Pode ser que esteja com tanta pressa de me ver pelas costas, que nem me dê tempo para lhe dizer adeus.

Ariela abaixou a cabeça e se conservou calada. Tendo acabado de dobrar a nota de cinco dólares e a certidão de divórcio, colocou-as no seio. Benaja Widdup — com olhos compridos, atrás dos óculos — viu o dinheiro desaparecer. Mas Ariela, recompondo-se, não deixou que a conversa morresse:

— Vai ficar muito só naquela cabana da serra, Ransie!

Ele ergueu os olhos e contemplou demoradamente a serra de Cumberland. Àquela hora, batida pela luz do sol, ela parecia azulada. Ransie suspirou fundo, evitando o olhar de Ariela.

— É, acho que vai ser muito triste. Mas quando um lado do casal perde a cabeça e pede divórcio, já não há mais jeito de esperar que a outra parte fique.

— Tem razão, Ransie. Alguém queria se separar de qualquer maneira — respondeu Ariela, como se dirigisse ao banco de madeira do Juizado. — Além do mais, não conheço alguém que queira que alguém fique...

— Ninguém nunca disse que não queria que alguém ficasse...

— Também, ninguém disse que queria que alguém ficasse... Bem, o melhor é ir andando para a casa do mano Ed.

Mas Ransie interveio, com firmeza:

— E agora, quem vai dar corda no velho relógio?

Ariela pensou um minuto e propôs:

— Quer que eu vá no carro, para dar corda para você, Ransie?

O rosto de Ransie era à prova de emoções. Nunca se alterava. Mas existiam suas mãos, que poderiam falar por ele. Estendeu o braço direito, e sua mão enorme e calosa apertou a de Ariela, pequena e queimada de sol. A alma da esposa, recém-divorciada, exaltou-se e lhe iluminou a fisionomia até então sombria.

— Garanto que não deixarei os cachorros amolá-la mais — assegurou Ransie, conciliatório. — Reconheço que tenho sido mesquinho e implicante. Será melhor você voltar, para dar corda no relógio, Ariela.

— Meu coração ainda está naquela cabana da serra, Ransie — murmurou. — E bate junto do seu. Prometo, também, que não brigarei mais com você. — E após olhar em torno, avaliando a inutilidade daquela audiência no Juizado: — Melhor irmos andando, Ransie, pois assim estaremos em casa ao anoitecer.

O Juiz de Paz, Benaja Widdup, assistira à cena, sem nada dizer. Entretanto, quando o casal, já reconciliado, encaminhou-se para a porta, decidiu intervir:

— Em nome do Estado de Tennessee — declarou, com solenidade — eu os advirto sobre este desrespeito às suas leis e às suas tradições. Este Juizado vê, com satisfação, que as nuvens da discórdia e do desentendimento se afastam de dois corações que se amam, mas é seu dever preservar a moral e a integridade do Estado. Desejo lembrar que já não são mais marido e mulher, pois estão divorciados por um decreto deste Juizado e, assim sendo, não têm direito aos benefícios e às garantias de um contrato matrimonial.

Ariela segurou o braço de Ransie. "Será que estas palavras significam que vou perdê-lo de novo, justamente quando acabamos de aprender uma dura lição da vida?" — pensou consigo mesma.

— Mas este Juizado está disposto — prosseguiu o magistrado a remover os embaraços criados pelo decreto de divórcio. Poderá realizar, de novo, a solene cerimônia do casamento e, assim, remediar a situação, legalizando a reconciliação do casal. Meus honorários, para a realização, da referida cerimônia, são cinco dólares.

Ariela não deixou que a oportunidade lhe escapasse. Rapidamente meteu a mão no seio, e a nota de cinco dólares, que ali estivera guardada, voou como uma pomba que escapasse do cativeiro, e pousou sobre a mesa do juiz. Realizou-se, em seguida, a cerimônia e Ariela percebeu que tinha o rosto ruborizado quando, de mãos dadas com Ransie, ouviu o juiz declarar que estavam casados de novo.

Deixando o Juizado, Ransie ajudou Ariela a subir no carro e, depois, ele próprio subiu, assentando-se ao lado dela. O boizinho marrom, comandado pelo carreiro, deu meia-volta e o carro, conduzindo o casal — de mãos dadas — foi se arrastando no rumo da serra.

O Juiz de Paz, Benaja Widdup, sentou-se, como de costume, à porta do Juizado e tirou os sapatos. Outra vez, apanhou a nota, e a colocou no bolso do colete. Outra vez, acendeu o seu cachimbo de

cabo recurvo, e deixou-se ficar fumando. E outra vez, a galinha carijó surgiu e pôs-se a andar na rua, cacarejando ruidosamente.

## A CIDADE ONDE NADA ACONTECIA

"As cidades têm o seu orgulho, e, por isso, vivem se desafiando: uma, por causa de suas serras; e outra, pela beleza de suas praias."

R. Kipling

Imaginemos, por exemplo, um romance sobre Chicago ou sobre Buffalo, ou, talvez, sobre Nashville, no Tennessee! Existem exatamente três cidades nos Estados Unidos, que são "cidades-romances": Nova Iorque, naturalmente; Nova Orleans; e a melhor de todas, São Francisco.

Frank Norris.

O Leste é Leste; e o Oeste é São Francisco — de acordo com os californianos. Os californianos constituem uma raça à parte, e não simplesmente os habitantes de um Estado. São os sulinos do Oeste. Contudo, os filhos de Chicago não são menos leais à sua cidade. Quando se pergunta a um deles a razão dessa lealdade, nunca responde, mas gagueja e fala sobre os peixes do lago e sobre o Edifício dos Sócios da Ordem Beneficente. Os californianos, porém, descem a detalhes.

Aliás, eles têm, no seu clima, um assunto que rende, pelo menos, uma meia hora de conversa, enquanto o interlocutor vagueia, pensando na sua conta de carvão e nas suas roupas de baixo, de lã grossa. Mas, tão logo confundem nosso silêncio com um Sintoma de convicção, passam a delirar e descrevem a cidade de Golden Gate como sendo a Bagdá do Novo Mundo. Até aí, no que diz respeito a opinião, nenhuma refutação será necessária. Mas, meus caros primos, em função da descendência de Adão e Eva, serão temerários para qualquer um colocar o dedo sobre o mapa e dizer: Nesta cidade, não pode haver qualquer romance e, então, o que

poderia aqui acontecer?” Sim, não deixa de ser um feito ousado e temerário desafiar, através de uma frase, a História e o Romance.

— Nashville — uma cidade que é um porto de entrega e a capital do Estado de Tennessee, situada à margem do rio Cumberland e servida pelas estradas de ferro North Carolina & St. Louis e L. & N. É considerada o centro educacional de maior importância do Sul dos Estados Unidos.

Desembarquei do trem às 8 da noite. Tendo rebuscado em vão a mente, tentando encontrar um adjetivo para a cidade, devo, em substituição, recorrer a uma comparação, sob a forma de uma receita. Reúnam-se 30 por cento do fogs de Londres; por cento de malária; 20 por cento de escapamento de gás; 25 por cento de gotas de orvalho, colhidas em um pátio de tijolos, pela madrugada; e 25 por cento de cheiro de madressilva, e depois... misture tudo.

O que resultar dessa receita proporcionará uma aproximada concepção do que é a garoenta Nashville. Não cheira tão bem como a naftalina e nem como uma espessa sopa de ervilhas, mas tem o seu aroma, o qual servira, para efeito de comparação.

Segui para um hotel em um carro para transporte de lixo. Foi necessária uma grande dose de autocontrole para que não me visse jogado até a cobertura do veículo, o qual, por sua vez, era puxado por mulas de uma era passada e dirigido por um negro que dava a impressão de haver sido recém-emancipado. Estava com sono e cansado e, quando, por fim, cheguei ao hotel, paguei apressadamente a diária de meio dólar que me foi exigida. Conhecia os hábitos daquela gente e não desejava ouvir alegações sobre o velho patrão” ou qualquer coisa relativa ao “antes da guerra”.

O hotel era do tipo que denominavam “reformado” — o que significava cerca de 20 mil dólares em novas colunas de mármore, azulejos, iluminação elétrica, escarradeiras de cobre no saguão, um quadro emoldurado com os horários dos trens e uma litografia da Lookout Mountain, em cada um dos salões do primeiro andar. O serviço apresentava-se irrepreensível e os hóspedes eram tratados

com a estranha cortesia do Sul, embora o que se pedisse só chegasse com a mesma lentidão que caracterizava a evolução do progresso na região. A comida valia o esforço de uma viagem de mil milhas para ser saboreada. Não existia outro hotel no mundo no qual se pudesse obter fígados de galinha em brochette como os que ali eram proporcionados aos hóspedes.

Durante o jantar, perguntei a um garçom negro se havia alguma coisa para se fazer na cidade. Ele pensou gravemente durante um minuto e respondeu: — Bem, patrão, eu realmente não acredito que haja qualquer coisa para se fazer aqui, depois do pôr-do-sol.

— O pôr do sol já havia acontecido, prejudicado por uma gélida garoa. Assim, eu havia perdido aquele espetáculo. Mas, apesar de tudo, saí percorrendo algumas ruas sob a garoa, em busca do que nelas pudesse existir.

A cidade havia sido construída sobre um terreno ondulado, e as ruas eram iluminadas a eletricidade, ao custo de 32.470 dólares por ano. Logo que deixei o hotel, vi-me em face de um motim racial. Um magote de libertos, ou de árabes, ou de zulus, avançou contra mim. Os homens estavam armados . . não... percebi, com alívio, que não eram rifles..., mas com chicotes. E divisei, então, uma fila de veículos pretos e toscos e, em face dos tranquilizadores gritos de “Levo o senhor até qualquer parte da cidade, patrão, por meio dólar” — concluí que eu representava simplesmente uma “corrida”, ao invés de ser uma vítima.

Caminhei ao longo de compridas ruas, todas subindo ladeiras, o que me levou a conjecturar se elas, por acaso, não desejam outra vez. Talvez não o fizessem, enquanto não houvessem sido convertidas em degraus. Em algumas das avenidas principais, observei, aqui e ali, vitrinas iluminadas; vi bondes sendo acionados através de linhas transmissoras: observei gente passando em animada conversa e ouvi a explosão de uma risada, saindo do interior de uma casa de sorvetes. As ruas, que não eram as principais, davam a impressão de que haviam seduzido, para as suas áreas, casas consagradas à paz e à vida doméstica. Em muitas delas, luzes brilhavam

discretamente atrás das cortinas cerradas e alguns pianos ensaiavam músicas em surdina. Na realidade, o que se tinha para fazer ali era muito pouco. Desejava que houvesse desembarcado na cidade antes do pôr-do-sol. Em face das circunstâncias, retornei ao hotel.

Em novembro de 1864, o general confederado Hood investiu contra Nashville, onde encurralou uma força nacional, sob o comando do General Thomas. Este último reagiu, rompendo o cerco, e derrotou os confederados em um terrível batalha.

Durante toda a minha vida, sempre ouvi falar, sempre admirei e sempre testemunhei a admirável habilidade do Sul, ao resolver, de forma pacífica, os conflitos ocorridos nas regiões dos mascadores de fumo. Mas uma surpresa me aguardava no hotel, ao regressar. Existiam doze escarradeiras de cobre, brilhantes, novas, imponentes, no grande saguão — tão grandes que poderiam ser chamadas de urnas e de bocas tão largas que um bom lançador de um time feminino de beisebol poderia atirar uma bola dentro de uma delas, em uma distância de cinco passos. Mas, embora um terrível batalha ali houvesse sido travada e ainda estivesse em curso, o inimigo nada havia sofrido. Brilhantes, novas, imponentes, espaçosas e intocáveis, as escarradeiras lá permaneciam. Contudo — oh, manes de Jefferson Bried — o assoalho de azulejo — o lindo assoalho azulejado! Não podia deixar de pensar na batalha de Nashville e de tentar fazer, segundo um tolo e velho hábito meu, algumas deduções sobre a habilidade hereditária.

— Assim, vi, em primeiro lugar — por infeliz coincidência —, o Major Wentworth Caswell. Percebi que era uma “figura”, no momento exato em que meus olhos sofreram o impacto de tê-lo à vista. Um rato não possui um habitat geográfico. Meu velho amigo, A. Tennyson, disse tão bem, como sempre sabia dizer qualquer coisa, o seguinte:

Profeta, amaldiçoa-me a língua solta, e amaldiçoi, por mim, o roedor britânico, o rato.

Vamos considerar a palavra “britânico” como permutável ad lib. Um rato e um rato. Aquele homem comportava-se no saguão do hotel como um cão faminto que houvesse esquecido onde havia enterrado o seu osso. Tinha um rosto largo, vermelho e balofo, com uma expressão de permanente sonolência, como o de um Buda. Revelava, contudo, uma única qualidade: estava irrepreensivelmente barbeado e escanhoado. A marca do animal que existe em todas as pessoas não é notada senão quando elas estão barbudas. Acredito que se ele não houvesse feito uso da navalha naquele dia teria repellido suas tentativas de aproximação e o calendário criminal do mundo houvesse sido acrescido de mais um assassinato.

Aconteceu que eu estava de pé, cerca de cinco passos de uma escarradeira, quando o Major Caswell pôs em atividade, contra ela, a sua artilharia. Era suficientemente óbvio que a força atacante estava usando saliva ao invés de balas de rifle, de forma que pude me afastar tão rapidamente da trajetória dos projéteis que o brioso militar aproveitou a oportunidade para se desculpar em face de um não combatente. Ele era o que se denomina uma “língua solta” e, assim, logo se tornou meu amigo e me arrastou para o bar.

Desejo intercalar, aqui, que sou um sulino, mas não o sou por profissão ou por motivos comerciais. Sempre me abster de gravata comprida, do chapéu desabado, da sobrecasaca comprida “Príncipe Alberto”; e nunca me preocupei com o número de fardos de algodão, destruídos pelo General Sherman, e nem com os mascadores de fumo. E, para completar, jamais bati palmas, quando as orquestras tocam Dixie.

O Major Caswell deu um murro na mesa do bar, e a impressão que tive foi a de que o primeiro canhão do Forte Sumter havia disparado de novo. Quando ele cessou com seus canhões, passei a ter alguma esperança. Foi aí que começou a falar de árvores genealógicas, demonstrando que Adão era somente um primo, em terceiro grau, de um ramo colateral da família Caswell. Genealogia passando a ser o assunto, revelou-me, para meu desagrado,

assuntos privados de sua família. Falou-me de sua esposa e fez um levantamento de sua ascendência até Eva e, irreverentemente, desmentiu possíveis rumores de que ela pudesse ter parentes na terra de Node.

A essa altura, comecei a suspeitar que o major pudesse estar tentando fazer-me esquecer, através do barulho que provocava, que fora ele quem ordenara os drinks, esperando naturalmente que, desorientado, eu acabasse por pagá-los. Entretanto, quando a conta foi apresentada, atirou, com estardalhaço, sobre a mesa um dólar de prata. Então, uma nova rodada naturalmente se fez obrigatória. E, quando eu havia pagado a segunda, despedi-me dele bruscamente. Estava exausto da sua companhia. Todavia, antes que houvesse podido sair, ele se vangloriou, em alta voz, de uma herança que sua esposa tinha recebido e exibiu um punhado de moedas de prata.

Quando apanhei minhas chaves no balcão da recepção, o encarregado me disse, polidamente: — Se esse Caswell o está aborrecendo e se quiser fazer uma reclamação, nós o expulsaremos daqui. Esse homem é uma praga, um vagabundo e, sem qualquer meio de vida conhecido, dá a impressão, quase sempre, de que tem dinheiro. Mas ainda não encontramos um meio legal de mandá-lo deixar o hotel.

— Por que não — disse-lhe, depois de refletir um pouco. — Não vejo como possa fazer uma reclamação, mas gostaria de dar a entender que não aprecio a companhia dele. — Esta cidade — prossegui — parece ser muito tranquila. Que espécie de diversão, de aventura, ou de emoção, os senhores dispõem aqui, para oferecer a um estranho que se encontre dentro dos muros deste burgo?

— Bem, meu caro senhor — respondeu o recepcionista —, haverá um show aqui, na próxima quinta-feira. Trata-se de... Tomarei nota, e enviarei um anúncio ao seu quarto, com um pouco de água gelada. Boa noite, meu senhor.

Quando cheguei ao quarto, olhei através da janela. Eram mais ou menos dez horas da noite, mas estava em face de uma cidade adormecida. A garoa fazia-se presente, como sempre, iluminada tenuemente pelas lâmpadas elétricas.

— Que lugar parado! — disse para mim mesmo, enquanto descalçava o pé direito. — Não se nota aqui qualquer daqueles sinais de vida, que emprestam colorido e movimento às cidades do Leste e do Oeste. Apenas uma cidadezinha calma, boa, comum — enfim, uma rotineira cidadezinha, só prestando para quem trabalha.

Nashville ocupa um relevante lugar entre os centros manufatureiros do país. É o quinto mercado de botas e de sapatos dos Estados Unidos; a maior fabricante de confeitos e de biscoitos do Sul; e desempenha enorme atividade no campo dos negócios de secos e molhados e no de remédios.

Devo contar, todavia, como fui parar em Nashville. Posso garantir, desde já, que esse relato causará tanto tédio a mim quanto a qualquer outra pessoa. Estava fazendo uma viagem por conta própria, quando fui incumbido por uma revista literária de chegar até ali e estabelecer um contato pessoal entre a publicação e um de seus colaboradores, Azaléa Adair.

— Adair — não existia qualquer pista para se identificar sua personalidade, com exceção da sua letra — tinha enviado alguns ensaios e poemas, que mereceram calorosa aprovação dos editores, durante a habitual troca de opiniões, por ocasião do almoço em conjunto. Em face disso, incumbiram-me de procurar o dito, ou a dita Adair, e fazê-la, ou fazê-lo, assinar um contrato, para publicação de toda a sua produção, a dois centavos por palavra, antes que outra revista lhe oferecesse dez ou vinte centavos.

Na manhã seguinte, às 9 horas, depois de haver saboreado meus fígados de galinha em brochette (será bom prová-los, se descobrir aquele hotel), meti-me sob a garoa, que ainda se fazia presente e dava a impressão de que não cessaria nunca. Ao chegar à primeira esquina, dei de cara com o “tio César”. Tratava-se de um negro alto,

mais velho do que as pirâmides, de cabelos grisalhos e que tinha um rosto que fazia lembrar o de Brutus. Vestia o mais estranho casaco que jamais havia visto ou que esperasse ver algum dia. Chegava até os tornozelos e pertencera, no passado, a um confederado, quando deveria ter sido cinzento. A chuva, o sol e o tempo, porém, arruinaram-no tanto que passara a apresentar um tom desmaiado, monocromo. Devo entrar em detalhes sobre esse casaco, pois ele muito tem a ver com esta estória — a qual demorou tanto a ter início porque ninguém poderia esperar que alguma coisa pudesse acontecer em Nashville.

Durante algum tempo, devia ter sido o casaco militar de um oficial. Sua gola tinha desaparecido, mas toda a sua frente havia sido frisada e ornada com borlas de maneira magnificente. Naquele momento, porém, os frisos e as borlas já não existiam. Em lugar deles, viam-se nele costuradas pacientemente — suponho por alguma sobrevivente “mãe-preta” — novas borlas feitas de fitas gêmeas de cânhamo, caprichosamente torcidas. Essas fitas estavam puídas e desalinhas. E, para completar o ridículo e o patético daquela indumentária, todos os botões, menos um, haviam caído, e este — o único sobrevivente — era justamente o primeiro, de cima para baixo. O casaco era preso por outras fitas gêmeas, passadas através das casas dos botões e de outros buracos, grosseiramente abertos no lado oposto. O único botão sobressalente, do tamanho de uma moeda de meio dólar, era feito de chifre amarelo e pregado com cânhamo duplo.

Aquele negro estava de pé ao lado de uma carruagem tão velha que o próprio Cam, filho de Noé, talvez tivesse inaugurado, com ela, uma linha de transporte, após haver deixado a Arca. Quando me aproximei, o negro escancarou a porta da carruagem, tirou um espanador de penas e o agitou, sem usá-lo, dizendo-me, em uma voz profunda e cavernosa:

— Pode subir, senhor. Não há qualquer poeira na almofada, pois acabo de vir de um enterro.

Deduzi que em tais ocasiões de gala as carruagens recebiam uma limpeza extra. Olhei ao longo da rua e constatei que havia pouca escolha entre os veículos de aluguel, que se alinhavam junto ao meio-fio. Consultei meu livro de apontamentos, procurando o endereço de Azaléa Adair.

— Quero que me leve ao número 861, da Jessamine Street — disse e me preparei para subir na carruagem. Mas, de súbito, o braço do negro — longo, grosso, semelhante ao de um gorila — barrou-me a entrada. Percebi no seu rosto, solido e soturno, uma expressão de súbita suspeição e uma espécie de rancor tornou-se evidente. Então, ele me perguntou, já voltando à sua atitude de humildade:

— Por que o senhor quer ir ali, senhor?

— O que isto tem a ver com você? — perguntei de maneira áspera.

— Nada, senhor, nada. Apenas porque é uma parte da cidade muito deserta e pouca gente tem o que fazer ali. Mas pode subir, senhor. O assento está limpo. Vim, neste momento, como disse, de um funeral.

Nossa jornada se estendeu por cerca de uma milha e meia. Durante o trajeto, não ouvi senão o ruído das rodas do obsoleto veículo, arrastando-se sobre o calçamento. Também não percebi qualquer cheiro, a não ser o da garoa, então adensada com fumaça de carvão e com qualquer coisa que parecia uma mistura de alcatrão e flor de oleandro. Através das estreitas janelas do carro, via apenas duas fileiras de casas sombrias.

A cidade tem uma área de milhas quadradas; 181 milhas de ruas, das quais só 137 milhas eram pavimentadas; um sistema de abastecimento de água, que havia custado 2 milhões de dólares, com 77 milhas de esgotos.

O 861, da Jessamine Street, era uma mansão em ruínas. Estava situada a trinta jardas da rua, quase coberta por um esplêndido conjunto de grandes árvores e de arbustos não podados. Uma

carreira de folhagens debruçava-se e quase ocultava a cerca, que limitava o terreno. O portão era conservado fechado por uma corda, passada em torno de um dos seus pilares. Mas, assim que ele era transposto, podia-se constatar que o 861 era um arcabouço, ou melhor, uma sombra, um fantasma de antiga grandeza e opulência. Mas, quanto à sua estória, não comecei a contá-la ainda.

Quando a carruagem parou de sacolejar sobre os velhos paralelepípedos e estacionou, entreguei ao cocheiro seu meio dólar e mais uns níqueis de gorjeta, sentindo-me orgulhoso da generosidade com que estava agindo. O cocheiro, porém, recusou o dinheiro.

— São dois dólares, senhor — explicou.

— Dois dólares por quê? — perguntei. — Ouvi você dizer, em voz alta, à porta do hotel: meio dólar para qualquer parte da cidade!

— São dois dólares, senhor — repetiu, insistentemente. — É um bom estirão desde o hotel.

— Está dentro da área urbana, e bem no coração da cidade — argumentei. — Não pense que esteja tratando com um ianque! Não está vendo ali aquelas colinas? — prossegui, apontando na direção leste. — Bem, nasci e fui criado depois delas. Será, seu negro maluco, que pode dizer quem é quem, só ao lhe falar uma vez?

O rosto sombrio do rei etíope iluminou-se. — O senhor é do Sul? Foram os seus sapatos que me confundiram. Tem os bicos finos demais para serem usados por um sulino.

— Então, o preço da viagem fica mesmo em meio dólar! — adverti, inexoravelmente.

Sua antiga expressão, que era um misto de cupidez e hostilidade, retornou, permaneceu no seu rosto uns dez segundos, e, de novo, desapareceu.

— Patrão — replicou ele —, o preço de meio dólar é justo, mas tenho necessidade de dois dólares, senhor. Estou obrigado a ter dois dólares. Não estou os exigindo agora, patrão, mas só o farei depois de descobrir de onde o senhor veio. Estava apenas dizendo que precisava ter dois dólares hoje, à noite.

Constatei que sua sombria fisionomia passara a refletir paz e confiança. Sentia-se mais feliz do que havia esperado. Ao invés de ter caído nas mãos de um otário, ignorante dos preços cobrados, via-se face a face com um verdadeiro coletor de impostos.

— Seu moleque atrevido! — disse-lhe, metendo a mão no bolso. — Deveria levá-lo e entregá-lo à polícia.

Percebi que sorria pela primeira vez. Ele sabia. Ele sabia. ELE SABIA. Dei duas notas de um dólar cada uma. Ao entregá-las, constatei que uma delas havia passado maus momentos. Sua quina direita superior tinha sido cortada e ela fora rasgada ao meio e, depois, emendada. Via-se uma fita de papel de seda azul colada ao longo da emenda, preservando a indispensável circulação.

Já estando suficientemente farto do bandido africano, deixei-o, com satisfação. Caminhei e soltei a corda que prendia o portão, e o abri. A casa, como disse, não passava de uma estrutura. Era visível que nenhuma brocha de pintor a houvesse tocado pelo período de uns vinte anos. Não sabia, por outro lado, como uma rajada de vento mais forte não a houvesse posto abaixo, como acontece com um castelo de cartas de baralho, até que observei as grandes árvores que a cingiam e a escoravam — as mesmas árvores que haviam assistido à batalha de Nashville e que ainda estendiam seus galhos em torno dela, protegendo-a contra os temporais, os inimigos e o frio.

— Azaléa Adair — cinquenta anos de idade, cabelos brancos, tão frágil como a casa na qual vivia, e usando um vestido modesto, mas limpo — recebeu-me com um ar tão natural como se fosse uma rainha. A sala de visitas parecia ter uma milha quadrada de espaço, porque nada existia nela a não ser algumas fileiras de livros; uma

estante de pinho branco, sem pintura; uma mesa com o tampo de mármore rachado; um tapete puído; um sofá desbotado e duas ou três cadeiras. Sim, havia um quadro na parede — um desenho a crayon de um monte de sempre-vivas. Olhei em torno, tentando descobrir o retrato de Andrew Jackson e a cesta de pinhas, mas não os encontrei.

Eu e Azaléa Adair conversamos durante alguns minutos, e um pouco do que falamos será aqui reproduzido. Ela era um produto do velho Sul — bem-educada e proveniente de uma classe ao abrigo de necessidades. Seus conhecimentos não eram amplos, mas acusavam agudeza e originalidade na estreiteza de seus objetivos. Fora educada em casa, e sua experiência do mundo era tanto intuitiva quanto vivida. Enquanto conversava comigo, permaneci limpando as unhas, procurando inconscientemente não dar a perceber a ausência, no que dizia, de qualquer resquício das obras de Lamb, de Chaucer, de Hazlitt, de Marco Aurélio, de Montaigne e de Hood. Ela me parecia uma mulher estranha — uma fascinante e envolvente criatura. Nos dias de hoje, quase todas as pessoas sabem coisas demais — oh, demais em excesso — da vida real.

— Pude concluir, imediatamente, que Azaléa Adair era pobre — muito pobre. Uma casa e um vestido — eis tudo quanto possuía, calculei. Em face das circunstâncias, procurei situar-me no centro das influências que se faziam presentes, dividindo-me entre o dever, que tinha para com a revista, e a lealdade que me vinculava aos poetas e aos ensaístas, que haviam lutado contra Thomas no vale de Cumberland. Assim, pude ouvir a voz, que me dava a impressão do som de uma espineta, e concluí que, naquele momento, não me era possível falar em assinatura de um contrato. Na realidade, ninguém teria coragem de se rebaixar e discutir um assunto de dois centavos a palavra, na presença das nove Musas e das três Graças. Conjeturei que um outro colóquio deveria ter lugar entre nós, logo que me reconciliasse com o meu mercantilismo. Apesar do constrangimento em que me encontrava, expus a missão de que estava incumbido e ficou assentado que, no dia seguinte, às 3 horas

da tarde, discutiríamos, em termos práticos, o contrato que me levara à sua presença.

— Sua cidade — comentei, à falta de assunto melhor, quando me preparava para sair — parece ser muito tranquila, um lugar que nos causa um efeito sedativo. Uma cidade essencialmente doméstica — talvez pudesse dizer — na qual poucas coisas, fora do comum, acontecem...

Na realidade, Nashville realizava intenso comércio de utensílios de cozinha com o Oeste e o Sul dos Estados Unidos e seus moinhos de trigo tinham uma produção diária de mais de dois mil sacos de farinha. Azaléa pareceu refletir.

— Nunca pensei, antes, nesse assunto — respondeu, com a profunda sinceridade que lhe era característica. — Não acha que é justamente nos lugares mortos, nas cidades quietas, que sempre acontecem coisas? Penso, às vezes, que, quando Deus começou a criar a Terra, na manhã da primeira segunda-feira, se alguém chegasse à sua janela poderia ouvir as gotas da lama, com a qual Ele construía as montanhas, que seriam eternas. No entanto, o que resultou da obra mais barulhenta já levada a efeito no mundo — a Torre de Babel? Apenas uma página e meia de texto em Esperanto, publicado na North American Review...

— Estou de acordo com o seu raciocínio — respondi, conciliatório. — A natureza humana é sempre igual em qualquer parte, mas em algumas cidades existe maior colorido... maior dose de romance e de agitação... do que em outras.

— Apenas superficialmente — corrigiu Azaléa Adair. — Já dei muitas voltas ao Mundo em uma aeronave dourada, impulsionada apenas por duas asas — Leitura e Sonho. Vi — no desenvolvimento de uma dessas excursões imaginárias — o sultão da Turquia estrangular, com as próprias mãos, uma das suas esposas, só porque ela descobriu o rosto em público. Por outro lado, pude surpreender, aqui em Nashville, um indivíduo rasgar seus ingressos para um teatro, apenas porque sua esposa pretendia ali comparecer

com o rosto coberto... de pó de arroz. Na Chinatown, de São Francisco, vi uma esperava, Sing Yee, ser mergulhada devagar, polegada a polegada, em óleo fervente de amêndoa, a fim de que jurasse, perante seus torturadores, que nunca mais iria se encontrar com seu amante norte-americano. Tão insuportável era a dor, que ela fez o juramento quando o óleo fervente havia chegado a três polegadas acima dos seus joelhos. Numa reunião de jogo de baralho, que teve lugar no East-Nashville, há algumas noites, vi Kitty Morgan ser ignorada por sete de suas colegas de colégio, que eram suas amigas íntimas, só porque ela se casou com um pintor de paredes. Apesar de se sentir em ebulição por dentro, Kitty Morgan se conduziu, através das diferentes mesas, exibindo o seu melhor e o seu mais simpático sorriso. Oh, sim, esta cidade é enfadonha. Não passa de umas poucas milhas de ruas, com casas de tijolo vermelho, com armazéns de secos e molhados e com quintais cheios de lama...

Nesse momento, alguém bateu à porta dos fundos e Azaléa Adair suspirou uma quase inaudível desculpa, e foi ver quem ali estava. Voltou dentro de três minutos, com os olhos brilhantes, as faces rosadas e dez anos a menos pesando nos ombros.

— O senhor vai tomar uma xícara de chá antes de sair — disse ela, e acrescentou: —...e, também, comer um pedaço de bolo.

Estendeu o braço e, apanhando uma campainha, agitou-a. Logo surgiu uma negrinha, de uns doze anos de idade, descalça, não muito limpa, e que olhava para mim com interesse, sem deixar de chupar o polegar. Quando se aproximou, Azaléa Adair abriu uma pequena e usada bolsa e retirou do seu interior uma nota de um dólar. Observei-a com curiosidade: tinha falta da quina superior direita, havia sido cortada ao meio, e fora emendada, outra vez, com uma fita de papel de seda azul colada. Tratava-se, sem dúvida, de uma das cédulas que eu havia dado, momentos antes, ao tirânico negro cocheiro.

— Peço que vá ao armazém do Sr. Baber, na esquina, Impy — disse ela, segurando a nota de um dólar —, e traga um quarto de libra de

chá — daquela marca que ele sempre manda — e dez centavos de bolo. Mas desejo que vá depressa, pois já se esgotou toda a reserva de chá que existia na casa.

Impy saiu pela porta dos fundos. Antes, porém, que o ruído dos seus pés descalços houvesse deixado de ser ouvido nos fundos da casa, um berro selvagem — que pensei haver sido dela — reboou na sala quase vazia. E, então, o irado acento de uma voz de homem misturou-se com os guinchos da menina, em uma algaravia ininteligível.

Azaléa Adair levantou-se, sem surpresa e sem emoção, e desapareceu. Pelo período de uns dois minutos, pude ouvir o resmungo da voz masculina e, em seguida, alguma coisa como um juramento e um ligeiro arrastar de pés, e logo ela retornou calmamente e assentou-se, de novo, na sua cadeira.

— Esta casa tem muitos quartos — explicou — e aluguei parte dela a um inquilino. Sinto muito ter de desfazer o convite para tomar chá comigo. Não foi possível conseguir a marca que sempre compro no armazém. Talvez amanhã o Sr. Baker já a tenha e possa, então, fornecê-la.

Estava certo de que Impy não havia tido tempo de nem ao menos sair da casa. Fiz perguntas sobre as linhas de bondes e pedi licença para me retirar.

Depois que já havia deixado a casa há algum tempo, lembrei-me de que não tivera a preocupação de me informar sobre o nome inteiro de Azaléa Adair. Mas o faria no dia seguinte.

Entretanto, naquele mesmo dia vi-me envolvido, de súbito, em uma aura de iniquidade que aquela cidade, na qual nada acontecia, criou em torno de mim. Encontrava-me ali há dois dias apenas e, apesar desse curto espaço de tempo, passei a mentir escandalosamente pelo telégrafo e acabei por me tornar cúmplice — levando-se em conta o fato, e se esta é a correta expressão legal — de um assassinato.

Quando fazia a volta de uma esquina, nas proximidades do meu hotel, o cocheiro africano, dono do poli crômico e incomum casaco, tomou-me pelo braço e, abrindo a porta do seu peripatético sarcófago e agitando seu espanador de penas, deu início a seu habitual arenga: — Entre, patrão. A carruagem está limpa — vinda diretamente de um funeral. Meio dólar para qualquer...

E, então, ele me reconheceu e abriu-se em um largo sorriso.

— Quero que me desculpe, senhor. Sei que é o cavalheiro que usou meu carro, hoje pela manhã. Muito obrigado por sua bondade, senhor.

— Amanhã, à tarde, vou voltar ao 861, mais ou menos às três horas — disse eu —, e, se estiver aqui, usarei, de novo, o seu carro. Sei, agora, que conhece a senhorita Adair — conclui, pensando no que havia acontecido com a minha nota de um dólar.

— Pertenci ao pai dela, o Juiz Adair, senhor — explicou.

— Acho que ela está em má situação financeira — prossegui.

— Não dispõe de muito dinheiro, não é mesmo?

Durante alguns instantes, contemplei, outra vez, aquele rosto sombrio de rei etíope e constatei, pouco depois, que ele havia se transformado no de um cocheiro de uma velha e tremelicante carruagem.

— Ela não irá passar fome, senhor — disse vagarosamente.

— Possui recursos, senhor. Tem com que viver.

— Pagarei meio dólar pela viagem — esclareci.

— O preço é perfeitamente razoável, senhor — respondeu, com humildade. — Tinha necessidade daqueles dois dólares hoje, pela manhã, patrão.

Entrei no hotel e menti pela eletricidade, passando o seguinte telegrama para o editor da revista: “A. Adair garantida por oito centavos a palavra.” A resposta veio quase imediatamente. ‘ Peche o negócio, rápido, seu pateta.’”

Um pouco antes do jantar, o “major” Wentworth Caswell aproximou-se de mim e me cumprimentou, como se fôssemos velhos amigos. Poucos homens conheci aos quais odiei instantaneamente e dos quais tive tanta dificuldade de me livrar, como aquele

Caswell. Estava no bar, quando ele me assaltou. Teria pagado com satisfação uma rodada de drinks, se isso pudesse contribuir para que não fosse convidado para outra. Contudo, ele era um desses desprezíveis, barulhentos e fanfarrões bebedores que exigem uma banda de música e muitos foguetes para anunciar qualquer centavo que gastam em suas farras.

Com ar de quem exibisse milhões, Caswell tirou duas notas de um dólar de um bolso e atirou uma delas sobre o balcão do bar. Via, mais uma vez, aquela cédula de um dólar, com falta da quina direita superior, cortada ao meio e emendada com uma fita de papel de seda azul! Sem dúvida, aquela nota havia sido minha, e não poderia haver qualquer erro a respeito.

Subi para o quarto. A garoa e a monotonia de uma enfadonha cidade sulina, onde nada acontecia, haviam me cansado e indisposto. Recordo-me que, um pouco antes de me deitar, procurei me desembaraçar mentalmente da misteriosa nota de um dólar — que poderia ter constituído a “chave” para uma admirável estória de detetive em São Francisco — declarando a mim mesmo, sonolentemente: — Parece que muita gente aqui é filiada ao Sindicato dos Condutores de Carruagens. Desejava saber... — E, então, adormeci.

O rei etíope estava no seu posto no dia seguinte e, pouco depois, passou a sacolejar meus ossos, conduzindo seu velho carro no

caminho para o 861. Deveria me esperar ali e me trazer de volta, quando já houvesse concluído o já referido “negócio”.

Encontrei Azaléa Adair mais pálida, mais limpa e mais frágil do que no dia anterior. Depois que havia assinado o contrato, de oito centavos por palavra, começou a ficar ainda mais pálida e passou a escorregar da cadeira, na qual estava assentada. Sem muito trabalho, consegui estendê-la no antediluviano sofá e, então, correndo até a calçada, ordenei ao pirata cor-de-café que fosse buscar um médico. Com uma sabedoria que ainda não havia surpreendido nele, abandonou sua carruagem e afastou-se, subindo a rua a pé, compreendendo, com admirável sagacidade, o valor da velocidade naquele momento. Dez minutos mais tarde, retornou com um médico, de ar grave, de cabelos grisalhos e de evidente competência. Em poucas palavras — valendo muito menos do que oito centavos cada — expliquei-lhe, então, a razão da minha presença naquela misteriosa casa. Ele se inclinou, demonstrando profunda compreensão, e voltou-se para o velho negro.

— Tio César — exclamou, com tranquilidade —, desejo que vá a minha casa e peça à senhorita Luci para lhe dar um jarro cheio de leite fresco e um meio copo de vinho do Porto. Em seguida, volte para cá. Não convém ir de carro, pois desejo tê-lo aqui, de novo, ainda esta semana.

Ocorreu-me que o Dr. Merriman não acreditava, igualmente, nos poderes de locomoção dos animais do velho etíope. Depois que o “tio César” havia partido — arrastando-se, mas sempre avançando ao longo da rua —, o médico observou-me com grande descrição e, após muito mais cautelosa conclusão, decidiu sobre o que conviria me dizer:

— Trata-se de um caso de subnutrição — explicou. — Ou, em outras palavras, de uma consequência de pobreza, de orgulho e de falta de alimentos. A senhora Caswell possui muitos amigos devotados, que a ajudariam com o maior prazer. Ela, porém, nada aceita a não ser o que lhe dá aquele velho preto, o “tio César”, que foi escravo de sua família.

— Senhora Caswell? — perguntei, surpreendido. Passei os olhos pelo contrato e constatei que ela havia assinado Azaléa Adair Caswell. — Pensei que ela fosse a senhorita Adair — ajuntei.

— Casada com um bêbedo, um perfeito vagabundo, senhor — explicou o médico. — Dizem que ele lhe toma até os níqueis com os quais seus antigos escravos contribuem para sustentá-la.

Quando o leite e o vinho chegaram, o médico logo conseguiu reviver a paciente. Ela se sentou e falou sobre a beleza das folhas no outono — a estação na qual nos encontrávamos — e referiu-se ligeiramente ao seu desmaio, alegando que se tratava do resultado de um antigo descontrole das palpitações do coração. Impy abanou-a, enquanto ela estava estendida no sofá. O médico deveria ir a algum lugar, e eu o acompanhei até a porta. Quando nos despedimos, disse que tinha a intenção de fazer a Azaléa Adair um adiantamento em dinheiro, por conta de suas futuras colaborações na revista, e ele se mostrou satisfeito com esse meu gesto.

— Por falar nisso — acrescentou —, talvez goste de saber que seu cocheiro é de sangue real. O avô do velho César foi um dos reis do Congo. O próprio César tem maneiras nobres, como deve ter observado.

Enquanto o médico se afastava, ouvi a voz do "tio César", vindo do interior da casa: — Será que cie teve a coragem de lhe tomar aqueles dois dólares, patroa Zalea?

— Levou-os, César — ouvi Azaléa responder, com voz sumida. E, então, eu entrei e, já havendo obtido sua assinatura no contrato, assumi a responsabilidade de lhe adiantar cinquenta dólares, explicando que se tratava de uma formalidade para sacramentar nossa transação. E, pouco depois, o "tio César" levou-me, de volta, para o hotel. Aqui termina a estória, no que diz respeito ao que posso certificar, como testemunha. De ora em diante, teremos apenas um simples relato de alguns fatos.

Cerca das seis horas da tarde, saí para uma caminhada. O “tio César” estava no seu “ponto”, situado na esquina. Logo abriu a porta da carruagem; agitou o espanador de penas; e deu início à pungente propaganda: — Entre, por favor, senhor. Meio dólar até qualquer parte da cidade. O carro está limpo. Acabo de vir de um funeral. — Mas, de súbito, me reconheceu. Creio que sua vista já não era mais tão boa. Seu casaco apresentava alguns novos matizes desbotados e o último botão remanescente — o botão amarelo de chifre — havia desaparecido. O velho “tio César” era, na realidade, um bufão — um bufão descendente de reis!

Duas horas mais tarde, vi uma multidão agitada, reunida em frente de uma farmácia. Num deserto, onde nada acontecia, aquela movimentação não deixou de me atrair. Esgueirei-me através dos populares, e penetrei na botica. Sobre um sofá improvisado com caixotes vazios estava estendido o corpo do “major” Wentworth Caswell. Um médico o examinava, e sua conclusão foi de que nada mais poderia ser feito para salvá-lo.

O major “ersatz” tinha sido encontrado morto em uma rua escura, e fora levado, por curiosos, para aquela farmácia. O defunto ser humano havia se empenhado em um terrível batalha, o que se tornava evidente pelo exame dos ferimentos de que tinha sido vítima. Conquanto desprezível e trapaceiro, ele fora, igualmente, um lutador. Mas perdera a última luta. Suas mãos estavam tão fechadas que os dedos não puderam ser abertos. Os cidadãos de boa índole, que o haviam conhecido, permaneciam de pé ao lado do corpo e rebuscavam seu vocabulário, em busca de palavras lisonjeiras — se isso fosse possível — com as quais pudessem se referir a ele. Um senhor de boa aparência disse, depois de muito pensar: — Quando “Cas” tinha quatorze anos era quem melhor escrevia na escola...

Enquanto permanecia ali, os dedos da sua mão direita, que pendia de um caixote de pinho branco, relaxaram e deixaram cair qualquer coisa, que se alojou junto aos meus pés. Cobri-a imediatamente com a sola do sapato e, um pouco mais tarde, a apanhei e a guardei no bolso. Raciocinei que, no decorrer da sua última luta, Caswell

deveria ter agarrado aquele objeto e o conservara preso, no interior da mão, mesmo após a morte.

Naquela noite, o assunto principal das conversas entre os hóspedes do hotel, com exceção da política e da Lei Seca, foi a morte do Major Caswell. Ouvi alguém dizer para um grupo de ouvintes:

— Segundo acredito, senhores, Caswell foi assassinado por um desses muitos negros, existentes na cidade, por causa do seu dinheiro. Hoje, à tarde, ele tinha cinquenta dólares e os exibiu a muitas pessoas no hotel. Quando seu corpo foi encontrado, esse dinheiro havia desaparecido.

Deixei Nashville às 9 horas da manhã seguinte e, quando o trem estava atravessando a ponte sobre o rio Cumberland, tirei do bolso um botão amarelo de chifre, do tamanho de uma moeda de meio dólar, com uns restos de cânhamo cru ainda nele presos, e atirei tudo pela janela, na água barrenta que corria, lá embaixo.

Desejava saber o que estava acontecendo em Búfalo...

**Fim**